

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA

A JOIA DO ORIENTE PRÉ AMPLIFICADOR SHINDO AURIEGES L



E MAIS

TESTES DE ÁUDIO

NETWORK PLAYER STREAMER
CAMBRIDGE AUDIO AZUR 851N
CABO DE CAIXA FEEL DIFFERENT FDIII - SÉRIE 3
PRO-JECT STREAM BOX S2 ULTRA

OPINIÃO

A DIFÍCIL ARTE DE ENCONTRAR
O PONTO DE EQUILÍBRIO

UMA NOVA GERAÇÃO DE CONDICIONADORES

CONDICIONADOR DE ENERGIA GIGAWATT PC-4 EVO+



REL
ACOUSTICS LTD.

SEU SUBWOOFER DEFINITIVO

A **REL Acoustics** é uma empresa de áudio especializada na fabricação de Subwoofers.

Através de anos de esforço e dedicação, seus subwoofers tornaram-se absolutamente surpreendentes, pois eles não reproduzem apenas a batida da música, mas nuances e notas musicais, trazendo à tona uma riqueza de detalhes nos subgraves antes despercebidas.

REL, a solução definitiva em subwoofer.



ÍNDICE



PRÉ AMPLIFICADOR SHINDO AURIEGES L

68

E EDITORIAL 4

Gabinets de caixas acústicas devem ser vivos ou rígidos?

NOVIDADES 6

Grandes novidades das principais marcas do mercado

HI-END PELO MUNDO 10

Novidades

OPINIÃO 12

A difícil arte de encontrar o ponto de equilíbrio

PLAYLISTS 18

Playlists de agosto

INTERNACIONAL 24

Novidades

DISCOS DO MÊS 30

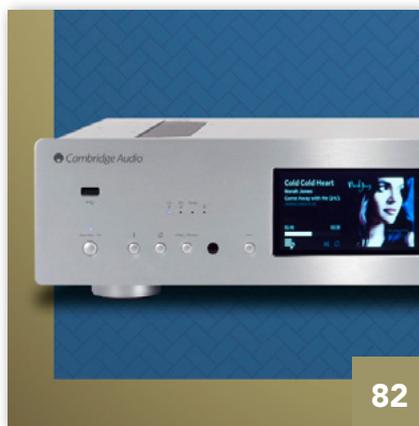
Clássico, Minimalista & Clássico

AUDIOFONE 39

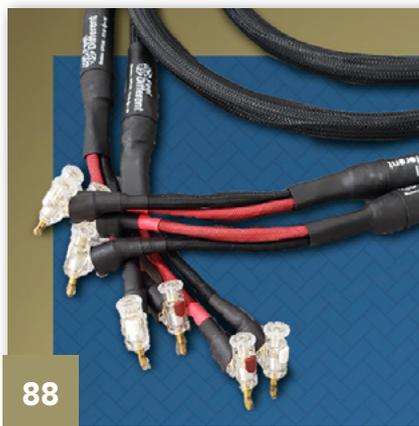
Volume 7



74



82



88

TESTES DE ÁUDIO

68
Pré amplificador
Shindo Aurieges I

74
Condicionador de energia
Gigawatt PC-4 EVO+

82
Network player streamer
Cambridge Audio Azur 851N

88
Cabo de caixa
Feel Different FDIII - Série 3

94
Pro-Ject Stream Box S2 Ultra

ESPAÇO ABERTO 100

O problema não é errar e sim persistir

VENDAS E TROCAS 102

Excelentes oportunidades de negócios



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

GABINETES DE CAIXAS ACÚSTICAS DEVEM SER VIVOS OU RÍGIDOS?

Eis uma pergunta recorrente aos longos de todos os anos, feitas por nossos leitores. Fizemos até algumas matérias técnicas tentando explicar as vantagens e desvantagens de cada proposta, mas parece que essa discussão não terá fim tão cedo. Afinal, o mercado hi-end está repleto de excelentes caixas acústicas que defendem com méritos, ambos os caminhos. No entanto, devo alertar aos novos leitores, que caixas acústicas nos nossos 24 anos de vida foram os produtos mais abortados (do total de devolução de produtos enviados para teste, 63% foram caixas acústicas), e desses, as caixas com gabinetes vivos ganham disparado em relação aos gabinetes rígidos. Claro que temos que levar em conta que os gabinetes mais finos e simples predominam nos produtos de entrada, e isso certamente deve ser levado em consideração em nossas estáticas, e geralmente os gabinetes mais rígidos são utilizados em caixas de maior valor (pelo próprio custo do material). E, na minha opinião, só existe um jeito de verificar se a caixa (independente do seu gabinete), é correta ou não: ouvindo. Na audiofilia testes objetivos só dizem uma parte do que é o produto, a parte essencial quem vai avaliar é o consumidor (seja ele experiente ou não). Pois, como no caso dos gabinetes de caixas, nos testes de laboratório é comum produtos com excelente resultado soarem ruins, assim como o inverso também é possível (testes ruins de laboratório e o produto ter um desempenho magnífico). Um exemplo que sempre me vêm à cabeça é de um pré de phono da Shindo, que o revisor Art Dudley adorou e o colocou entre seus prés de phonos preferidos, e que no teste de laboratório teve resultados abaixo do aceitável! Isso mesmo, amigo leitor, os testes de laboratório foram contundentemente contrários ao que a avaliação subjetiva percebeu. Voltando aos gabinetes de caixas acústicas, tenho a mania desde a minha infância de fazer o teste de gabinete com o nó dos dedos. Uma mania que se tornou um “tique” em mim. Então toda caixa que chega a nossa sala de testes, lá vou eu, antes mesmo de ligá-las, realizar o teste e tentar decifrar se aquela caixa soará ou não decentemente. Eis um teste que mais acertei do que erreí. Geralmente se o gabinete for muito vivo, e ele “soar” em frequências diferentes nas laterais para as costas da caixa, haverá problema de ressonância, interferindo ora na

região grave, ora nos médios. Já as caixas com gabinetes ultra rígidos em sua totalidade, a ressonância geralmente irá soar na região média. O legal é que, quando o fabricante é muito competente, ele consegue “driblar” este problema no crossover ou com características físicas no cone do falante. E se o fabricante não tiver este grau de conhecimento, os problemas serão inevitavelmente audíveis. E se forem muito evidentes, irão aparecer no equilíbrio tonal e aí não nos resta outra opção, a não ser abortar o teste! Então só posso dar um conselho à você, que irá em breve realizar um upgrade nas caixas acústicas: fique atento às especificações técnicas, para ver se haverá um bom casamento com o seu power (sensibilidade da caixa), certifique-se que seu power não irá “engasgar” caso a caixa desça abaixo de 2 Ohms em determinadas frequências e se a resposta dos graves da caixa, sua sala sem tratamento acústico aceita. Feita a avaliação das especificações técnicas da caixa, vem o mais importante: ouça-as com os seus discos e, se puder, na sua sala com o seu sistema. Se você perceber que, ao aumentar o volume, determinadas frequências ressoam mais do que deviam, alterando o equilíbrio tonal, desconfie do gabinete, que pode ser muito vivo. E, caso os graves pareçam estar embotados e muito secos em gravações que você sabe que os graves não soam dessa maneira, desconfie que o gabinete pode ser rígido demais. Escrevi este editorial em respeito aos onze leitores que mandaram essa mesma dúvida em uma única semana. Talvez os esclarecimentos possam ser úteis a todos que estão pensando em fazer um upgrade de caixa.

Nesta edição testamos um pré minimalista da Shindo, e o batizei de “joia rara”. Também testamos um condicionador que irá revolucionar os dispositivos de limpeza de rede elétrica. Testamos o streamer Azur 851N da Cambridge Audio, com uma performance digna dos prêmios internacionais conquistados, o Project Stream Box S2, que pode perfeitamente ser o streamer de entrada de muitos que querem melhorar seu setup digital, e o cabo de caixa da Feel Different FDIII, que fará a alegria de inúmeros leitores que aspiram um cabo Estado da Arte Superlativo custando 2.000 dólares!

Se cuidem, sejam firmes e não percam as esperanças - podemos e devemos seguir em frente! ■

IMPRESSONANTEMENTE REVELADOR



LINHA
EDGE

AMPLIFICADOR

INTEGRADO

A

Em comemoração aos 50 anos da Cambridge Audio, perguntamos aos nossos engenheiros uma questão simples: “o que vocês fariam se qualquer coisa fosse possível?”. Esqueça os custos. Esqueça as limitações. A resposta é a Linha Edge. Um sistema Hi-Fi altamente refinado, que oferece um palco sonoro com todos os detalhes. Fiel às fundações da Cambridge Audio em inovação criativa e ambição empreendedora.



SONY BRASIL ANUNCIA TVS COM SELO “IDEAL PARA O PLAYSTATION 5” E RESOLUÇÃO DE ATÉ 8K



A Sony Brasil acaba de anunciar que está atualizando seu portfólio de televisões com grandes diferenciais, resolução de até 8K e selo “ideal para o PlayStation 5.”

São dois novos modelos: o XBR X905H com resolução 4K, HDR e Full Array, com capacidade de exibir imagens de jogos com resolução 4K em 120 fps latência de 7,2ms, e o novo modelo XBR Z8H de resolução 8K, HDR e Full Array, permitindo o uso da resolução máxima apenas em jogos compatíveis que ainda serão lançados para o PS5.

Estas são as primeiras TVs da Sony a receberem o selo “ideal para o PlayStation 5” e, com isso, é esperado que mais modelos sejam apresentados nos próximos meses. Os modelos também chegam com BRAVIA Game Mode, “onde a TV detecta automaticamente o novo console e entra no modo de baixa latência, melhorando a experiência nos jogos.”

A nota oficial liberada à imprensa afirma que “as TVs da Sony oferecem imagens com cores vibrantes e um contraste impressionante, graças à família de processadores X1 de última geração. Além disso,

o poderoso som que sai direto da tela da TV cria uma experiência realista e cativante. Graças às tecnologias de ponta exclusivas da Sony, os usuários ficam totalmente imersos no alto nível de jogabilidade oferecido pela próxima geração, o PS5.”

Os modelos fazem parte da experiência “One Sony”, que é um programa da própria empresa que visa dar suporte a um ecossistema de produtos com um amplo portfólio. Dessa forma, as TVs ganham o diferencial do suporte para o PS5, assim como é esperado que o futuro headphone WH-1000XM4 que já está sendo promovido no Brasil também faça parte do programa.

A Sony não detalhou informações de data de lançamento e preço, mas é esperado que tais detalhes sejam revelados muito em breve. ■

Para mais informações:
Sony
www.sony.com.br

PRECISÃO COM ALMA



Fundada em 1951, a NAGRA é a empresa suíça de áudio hi-end mais respeitada e admirada neste segmento. Seus produtos são feitos a mão, por profissionais altamente gabaritados e contruídos para durar por décadas. Ter um NAGRA é a realização de todos que amam ouvir música da melhor maneira possível. E AGORA VOCÊ PODERÁ REALIZAR ESTE SONHO!!

NAGRA

Acesse o link e entenda a paixão mundial pela NAGRA.



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

german
Audio

www.germanaudio.com.br

comercial@germanaudio.com.br - contato@germanaudio.com.br



hi-fi *experience*
high performance 2D diffuser

Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!



O novo painel acústico Pererĩ oferece funcionalidade, eficiência e requinte.

Também desenvolvemos ressonadores, difusores customizados, absorvedores, portas acústicas, racks, pedestais, entre outras peças e dispositivos para salas de audição, estúdios e home theaters.



hi-fi *experience*
www.hifiexperience.com.br

NOVIDADES

CES 2021 CONFIRMADA COMO EVENTO TOTALMENTE ONLINE



“Não será possível trazer dezenas de milhares de pessoas à Las Vegas com segurança em Janeiro de 2021”.

A maior feira de tecnologia de consumo do mundo, a CES Las Vegas, teve sua edição de 2021 confirmada. O anúncio de que o evento será exclusivamente online vai contra (de maneira compreensível) o press-release de junho último, que declarava que o evento iria acontecer de forma normal em janeiro de 2021, de maneira presencial em Las Vegas.

“Com o aumento das preocupações mundiais com a saúde, por causa do alastramento do COVID-19, não será possível trazer dezenas de milhares de pessoas à Las Vegas com segurança em janeiro de 2021 para se encontrarem e fazerem negócios presencialmente... A CES 2021 continuará a ser a plataforma para lançamento de produtos, travar conhecimento com marcas globais, e definir o futuro da indústria de tecnologia” - foi o mais recente anúncio feito pela Consumer Technology Association (CTA), organizadora da CES.

A CES 2021 totalmente online, que irá acontecer de 6 à 9 de janeiro, verá a CTA “reimaginando” como conectar expositores, clientes e a mídia do mundo todo e, ao mesmo tempo, “priorizando a saúde e a segurança”.

Mais detalhes sobre a natureza do evento exclusivamente online logo serão divulgadas, mas esperamos que logo os fabricantes comecem logo sua divulgação de produtos - apesar de que muitas pessoas sentirão a falta de conhecer as novidades tecnológicas em carne-e-osso.

Enquanto isso, o evento IFA, a maior feira de eletrônicos de consumo na Europa, permanece confirmado para o começo de setembro de 2020 em Berlim, na Alemanha, presencialmente porém com várias regras e restrições para distanciamento humano. ■

Para mais informações:
CES
www.ces.tech



**O melhor integrado
produzido no Brasil**

*A Sunrise Lab tem o prazer de
apresentar o V8 SS, o amplifi-
cador nacional com a melhor
relação custo/performance já
avaliado pela AVMAG.*



Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica



DAC FRÉROT DA MERASON

E empresa suíça Merason acaba de lançar seu segundo produto, o DAC Frérot - um conversor abaixo de seu irmão maior dual-mono modelo DAC1. O DAC Frérot usa apenas um chip conversor BurrBrown 1794A, possui duas entradas digitais coaxiais, duas óticas toslink, e uma USB - que aceitam PCM até 24-bit/192 kHz - além de trazer um circuito com caminho de sinal totalmente balanceado, fonte de alimentação externa, assim como saídas analógicas balanceadas XLR e também single-ended RCA. O preço do pequeno DAC Merason Frérot é de 1000 Euros, na Europa. ■

www.merason.ch

CÁPSULA UMAMI RED TOPO DE LINHA DA HANA

A japonesa Excel Sound Corporation é um antigo fabricante de braços de alta qualidade e cápsulas para toca-discos. Com o retorno do vinil ao mainstream, a Excel criou a marca Hana para uma linha cápsulas Moving Coil (MC) com a mais alta relação custo/benefício. Sua mais nova cápsula topo de linha é a Hana Umami Red, MC de saída baixa, sendo que “umami” é, no Japão, a mais alta categoria de paladar, com alta intensidade de sabor. A Umami Red usa corpo de ébano e duralumínio, com bobinas de cobre de alta pureza, partes tratadas criogenicamente, e diamante com perfil Microline. O preço da Hana Umami Red ainda não foi divulgado fora do Japão. ■

www.youtek.jp/hana



FONE DE OUVIDO GRADO HEMP

Sediada no Brooklyn, em Nova York, a Grado é tão conhecida pela sua linha tradicional de fones de ouvido, quanto por suas cápsulas para toca-discos de vinil. Seu mais recente fone em edição limitada é o Hemp, cuja estrutura da concha é feita de cânhamo de cannabis prensado - sendo esse cânhamo uma modalidade de espécie da planta que é amplamente usada por suas fibras para papel, tecidos, etc, e, portanto, tem boas propriedades ressonantes, provendo uma sonoridade especial ao fone de ouvido. O preço do fone Grado Hemp Limited Edition é de US\$ 420, nos EUA. ■

www.gradolabs.com



MONITORES ATIVOS KLIPSCH THE FIVES

A célebre Klipsch, desenvolvedora americana de caixas acústicas tipo horn, de alta sensibilidade, lançou o par de caixas ativas The Fives, que usa um tweeter horn tipo tractrix e um midwoofer 4.5 polegadas, e carrega um amplificador digital para cada falante (totalizando 160 W), regulado por um processamento DSP de alta qualidade, e traz entradas RCA (de linha e de phono MM), digitais USB e toslink, além de conectividade Bluetooth, controle remoto e saída para subwoofer. O preço do par de caixas ativas Klipsch The Fives é de US\$ 800, nos EUA. ■

www.klipsch.com

POWER ESTÉREO SPA-8 DA PLAYBACK DESIGNS

A norte-americana Playback Designs está mostrando seu power topo de linha. O SPA-8 pesa 130kg e provê 1600W por canal de potência contínua em 4 ohms, trazendo especificações de baixa distorção. O SPA-1 usa um estágio de entrada classe A, com estágio de saída classe AB com 20 transistores por canal, com circuito de bias preciso e ultra-rápido, e dois transformadores de 1.8kVA. O preço do power Playback Designs SPA-8 não foi divulgado. ■

www.playbackdesigns.com

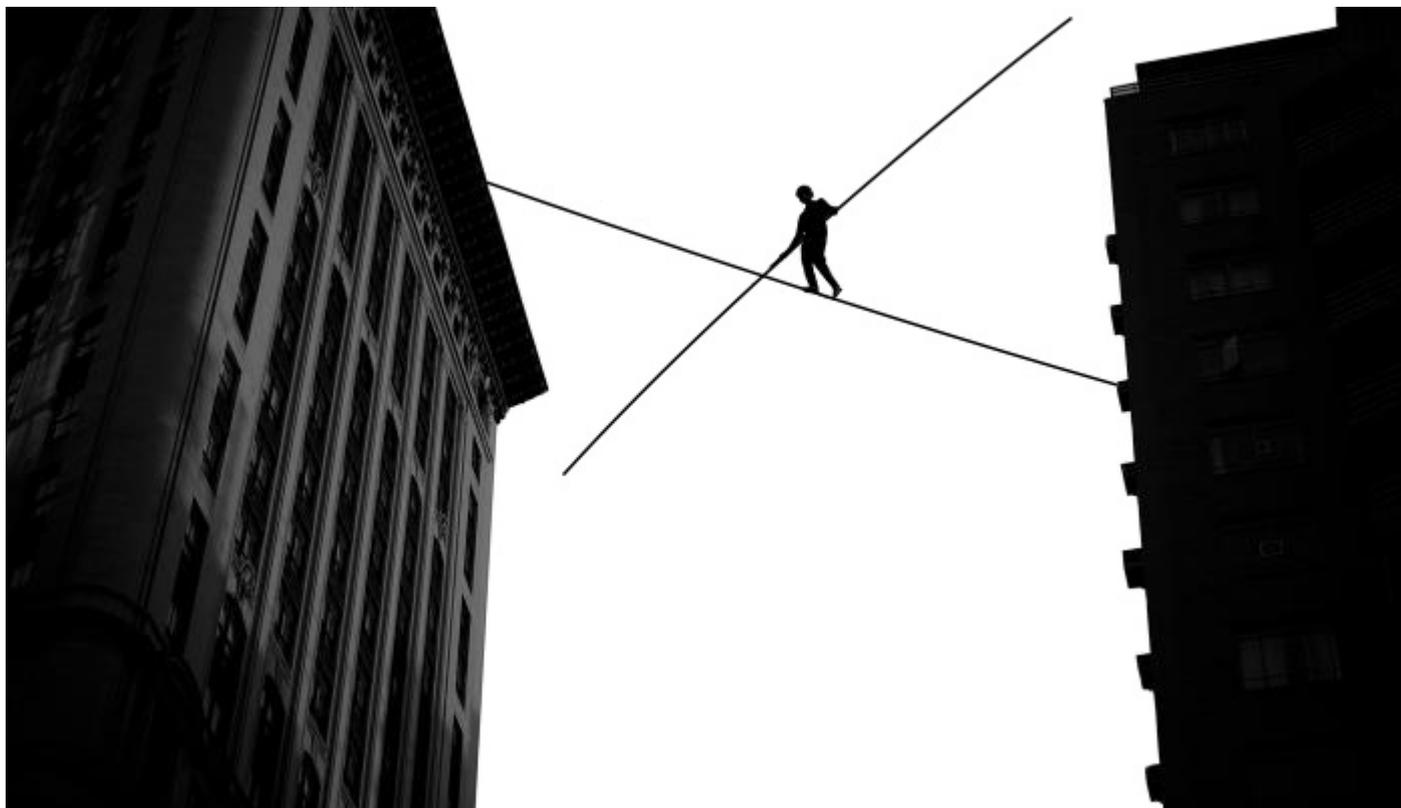


TOCA-DISCOS CHROMA DA ELIPSON AUDIO

A francesa Elipson Audio acaba de anunciar sua nova linha de toca-discos Chroma - substituindo as linhas anteriores Alpha e Omega - e continua sendo desenvolvida e fabricada pela empresa na França. Os toca-discos Chroma podem vir equipados com as cápsulas Ortofon OM10 ou 2M Red, a base pode ser de PVC ou de acrílico, e os braços podem ser de alumínio ou de fibra de carbono - de acordo com cada modelo dentro da linha - e também podem vir com pré de fono interno e saída USB para digitalização de vinil. O preço do modelo mais completo, o Chroma 400 RIAA BT, é de 799 Euros, na Europa. ■

en.elipson.com





A DIFÍCIL ARTE DE ENCONTRAR O PONTO DE EQUILÍBRIO

XX **Fernando Andrette**
fernando@clubedoaudio.com.br

Este é um tema espinhoso, e que vive a atormentar todo o segmento editorial que tenha por objetivo avaliar bens duráveis. Pois nunca haverá unanimidade e sempre qualquer análise gerará dúvidas, críticas e desconfianças.

Então, por que razão um sujeito se lança neste perigoso caminho? As razões são múltiplas, acreditem. Já vivi tempo suficiente para ver projetos editoriais vingarem e se solidificarem no mercado, como presenciei inúmeros não chegarem ao seu segundo aniversário.

O que me faz lembrar que o mercado, além de volátil, não é nenhuma garantia de boas ideias e intenções. Sua dinâmica exige conhecimento profundo do que está se fazendo e também um bocado

de sorte (sabe aquela famosa frase: “no lugar certo, na hora exata?”), e ainda assim, nada será garantido.

Pois a tecnologia é o sr. “desmancha prazeres”, sempre à espreita como a morte com sua foice, pronta a decapitar cabeças e projetos.

Darei um exemplo bastante recente, que os smartphones irão acabar com o mercado de máquinas fotográficas. Alguns estimam que em 5 anos ou os fabricantes de máquinas fotográficas se reinventam ou terão o mesmo triste fim da Kodak, Fuji Film e das máquinas de escrever Olivetti. Como Editor, imediatamente me veio à mente a revista Photo, que tanto aprecio e acompanho há mais de 30 anos!

E não adianta buscar mocinhos e bandidos, pois a tecnologia é implacável com o que se torna obsoleto ou é atropelado por novas tendências e necessidades do mercado.

O tema deste Opinião me veio após tomar conhecimento de que um site britânico de áudio de nome 13th Note, do jornalista Simon Price, fechou as portas após não conseguir apoio dos fabricantes de áudio do Reino Unido. E, talvez com a cabeça ainda quente, Simon saiu atirando para tudo quanto é lado. Pois certamente contava que o mercado receberia com muito bons olhos suas resenhas críticas, escritas de forma independente e com a sempre dose de humor britânico.

Simon tinha como “espinha dorsal” de sua linha editorial questionar os produtos Ultra Hi-End, buscando sempre apresentar produtos com um excelente custo e performance, por um décimo dos top hi-end. Simon investiu tempo, dinheiro em equipamentos e em pesquisar o mercado minuciosamente na busca desses produtos bons e baratos.

No entanto, com o passar dos meses, Simon descobriu que todo o seu investimento não estava lhe trazendo retorno financeiro, mesmo ele demonstrando ao mercado que suas avaliações estavam aumentando a receita de vendas dos produtos por ele testados.

Frustrado com a falta de apoio dos fabricantes, Simon decidiu na segunda quinzena de julho encerrar o site.

Em uma série de artigos, justifica sua decisão ao seu público e sai atirando no mercado. Eu não acompanhei todos os posts publicados, mas me chamou atenção um deles em que ele escreve que comprovadamente sua avaliação positiva de uma caixa acústica levou 4 dos seus leitores a comprar o produto e que o fabricante recebeu 40 mil libras por essas vendas e que ele deveria ser ressarcido com anúncios em seu site.

Já que ninguém trabalha de graça!

Ainda que ele tenha recebido apoio de parte de seus leitores, outra parte se mostrou indignada enviando mensagens pouco “amigáveis” ao pobre Simon. Uma delas me pareceu bastante emblemática, pois mostra o outro lado desta moeda, chamada “verdade”. A mensagem foi postada pelo internauta Daniel McCarthy: “A compensação é o termo correto? Você disse que se isso leva à um aumento de vendas. Uma revisão negativa pode reduzir as vendas, então você, ‘compensaria’ o fabricante por isso?”.

A verdade sempre tem dois lados, e saber entender essa verdade significa que antes de você se meter em um terreno enlameado é melhor você procurar conhecer todas as variáveis que irá encontrar.

Não sei se o pobre Simon Price achou que seu conhecimento e boas ideias seriam o suficiente para o mercado entender que ali estava um canal que deveria ser apoiado, ou se foi movido pela soberba humana de sempre achar que “eu serei a diferença”! Pela sua reação, fico com a segunda opção, mas temos que levar em conta também que a frustração nos leva a atitudes que normalmente evitamos.

Esta não será a primeira e nem a última vez em que acompanharemos mídias especializadas fecharem as portas. O que podemos tirar desses exemplos diários é que um negócio para se manter precisa antes de tudo ser parte integrante do mercado em que atua.

E ser parte deste “tecido” envolve riscos permanentes e muitas críticas. Críticas pesadas e muitas vezes infundadas ou virulentas.

Meu amigo, com quase três décadas neste ramo, já ouvi de tudo a nosso respeito, coisas muito pesadas tipo: “fomos sócios de inúmeros importadores” (claro que a cronologia sempre envolveu os equipamentos de referência que estávamos usando na época), que “só testamos produtos que o importador nos forneça gratuitamente” (se assim fosse, já teria partido para o ramo de usados), que “os produtos testados só têm essa performance por serem ‘turbinados’ antes de serem enviados” e, por fim, a mais utilizada: “só testamos produtos que temos interesse de divulgar ou vender”.

Para os nossos críticos mais virulentos, jamais haverá argumentos sólidos para remover suas convicções, mas para os que ainda possuem a qualidade humana de ouvir os dois lados, antes de concluir sua opinião, eis aqui o outro lado da moeda:

Antes de montar o Clube do Áudio, tive tempo suficiente para refletir todos os prós e contras de me meter nesta empreitada. E, por sorte, três anos de revista Audio News, para entender perfeitamente como a indústria do áudio (ainda sob a insana reserva de mercado) funcionava e mantinha a mídia sob suas “rédeas curtas”.

Confesso que, se não houvesse a conjugação certa de: hora certa no lugar certo, eu teria certamente voltado para o mercado de instrumentos musicais, onde tinha excelentes contatos e fabricantes interessados em meu conhecimento e trabalho desenvolvido no grupo Roland.

Mas o universo conspirou a meu favor, com a abertura de mercado, e vi naquele momento a chance de ajudar a criar uma rede de importadores dispostos a investir neste segmento que partiria do zero!

Não nascemos como uma publicação segmentada, e sim como um núcleo de fomentação de um novo mercado. Por isso o nome Clube do Áudio.

Participamos ativamente ajudando os importadores a trazerem marcas, mostrando à gravadora Movieplay que existia um mercado a ser atendido com gravações audiófilas, organizando os primeiros Hi-Fi Shows e mostrando a fabricantes nacionais como atender as lacunas deste mercado, que estava em seu nascedouro, com acessórios como racks e pedestais (muitos irão se lembrar imediatamente da Airon do amigo Tada Ikeda).

Trabalhamos arduamente e os frutos vieram muito rápido, tão rápido que com apenas seis meses da primeira edição da revista estávamos realizando o primeiro Hi-Fi Show com 12 expositores!

Porém havia um “nó” neste projeto, que com o nosso crescimento exponencial me incomodava cada vez mais: a falta de uma Metodologia para separarmos o joio do trigo. Pois eu sabia que após o mercado estar razoavelmente estruturado, deveríamos nos concentrar 100% na linha editorial da revista.

Tive longas discussões com o meu pai e nossos colaboradores, de que deveríamos dar um passo adiante antes que o mercado notasse a necessidade de mudanças na maneira de avaliarmos os testes.

A maioria das publicações da época se eximiam de serem rigorosas nas conclusões, usando estrelas ou classificações como A, B e C. Deixando o critério de escolha para o próprio leitor. Poderíamos ter mantido essa forma, ou poderíamos ir mais adiante (já que o mercado estava iniciando).

E decidimos pelo mais complicado, pois além de uma Metodologia, teríamos que montar toda uma estrutura gigantesca para abraçar a nova Metodologia como: salas tratadas acústica e tecnicamente, sistemas realmente de referência (com a obrigatoriedade de upgrades constantes para acompanhar a evolução de mercado e novas tecnologias), gravações seguras produzidas pela revista para serem as nossas Referências nas avaliações dos produtos testados. E, o mais importante: explicar para os nossos leitores cada quesito de nossa Metodologia, para eles poderem continuar entendendo o que escrevíamos.

Ainda hoje me dá calafrios lembrar as noites mal dormidas, os embates com a participação de todos os nossos colaboradores e a recusa de alguns em aceitar a mudança em nossa linha editorial (pois esses achavam que a Metodologia engessaria a livre expressão subjetiva), e por fim arrumar a grana necessária para investir em equipamentos melhores, salas com acústica e elétrica tratadas, produzir os primeiros discos, e montar os Cursos de Percepção Auditiva para as primeiras turmas.

Até que em maio de 1999, no terceiro ano da revista, lançamos nossa Metodologia! É preciso sempre lembrar aos nossos novos

leitores que este salto editorial só foi possível graças ao apoio do segmento como um todo!

Exemplos: importadores nos venderam os equipamentos que precisávamos a preço de custo, a gravadora Movieplay bancou integralmente os custos de produção e prensagem dos *Genuinamente Brasileiro* volumes 1 e 2 (aliás, aos interessados, agora no Tidal você pode escutar esses dois discos e também o *Lachrimae* do André Mehmar e, em breve, o *Canto das Águas* do André Geraissati).

E conseguimos emprestado inúmeros equipamentos para os Cursos de Percepção Auditiva (pois precisávamos demonstrar nesses cursos, como soava um sistema Prata, um Ouro e um Diamante). Sendo que os custos de aluguel da sala do Hotel Linson, coffee break, traslado de todos esses equipamentos e pessoal de apoio, eram integralmente pagos pela Editora.

A Metodologia foi a nossa “carta de alforria” e a prova de que se não tivéssemos dado este salto à frente, essa revista teria acabado há muito tempo. Pois, ao apresentarmos ao mercado o que iríamos fazer, definimos a todos que os produtos que não atingissem a expectativa de nota do fabricante ou importador seriam abortados. E demos a garantia aos importadores e fabricantes que os produtos abortados não seriam “vazados” ao mercado, dando o direito de escolha de ser ou não publicado o teste.

Os nossos críticos avaliam que este método impede que o consumidor saiba o que é bom ou ruim. Discordo integralmente, pois qualquer um pode perfeitamente deduzir que se determinada marca existente no mercado nunca é por nós avaliada, algo deve existir.

Perdemos inúmeros clientes por abortamos seus testes. Outros acharam que por serem nossos anunciantes não seríamos capazes de dar uma nota “baixa” ao seu produto, e “pagaram” para ver. O que os levou, também, a romper a parceria conosco.

Outros sempre aceitaram esta política e continuam nossos parceiros até hoje. Alguns vão e voltam.

Essa é a dinâmica da vida e dos negócios, aceitar essa realidade nos permite menor frustração e não cria expectativas falsas.

Muitas vezes, os participantes dos nossos cursos nos questionaram o percentual de produtos abortados por ano. Este número já variou muito, foi no começo de apenas 10%, crescendo para quase 50% entre o final do século 20 e primeiros anos do século 21. E hoje se encontra no patamar de 15%. O que mostra que toda vez que o mercado retrai (como agora com esta pandemia e a alta excessiva do dólar), o importador fica muito mais seletivo em suas escolhas, e cuidadoso. Mas sempre há aquela tendência de descobrir o bom e barato, que possa ampliar o volume de vendas e abocanhar uma parte da fatia de mercado do concorrente. ►

Um outro aspecto da Metodologia, que jamais poderia imaginar, é o efeito reverso. O do leitor que acredita que um produto barato não possa ser classificado como Estado da Arte. Tivemos dezenas de exemplos nos últimos anos, de leitores indignados que uma caixa acústica de 2000 reais como a coluna Pioneer modelo SP-FS52 By Andrew Jones, possa ser classificada como Estado da Arte. Ou da caixa, também coluna, da Emotiva modelo Airmotiv T1, de apenas 5 mil reais (era este preço antes da pandemia, no Mercado Livre), ter uma nota tão boa em todos os quesitos.



Pioneer SP-FS52 By Andrew Jones

Para os que acham que as notas estarão sempre “vinculadas” à quantidade de anúncios, esses dois exemplos provam bem que este raciocínio está errado.

Elas e tantos outros produtos por nós testados, receberam a nota correta, pois valem cada centavo do que custam, o que prova o quanto este mercado evoluiu e se tornou mais competitivo e atraente para quem tem pouca grana, mas deseja ter um sistema decente e com boa performance.

Essa é a notícia boa, que escrevo insistentemente de tempos em tempos em nossos editoriais e em nossos testes.

E este processo é irreversível.

Nunca escolhemos lados, ainda que por muitos anos fôssemos acusados de ser extremamente elitistas e só fomentar o produto de luxo e inacessível à esmagadora maioria dos mortais. Mostramos que isso não era nossa culpa, e que à medida que o mercado interno se expandisse, chegaria até nós para serem testados produtos mais condizentes com a nossa triste realidade.

Sempre estamos muito atentos às movimentações de mercado, e ainda hoje indicamos, à todos os importadores que nos pedem, marcas e produtos que deveriam entrar em seus radares.

Esta é uma de minhas funções favoritas: conseguir convencer um importador que determinado produto poderia estar em nosso mercado. E faço isso por prazer, e não para ser moeda de troca ou receber algum benefício. Se formos listar as marcas que indicamos à todos os importadores que, em algum momento, participaram da história desta revista, os senhores irão se surpreender!

Sem correr o risco de superdimensionar este trabalho, posso afirmar que pelo menos 40% de tudo que já esteve (ou permanece) no mercado, foi indicação nossa!

O mesmo ocorre na questão de consultorias. Nossos críticos acusam que uma publicação não pode indicar aos seus leitores produtos. Este é um benefício que se iniciou com o Clube do Áudio. E se mantém até hoje. Foram mais de 30 mil consultorias nesses 23 anos. Uma média de 13 ao dia. Respondo a todas, e o custo dessas consultorias é zero! Pois em um país de gigantesco território, em que grande parte dos leitores está a km de distância do único showroom existente, e tem enorme dificuldade de ouvir o que deseja, se testamos este produto é nossa obrigação tirar suas dúvidas. Ele geralmente quer apenas saber se o produto A possui sinergia com o produto B. Ou se substituir o produto A será um upgrade seguro pelo produto B. Ele basicamente já tem sua lista de produtos formulada.

Acabou o tempo em que este leitor nos escrevia (sim, no começo recebíamos muitas cartas diariamente) para dizer que tinha “x mil reais” e queria uma dica de um setup completo. Lembro que quando tínhamos a seção de cartas na revista, muitos no HT Forum reclamavam dizendo que o Andrette sempre respondia da mesma maneira: “Especifiquem sala, gosto musical, volume que escuta”, antes de dar uma resposta concreta.

Talvez hoje eles tenham compreendido que um sistema vai muito além de marcas e modelos. Ele cumpre com um objetivo: dar prazer ao escutar nossa música preferida! E que, dependendo do gênero ▶

OPINIÃO

musical deste leitor, ele possa baratear significativamente o custo do seu sistema, assim como tamanho da sala e volume com que escuta suas músicas.



Emotiva modelo Airtotiv T1

Em relação à velha discussão se o “ultra hi-end” vale ou não o que custa (essa discussão só não é mais velha que a Rainha da Inglaterra, naturalmente), eu sempre respondo da mesma maneira: “No dia em que não existir mais nenhum consumidor na face da terra disposto a ‘pagar’ para ouvir, essa celeuma acaba”. Enquanto houver pessoas com bolso e vontade de ter esses equipamentos, o mercado do “ultra hi-end” se manterá firme e forte (e pelo visto ainda tem muito consumidor interessado).

Então o que resta a nós mortais? A parte mais legal e interessante deste hobby: descobrir as “pérolas” no fundo do mar. E garanto: nunca foram tão abundantes e diversificadas. Pois agora não estão em um único oceano, encontram-se em todos!

Assim como o melômano tem “orgasmos” ao descobrir um novo álbum de um músico até então desconhecido, o audiófilo pode ter o mesmo prazer descobrindo um produto que torne o prazer de ouvir seus discos ainda maior! Este é o objetivo, e o resto é apenas “dourar a pílula”. E ficar desejando ou xingando a grama mais verde do vizinho irá tirar todo o tesão desse hobby.

Lembro que meu pai sempre falava para os que tinham as velhas vitrolas de armário de madeira da Telefunken ou da Philips, e falavam indignados dos sistemas modulares que começavam a aparecer no mercado, da Quad, Marantz, Fisher, etc. “Faça um favor à si mesmo” dizia ele, “não ouça esses sistemas, pois o ótimo é inimigo do bom!”. Não arrume “sarna pra se coçar”, e nem faça uso da soberba humana de achar que pelo fato de você não ouvir diferenças entre um “ultra hi-end” e um sistema de entrada, o sr. esteja com a razão e o mundo errado.

Os psicanalistas existem justamente para tratar desses distúrbios de egocentrismo!

Meu pai também utilizava, nesses casos, um argumento que demorei para entender, pois achava muito forte e incoerente: “A ignorância pode ser um conforto”. Hoje tenho que concordar com ele!

Se conhecesse o pobre do Simon Price, e ele estivesse aberto à conselhos, eu lhe daria dois: nunca use a palavra ou a escrita de cabeça quente, pois ela pode ser fatal. E o segundo seria: não deixe um insucesso matar o seu prazer no que você faz.

Mas para manter vivo o segundo, é preciso conter imediatamente os danos do primeiro. Pois, às vezes, agir de cabeça quente pode nos impedir de dar continuidade aos nossos sonhos e projetos.

Diga quem nunca errou neste mundo, e este sujeito merece uma estátua em praça pública! Errar faz parte do processo e, no fundo, sem o erro jamais separaríamos os projetos que valem a pena daqueles que são efêmeros.

Nossa mente está processando ideias, refazendo planos a vida toda. Então é preciso primeiro aprender a separar a quimera do viável, e sempre darmos a nós mesmos a chance de refazê-los à medida que os obstáculos vão surgindo. E sempre precisamos lembrar que no momento que participamos nossos projetos e ideias ao mundo, ele já não nos pertence. É como fazer um barquinho de papel e colocar na sarjeta após uma chuva e ver ele ganhar força e descer na correnteza.

Infelizmente esta lucidez só vem com o tempo. Quando jovens, nossa impetuosidade de acharmos que somos a diferença no mundo, nos cega e nos faz não delegar nossas ideias com os que ouviram e acreditaram.



Indra Rios-Moore

PLAYLISTS DE AGOSTO

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

MUSICALIDADE, A SOMA DE TODAS AS PARTES.

Quando criamos nossa Metodologia em 1999, todos os nossos colaboradores participaram das discussões, que foram bastante calorosas.

Lembro que definir os quesitos foi a parte mais difícil, e tivemos animadas discussões até chegarmos aos oito quesitos. A ordem e o peso de cada quesito, também foi uma questão levantada, e parte dos colaboradores achava que musicalidade deveria ter um peso maior que os outros quesitos. Afinal o que todos desejam é que seus sistemas sejam, ao final de todo esforço, o mais musical possível.

Outra questão relevante a este item, é que os colaboradores achavam que este quesito deveria ser o mais subjetivo e livre de “amarras” dos outros quesitos, tão presos à objetividade. E apesar de minha enfática posição de que havia muito pouco de subjetividade neste quesito, fui voto vencido.

Achei naquele momento que era muito mais fácil recuar, do que bater de frente com meus sócios e colaboradores. O que me apaziguou foi a certeza que, com os cursos e o dia a dia de testes, todos perceberiam que a musicalidade é a soma de todos os outros quesitos.

E se algum desses quesitos, fosse o elo fraco, a musicalidade fatalmente seria comprometida. Nada como a prática para corrigir teorias.

Dito e feito!

Todos os colaboradores rapidamente observaram, na prática, que uma textura pobre (pela incorreção no equilíbrio tonal), comprometia diretamente a musicalidade, o conforto auditivo e aquela vontade de ouvir sempre mais. Ou que transientes ruins tiravam o gosto de escutar determinados gêneros musicais, também comprometendo a musicalidade.

Nos cursos, para apresentar setups em que a musicalidade está comprometida, costumo sempre apresentar exemplos de voz (feminina, masculina e coral), e piano e violão. Apenas para facilitar o entendimento de todos os participantes. E mostro como o equilíbrio tonal interfere diretamente em musicalidade, se esse estiver incorreto.

Vozes são matadores, afinal é o que mais escutamos na vida!

Para a playlist deste mês, o meu primeiro disco é uma voz feminina. De uma cantora pouco conhecida e que tem uma técnica vocal impressionante, não pela extensão e sim pela colocação. Afinadíssima, canta sem o menor esforço. Em um sistema correto, você será seduzido instantaneamente. Falo de Indra Rios-Moore - ela recebeu este nome de sua mãe em homenagem à divindade hindu do céu e da chuva. É filha de uma assistente social porto riquenha Elizabeth, e de um pai americano baixista Donald Moore - que tocou com Archie Shepp, Elvin Jones, Sonny Rollins e Jackie McLean, entre outros.

Indra nos conta que passou sua infância em um mundo repleto de estilos musicais e vendo seu pai estudar e ensaiar na sala de estar, com todos os grandes músicos de jazz do cenário nova-iorquino. Aos 13 anos, ganhou uma bolsa de estudos no Mannes College of Music, onde desenvolveu sua voz soprano. Depois de formada, para manter-se viva fora do cenário musical, trabalhou como garçoneiro em um bar de vinhos e lá conheceu o saxofonista Benjamin Trærup, um saxofonista de jazz dinamarquês. Começaram a namorar e resolveram formar um trio com o amigo baixista Thomas Sejthen, e mudaram-se para a Dinamarca.

Em 2007 já haviam tocado em várias cidades em toda a Escandinávia, e conquistaram inúmeros seguidores. Não demorou para receberem propostas para gravarem um álbum e ampliarem suas turnês por toda a Europa. Em 2012, Indra ganhou o prêmio de

melhor álbum vocal na Dinamarca com o trabalho *In Between*. O sucesso foi tão grande, que a gravadora Impulse a contratou em 2015 e lhe deu carta branca para fazer o seu trabalho (sem restrição de repertório, ou empurrando goela abaixo standards para garantir o investimento). A estreia na Impulse foi com o disco *Heartland* - o que indico aqui para você amigo leitor. E ganhou excelentes críticas em todo mundo, além de ser escolhido o melhor álbum de jazz do ano pelo Sunday Times de Londres. E a revista de jazz Telerama, da França, fez uma entrevista com Indra, cujo título era: "Voz Celestial do Jazz". Assino embaixo.



 **OUÇA HEARTLAND - INDRA RIOS-MOORE, NO TIDAL.**

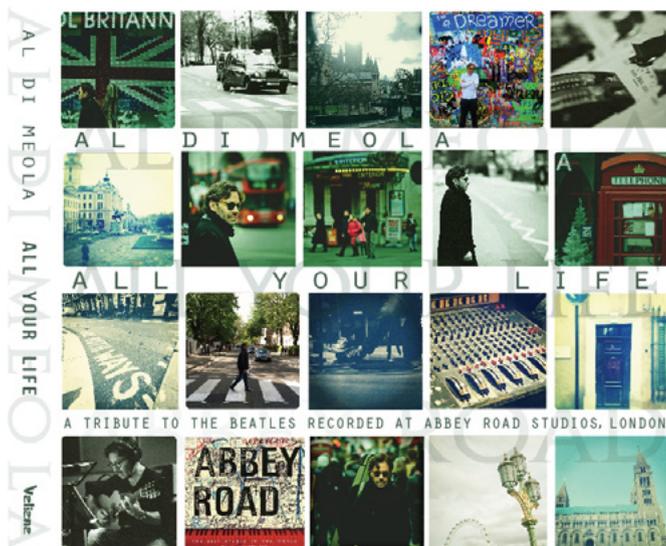
 **OUÇA HEARTLAND - INDRA RIOS-MOORE, NO SPOTIFY.**

Apague a luz, tenha a certeza de que todos já foram dormir e aperte o play! Será uma audição inesquecível se seu sistema estiver à altura de Indra Rios-Moore. A sua versão de Money, do Pink Floyd (faixa 3), além de ser de extremo bom gosto, mostra o quanto sua formação musical foi eclética! Junto com a foto dela, na abertura deste artigo, coloquei um vídeo da faixa 1 deste disco, e fiquei decepcionado que somente 7900 visualizações haviam sido feitas. Como o mundo consome lixo, quando poderia estar conhecendo obras espetaculares.

PLAYLISTS

Quando me dizem que a música nunca esteve em um nível tão sórdido, tenho que concordar, mas procurem e acharão preciosidades. Vamos aumentar o número de visualizações deste vídeo? Só depende de nós caro leitor, fazemos um mundo melhor para as próximas gerações. Somente de todos nós.

Outro disco delicioso para o teste de musicalidade é do Al Di Meola, *All Your Life*, só de composições dos Quatro Rapazes de Liverpool. Antes que você berre da cozinha que “ouvir versões dos Beatles não dá”, ouça! Pois os arranjos são muito bons mesmo! Al Di Meola valorizou as melodias com arranjos simples com ênfase nos violões, e brincou com o tempo e andamento. Levando a bom termo de que o “menos é mais”. Tenho tantas versões das músicas dos Beatles, das pirotécnicas com arranjos para big bands, às singelas - voz e violão. Poucas realmente me dão prazer em ouvir, pois como uma vez falei a um amigo músico, se for para tirar as letras, os arranjos precisam substituir a palavra sem nos fazer sentir falta da letra. E na minha humilde opinião, o Al Di Meola conseguiu este tamanho feito. Ouçam e por favor compartilhem suas opiniões.



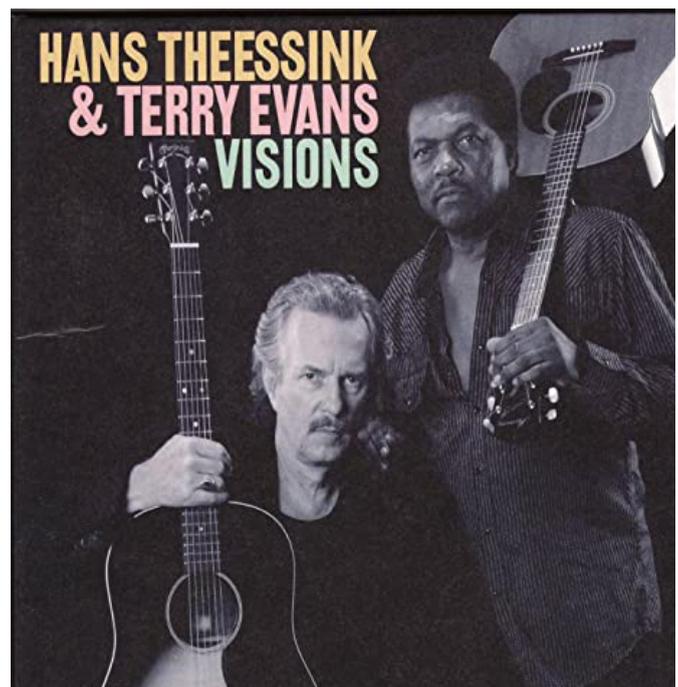
◆◆◆ OUÇA ALL YOUR LIFE (A TRIBUTE TO THE BEATLES - AL DI MEOLA, NO TIDAL.

🎧 OUÇA ALL YOUR LIFE (A TRIBUTE TO THE BEATLES - AL DI MEOLA, NO SPOTIFY.

O terceiro disco é uma gravação que nos coloca na terceira fila de frente para o palco, e nos permite ver literalmente o que estamos ouvindo. É um disco de blues, para aqueles que amam o estilo, mas

ainda mais interessante para os que nunca pararam para ouvir na íntegra um belo disco de blues.

Dois excelentes músicos no palco com seus convidados. Apenas um duo dos guitarristas: Hans Theessink & Terry Evans, no disco *Visions*. Em um sistema com excelente musicalidade, o prazer auditivo será extremo. Você terá o desejo de, à cada nova faixa, aumentar um bocadinho mais o volume (só não ultrapasse o volume da gravação). No volume correto eles literalmente estarão ali na sua frente, a apenas três metros de distância!



◆◆◆ OUÇA VISIONS - HANS THEESSINK & TERRY EVANS, NO TIDAL.

🎧 OUÇA VISIONS - HANS THEESSINK & TERRY EVANS, NO SPOTIFY.

A última gravação deste mês é do selo alemão ACT. Se você ainda não conhece este selo, está perdendo a oportunidade de ouvir excelentes músicos em gravações audiófilas de alto nível! O cast dessa gravadora é extenso e aborda diversos gêneros musicais. Escolhi, da ACT, a banda Echoes Of Swing, formada por quatro instrumentistas de jazz que fazem tributos à inúmeros músicos do cenário jazzístico mundial. Tenho em minha coleção o BIX, um tributo ao músico Bix Beiderbecke, um trompetista (nos anos 20 eram chamados de ▶

Echoes of Swing

A Tribute to Bix Beiderbecke

Shannon Barnett
Henning Gailing
Mulo Francel
Pete York

ACT



◆◆◆ OUÇA VISIONS - BIX (A TRIBUTE TO BIX BEIDERBECKE) - ECHOES OF SWING, NO TIDAL.

◆◆◆ OUÇA VISIONS - BIX (A TRIBUTE TO BIX BEIDERBECKE) - ECHOES OF SWING, NO SPOTIFY.

cornetistas) e pianista dos Estados Unidos. Ele também era compositor e arranjador, e morreu muito jovem, com apenas 27 anos de idade. Formou o grupo The Volverines e se tornou a sensação do cenário musical entre os anos de 1923 e 1924. Formou-se na Universidade de Iowa e estudou piano e composição na Academy Central High School. Apelidado de Bix pelos amigos, seu nome era Leon Bismark Beiderbecke.

Belo tributo, este disco. Seu sistema será colocado a prova, não nos quesitos macrodinâmica ou transientes, mas sim no equilíbrio tonal e texturas. Se tiver tudo ok, você terá uma musicalidade muito acima da média.

E mandem seus playlists, pois este compartilhamento nos lembra os bons tempos em que saíamos das lojas de discos direto para a casa do amigo com o melhor sistema, para ouvir nossas novas aquisições em grupos. Ainda que a pandemia nos impeça de realizar essa confraternização, certamente todos terão interesse em conhecer boas gravações que nunca ouvimos, não é verdade?

Deixo agora aos amigos leitores os seus playlists.

Desejo a todos boa sorte. Se cuidem, por favor. ■



PLAYLIST DE ARISMAR LÉON

◆◆◆ 01 - CHIMÈRE - SANDRINE PIAU, SUSAN MANOFF

◆◆◆ 02 - DOUCE FRANCE - ANNE SOFIE VON OTTER

◆◆◆ 03 - MEMORY - HÉLÈNE GRIMAUD

◆◆◆ 04 - CHOPIN: THE NOCTURNES - NELSON FREIRE

◆◆◆ 05 - MOON BEAMS [ORIGINAL JAZZ CLASSICS REMASTERS]" BY THE BILL EVANS TRIO

◆◆◆ 06 - THE WINDOW - CÉCILE MCLORIN SALVANT

◆◆◆ 07 - FOR ALL WE KNOW - JOSÉ JAMES, JEF NEVE

◆◆◆ 08 - BLACK ORCHID - MALIA

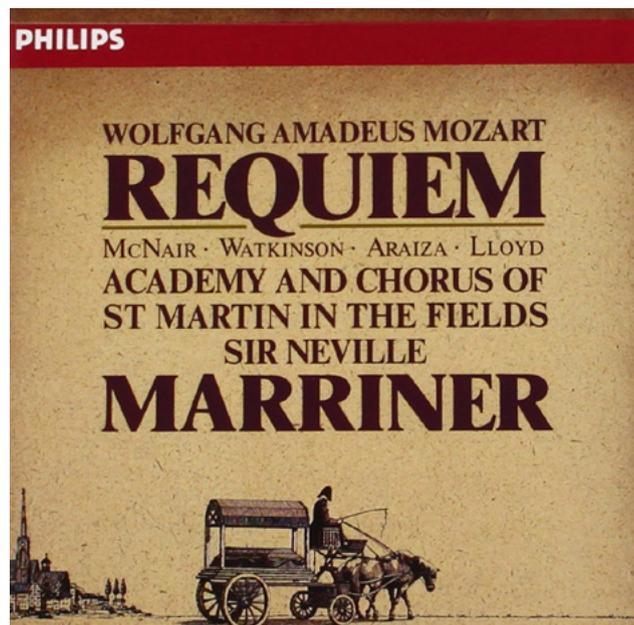
◆◆◆ 09 - DISCOVERED - FRIEND 'N FELLOW

◆◆◆ 10 - ROUND MIDNIGHT - ALAN BROADBENT



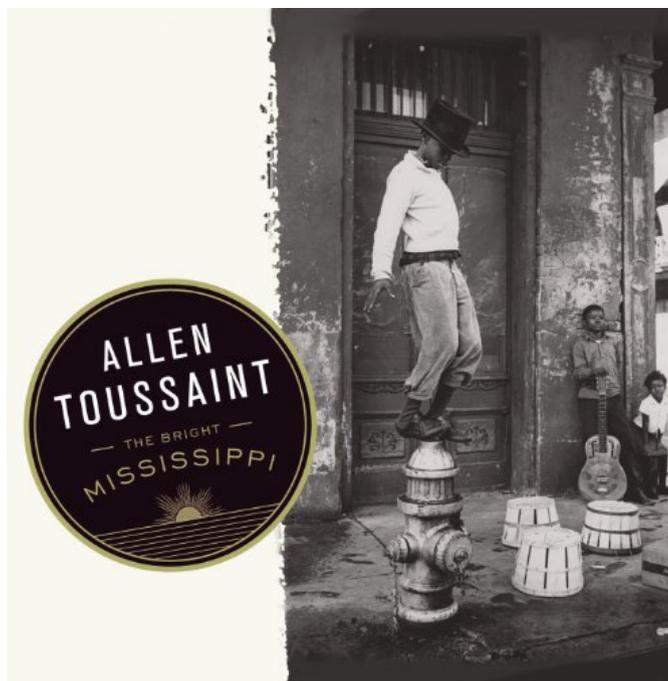
PLAYLIST DE CÉSAR MIRANDA

- ◆◆ 01 - PARISIENNE - SARAH LANCMAN
- ◆◆ 02 - JUST THE TWO OF US" - CÆCILIE NORBY, LARS DANIELSSON
- ◆◆ 03 - PAGANINI & SCHUBERT: WORKS FOR VIOLIN & PIANO" BY VILDE FRANG, MICHAÏL LIFITS
- ◆◆ 04 - BLUE HOUR (WEBER, BRAHMS, MENDELSSOHN)" - ANDREAS OTTENSAMER, YUJA WANG, BERLINER PHILHARMONIKER, MARISS JANSONS
- ◆◆ 05 - CYRILLUS KREEK - THE SUSPENDED HARP OF BABEL" - VOX CLAMANTIS, JAAN-EIK TULVE
- ◆◆ 06 - VIDA ADENTRO - CAROL ANDRADE
- ◆◆ 07 - BLOOM - ARENI AGBABIAN, NICOLAS STOCKER
- ◆◆ 08 - BACH: SEI SUITES A VIOLONCELLO SOLO SENZA BASSO - MARIO BRUNELLO
- ◆◆ 09 - PÓS VOCÊ E EU - LÍVIA NESTROVSKI & ARTHUR NESTROVSKI
- ◆◆ 10 - YSAÏE: VIOLIN SONATAS & ÉTUDE POSTHUME - BORIS BROVTSYN



PLAYLIST DE OMAR CASTELLAN

- 01 - BACH: VARIAÇÕES GOLDBERG. PIERRE HANTAÏ (CRAVO). MIRARE
- ◆◆ 02 - MOZART: RÉQUIEM. MACKNAIR, WATKINSON, ARAIZA, LLOYD. ACADEMY AND CHORUS OF ST. MARTIN IN THE FIELDS. NEVILLE MARRINER. PHILIPS.
- 03 - BEETHOVEN: SINFONIAS NOS. 4 E 7. CARLOS KLEIBER. CONCERTGEBOUW ORCHESTRA, AMSTERDAM (DVD). PHILIPS
- ◆◆ 04 - SCHUBERT: QUINTETO PARA CORDAS D956 E LIEDER. QUATOUR EBÈNE, GAUTIER CAPUÇON E MATTHIAS GOERNE. ERATO
- ◆◆ 05 - CHOPIN: 10 MAZURKAS, PRELÚDIO OP.45, BALADA NO. 1 E SCHERZO NO. 2. ARTURO BENEDETTI MICHELANGELI (PIANO). DG
- ◆◆ 06 - BRAHMS: CONCERTOS PARA PIANO. NELSON FREIRE (PIANO). GEWANDHAUSORCHESTER LEIPZIG, RICCARDO CHAILY. DECCA
- 07 - STRAVINSKY: A SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA PETROUCHKA. SEIJI OSAWA. CHICAGO S.O. E BOSTON S.O. BMG/RCA "HIGH PERFORMANCE"
- ◆◆ 08 - SHOSTAKOVICH: SINFONIA NO. 5. ANDRÉ PREVIN. LONDON S.O. BMG/RCA (24 BIT/96 KHZ, SOUND DIMENSION)
- ◆◆ 09 - HOLST: OS PLANETAS. ZUBIN MEHTA LOS ANGELES P.O. DECCA (XRCD JVC)
- ◆◆ 10 - MI BUENOS AIRES QUERIDO: OBRAS DE PIAZZOLLA, GARDEL, TROILO, ETC. DANIEL BARENBOIM (PIANO), RODOLFO MEDEROS (BANDONEÓN) E HÉCTOR CONSOLE (BAIXO). TELDEC.



PLAYLIST DE ROBERTO DINIZ

- ◆◆◆ 01 - ALLEN TOUSSAINT - THE BRIGHT MISSISSIPPI
- ◆◆◆ 02 - ALI FARKA TOURÉ / TOUMANI DIABATÉ - ALI AND TOUMANI
- ◆◆◆ 03 - AMADOU ET MARIAM - DIMANCHE À BAMAKO
- ◆◆◆ 04 - ANOUAR BRACHEM - BLUE MAQAMS
- ◆◆◆ 05 - BOB DYLAN - ROUGH AND ROWDY WAYS
- ◆◆◆ 06 - DOLLAR BRAND / ABDULLAH IBRAHIM - AFRICAN DAWN
- ◆◆◆ 07 - J.J. CALE - REWIND
- ◆◆◆ 08 - JACKY TERRASSON - A PARIS...
- ◆◆◆ 09 - NEIL YOUNG - HOMEGROWN
- ◆◆◆ 10 - SALIF KEITA - MOFFOU



PLAYLIST DE FRED RIBEIRO

- ◆◆◆ 01 - DICE OF DIXIE CREW - SECOND SIGHT - INAK 822 CD
- ◆◆◆ 02 - LUCERNE FESTIVAL ORCHESTRA - MEMORIAL CONCERT - CLAUDIO ABBADO
- 03 - MEMORIAL CONCERT - LUCERNE FESTIVAL AT EASTER - CLAUDIO ABBADO
- 04 - EUROPA KONZERT FROM MADRID 2011 - CAÑIZARES
- 05 - MAKIN' WHOOP - TRIBUTE TO THE KING COLE TRIO
- ◆◆◆ 06 - WAGNER - DER RING DES NIBELUNGEN WIENER PHIHARMONIKER - SIR GEORG SOLT - DECCA (1958-1965)
- ◆◆◆ 07 - PINK FLOYD - THE WALL - CBS 1979
- ◆◆◆ 08 - ARIEL RAMIREE - MISA CRIOLLA JOSÉ CARRERAS - PHILIPS
- 09 - ROUND-UP - ERICH KUNZEL - CINCINNATI POPS FRANKIELAINE, VOCALS TELARC
- 10 - FOR DUKE - BILL BERRY AND HIS ELLINGTON ALL-STARS - REALTIME - LP



PARA OS AFICIONADOS DA CLÁSSICA E QUERIDA MÍDIA ANALÓGICA

XX Tarso Calixto
revista@clubedoaudio.com.br

Prezado leitor, esse artigo não tem como único intuito propor uma lista de loja de discos, mas dissertar sobre a facilidade de encontrar e comprar musica em mídia analógica em discos de vinil, e os desafios e truques quando visitando as lojas. Esse artigo descreve minhas desventuras enquanto procurando lojas de discos. Uma nota importante, as grandes lojas, como a FNAC, Amazon, e outros outlets online, não estão inclusos devido a grande exposição que estas já desfrutam. Em vez disso, vou dissertar sobre as lojas especializadas.

Comecei a garimpar por discos com um amigo da escola durante a adolescência, lembro claramente visitando lojas como o Sebo de

Elite e Eric Discos, onde passávamos horas procurando por algo interessante para escutar. Também haviam as grandes lojas, como a Museu do Disco, a Hi-Fi Discos, a Breno Rossi, até mesmo uma loja no Shopping Center Eldorado. Em retrospectiva, a experiência era diferente dependendo da loja, o primeiro tipo havia um senso de mistério e aventura, o segundo eram os lançamentos e novidades.

A DISPONIBILIDADE DE DISCOS DE VINIL

Nos anos noventa, discos de vinil eram fáceis de achar: No Brasil, haviam os sebos e as lojas com as coisas novas. Havia também as lojas especializadas, algumas só com discos para DJs, outras só de discos de jazz, musica clássica e outros estilos. A impressão

inicial mais marcante na minha memória era a vasta quantidade e variedade dessas lojas, seja onde estivesse haviam pelo menos três lojas por perto. Nos Países Baixos, já no final da década e início dos anos dois mil, as coisas mudaram: Nos sebos havia de tudo discos de vinil, CDs e cassetes, nas grandes, somente CDs que eventualmente foram relegados a uma única gôndola perto do caixa. As lojas especializadas para DJs desapareceram em favor do MP3, as de jazz e música clássica restaram, entretanto em poucas quantidades.

A conscientização da “extinção” do vinil nunca me ocorreu dado que nesse período procurar por discos não passava de uma mera curiosidade, além disso os discos que vieram do Brasil e os poucos que comprei por aqui continuaram comigo. Um detalhe, até 2008 esses discos não eram de forma alguma do nicho de audiofilia e sistemas high-end, eles eram da classe de pro-áudio usados em pistas de danças de casas noturnas. No restante, eu estava mais do que satisfeito em escutar meus MP3 num antigo iPod Classic.

Eventualmente, discos de vinil desapareceram das lojas, somente em sebos e lojas especializadas era possível encontrá-los. Adquirir discos na primeira década dos anos dois mil era mais um estorvo do que uma aventura. A partir da segunda década, a mídia começou a brotar nas lojas de eletrônicos e de grande volume. Hoje em dia, não só há uma grande variedade de novos títulos, mas também linhas completas de aparelhagem de som, e também toca-discos, tradicionais, com conectividade bluetooth e habilidade de exportar para arquivos de áudio. Tudo isso com o intuito de habilitar uma nova geração de consumidores a experimentar e vivenciar o ressurgimento dessa clássica mídia física.

O RESSURGIMENTO

Creio que é desnecessário ressaltar ou descrever o charme e a atração que a mídia de vinil causa nos entusiastas de música. Uma vez que minha atenção voltou à procura de música em discos de vinil, me deparei com a grande dúvida de como e por onde começar. Comecei por onde era mais fácil, nas grandes lojas de eletrônicos, vídeo games, filmes e música. Havia uma avalanche de opções em lançamentos e relançamentos, desde pop, rock, até jazz e música clássica. Aos poucos, pesquisando online, encontrei sebos e pequenas lojas que agora desfrutam o renascimento do interesse do de um novo público em discos de vinil. Em suma, achar discos de vinil quando viajando pela Europa não é uma grande dificuldade, a variedade de lojas e títulos é grande e abrangente. Quando planejo uma viagem, parte deste é procurar por lojas de discos nas redondezas de onde estarei. Segue uma lista parcial de lojas que vale à pena considerar quando viajando por Países Baixos, Bélgica e Inglaterra.

Na província do Sul-da-Holanda, Zuid-Holland, há três cidades com excelentes lojas que definitivamente vale à pena visitar. Na Haia,

a capital diplomática do país, há a Empire Records e a Jazz Center: A primeira, Empire Records, localiza-se perto da Praça dos Ministérios, Het Plein, na rua Korte Houtstraat 12. Ao entrar a impressão é que a loja não vende discos, mas sim CDs, memorabilia e quinquilharias. É necessário passar as primeiras gôndolas e seguir diretamente ao fundo e a direita, lá estão os discos de vinil para garimpo. Variando de pop, rock, world music (incluindo Bossa Nova), jazz e música clássica. Todos em ótimas condições e muito bem preservados. Lá encontrei o “Swing Sessions” do Eiji Kitamura de 1978 em vinil japonês e o “Belafonte at Carnegie Hall” de 1959.



A segunda loja na Haia é a Jazz Center, localizada no China Town na Wagenstraat 125-A. Com uma pequena área útil, mas com um grande acervo de discos, a loja é bem organizada com boa iluminação e funcionários atenciosos. Lá encontra-se títulos de selos Hi-End e curiosidades no gênero de jazz. Será necessário entrar com bastante tempo disponível, uma vez que você estará investindo considerável atenção durante a procura dos títulos e discos.



INTERNACIONAL



Saindo da Haia, um pouco ao norte encontra-se Leiden, uma das cidades mais antigas do país com uma longa história, tantas nas artes quanto em conflitos. Lá encontra-se várias lojas de discos, desde a locais que você literalmente tropeça nos discos postos ao chão, até pequenas, e convidativas, lojas com um grande acervo de indie rock, funk e RAP. Entretanto, há uma loja que não só é relativamente grande, com uma grande diversidade de estilos e títulos, mas também muito bem organizada: Esta é a Plato, na Vrouwensteeg 4, lá encontrei os discos do Dead Can Dance, box sets do Kraftwerk e o “Band of Gypsies” do Jimi Hendrix.



A terceira, um pouco ao sul da Haia, encontra-se Delft uma cidade também com uma enorme riqueza histórica. Como nas cidades anteriores, encontram-se várias opções, entretanto, há duas que devem ser mencionadas e visitadas, a Plexus e a Sounds Delft. A primeira, a Plexus, é literalmente a minha destinação preferida, lá você é recebido pelo proprietário com um enorme sorriso e tremenda simpatia, o acervo da loja é enorme, com prensagens Hi-End de altíssima qualidade tal como os discos da Stockfish Records, Quality Record Pressings, Pure Pleasure Records, entre muitos outros mais. Lá encontrei os discos “Companion” da Patricia Barber, “Water Falls” da Sara K, o “Folk Singer” do Muddy Waters, o “Satchmo Plays King Oliver” do Louis Armstrong, e o “Riding With The King” do Eric Clapton com o B.B. King. Essa loja é a proverbial “candy store”, você entra e não quer sair mais.



A segunda loja em Delft é a Sounds, esta possui uma pequena entrada na frente com uma disposição ao longo de um corredor com gondolas encostadas nas paredes, ao chão, e centradas ao meio. Aqui você facilmente esbarrará em outros clientes ou acabará derubando algo, pois as passagens são estreitas, é melhor entrar sem sacolas nessa loja. Essencialmente esta serve como a “saideira” da loja anterior, a Plexus, nesta há uma vasta coleção de usados em excelente estado de preservação. Com os lançamentos, encontra-se tudo o que está disponível nas grandes lojas e online. Lá encontrei o “Jazz” do Ry Cooder, prensagem de 1978. Sem dúvida um bom local para garimpo complementar de discos.



A Bélgica é um país muito interessante, estilisticamente é uma mescla entre a França e os Países Baixos, a população é simpática e com um grande senso de humor. Historicamente a Antuérpia é conhecida pelo comércio de chocolate, cacau e diamantes, uma de suas principais ruas, a Meir demonstra claramente a prosperidade que o país usufruiu no passado, com lindas edificações e arquitetura. Quando viajando pela Antuérpia, há três lojas que vale à pena visitar: A Fat Kat Records, a Tune Up, e a The Vinyl Touch. A primeira, a Fat Kat Records, localizada na Vleminckstraat 15a, tem um grande espaço com uma vasta coleção de usados com o foco em rock dos anos setenta, trilhas sonoras, jazz e blues. Ao entrar e cumprimentar ►

o proprietário você é literalmente transportado quarenta anos no passado devido à ambiência, a iluminação e o estilo de vestimenta do proprietário.



A segunda loja é a Tune Up, localizada na Melkmarkt 20, curiosamente anuncia na frente “music and coffee”. Em termos de música o espaço é grande com uma grande coleção de discos usados distribuídos em gondolas. Lá acha-se de tudo, de todos os estilos, entretanto é necessário investir uma considerável quantidade de tempo para garimpar os discos. Lá encontrei títulos do Sun-Ra, Charles Mingus, Thelonius Monk e Stanley Turrentine. O café por outro lado é resumido por uma pequena máquina de café instalado ao lado da caixa registradora, é necessário apreciar o esforço para receber bem o cliente.



A terceira, The Vinyl Touch tem duas localidades, a que descrevo aqui é a menor, mais perto da praça Groenplaats ao lado do Hilton Hotel localizada na Sint-Katelijnevest 35. Com uma decoração minimalista e as gondolas elegantemente organizadas, aqui encontra-se a mais fascinante coleção de prensagens japonesas, principalmente de jazz e blues. O proprietário é extremamente educado e gentil, ele adora conversar sobre os discos que estão à venda geralmente afirmando que estes são cópias duplas da coleção pessoal dele. Esta loja é categoricamente a minha preferida quando em visita a Antuérpia. Lá encontrei discos do Max Roach, Oscar Peterson, Duke Ellington e Howard McGhee, todos em prensagem japonesa.



A Inglaterra não necessita introduções, esse país tem tantos destaques em segmentos de áudio que uma introdução apropriada não seria acomodada nesse artigo. Em Londres, na região de Shoreditch famosa pelas bandas de rock, techno-pop e lojas de discos independentes há uma infinidade de opções, mas há uma loja que certamente vale à pena visitar, esta é a Flash Back Records. A loja possui três localidades, estou descrevendo está localizada na Bethnal Green Road 131, ao entrar é evidente e facilmente nota-se a tradição em comercio de discos e musica: Os posters de shows, as paredes envelhecidas, o equipamento de áudio de parece que esteve lá desde que foram comprados há anos atrás. Mas, a visita realmente começa e torna-se interessante quando o funcionário te orienta a investigar a parte de discos usados no subsolo do estabelecimento. Ao descer por uma estreita escada de madeira, encontra-se

INTERNACIONAL

uma pequena área repleta de gondolas com todos os estilos de música que foram divulgados na Inglaterra. Quando visitando esta loja, certifique-se de dispor de tempo suficiente, você estará lá por um bom tempo. Lá encontrei as prensagens originais, em vinil inglês, do The Police “Ghost in The Machine” de 1981, o “Nothing Like The Sun” do Sting de 1987, e o “Old Gold and Ivory” do George Shearing de 1964, entre outros fascinantes achados.

Em termos de garimpar e procurar discos, todas essas lojas proporcionam imenso prazer, satisfação e diversão a todas as gerações de entusiastas de música. Estas são pontos de turismo audiófilo que certamente te fará um comprador feliz.

DICAS PARA OS GARIMPEIROS VINÍLICOS

Essas dicas são meramente observações e notas mentais que me ocorreram durante a procura de discos de vinil, de forma alguma tome de maneira prescritiva ou absoluta:

- Para os iniciantes, ou aqueles que reiniciaram, no hobby há o risco de adquirir lançamentos recentes que foram remasterizadas ou modificadas de forma inadequada em detrimento da qualidade de som, se você por acaso ler “inclusive voucher para MP3 download” evite comprar o disco, há o risco de que a mídia foi meramente prensada a partir de arquivos digitais em MP3;
- Quando comprando discos usados, além de escutar na loja, se possível, observe a mídia contra a luz para verificar se há a presença de riscos e danos físicos na mídia;
- Gravações em micro-groove em geral são muito boas, entretanto há a possibilidade do som ser prejudicado em detrimento do tempo adicional de playback. Discos com quatro a cinco faixas em cada lado tendem a soar melhor;
- Invariavelmente se o disco é novo, acabado de ser fabricado, ou usado, sempre lave a mídia. A quantidade de detritos e resíduos presentes pós-fabricação é impressionante. Quanto aos discos usados, lave novamente para assegurar que não há resíduo de detergente proveniente de lavagens anteriores;
- Quando limpando ou lavando discos, evite usar fluidos adicionados com solução alcoólica, estes podem reagir com o plástico da mídia causando danos físicos permanentes e comprometendo a qualidade do som. Fabricantes como a Simply Analog (Grécia) e Okki Nokki (Países Baixos) produzem fluidos sem álcool. ■

LOJAS MENCIONADAS

1. Empire Records

Korte Houtstraat 12, 2511 CD Den Haag

https://empire-records-record-store.business.site/?utm_source=gmb&utm_medium=referral

<https://goo.gl/maps/EEMS6yd5aQM3uYo9A>

2. Jazz Center

Wagenstraat 125-A, 2512 AT Den Haag

<https://www.jazzcenter.nl/>

<https://goo.gl/maps/nkkAH99KYJEFpukD8>

3. Plato Leiden

Vrouwensteeg 4, 2312 DZ Leiden

<https://www.platomania.nl/>

<https://goo.gl/maps/k8NkP7dbiQmwhpbC8>

4. Plexus

Voldersgracht 11-A, 2611 ET Delft

<https://www.discogs.com/seller/plexus>

<https://goo.gl/maps/Tzx3wp21tWrQ31u97>

5. Sounds Delft

Brabantse Turfmarkt 83, 2611 CM Delft

<http://www.sounds.nl/>

<https://goo.gl/maps/1qqd95WC6AsCdBgF9>

6. Fat Kat Records

Vleminckstraat 15a, 2000 Antwerpen, Belgium

<http://www.fatkat.be/>

<https://goo.gl/maps/e5n73x39H2N5wmRWA>

7. Tune Up

Melkmarkt 20, 2000 Antwerpen, Belgium

<https://www.discogs.com/seller/Tune-Up-Records/profile>

<https://goo.gl/maps/nEf7XQ8nuEd2i1xq8>

8. The Vinyl Touch

Sint-Katelijnevest 35, 2000 Antwerpen, Belgium

<https://goo.gl/maps/GvrQdczpaF6auNFJ9>

9. Flash Back Records

131 Bethnal Green Rd, London E2 7DG, United Kingdom

<http://www.flashback.co.uk/>

<https://goo.gl/maps/vVqs4MZtVd1vHXUg6>



NOVO ESPAÇO AUDIO CLASSIC

A Áudio Classic possui as melhores opções em produtos High-End novos e usados. Seu upgrade é nosso objetivo!

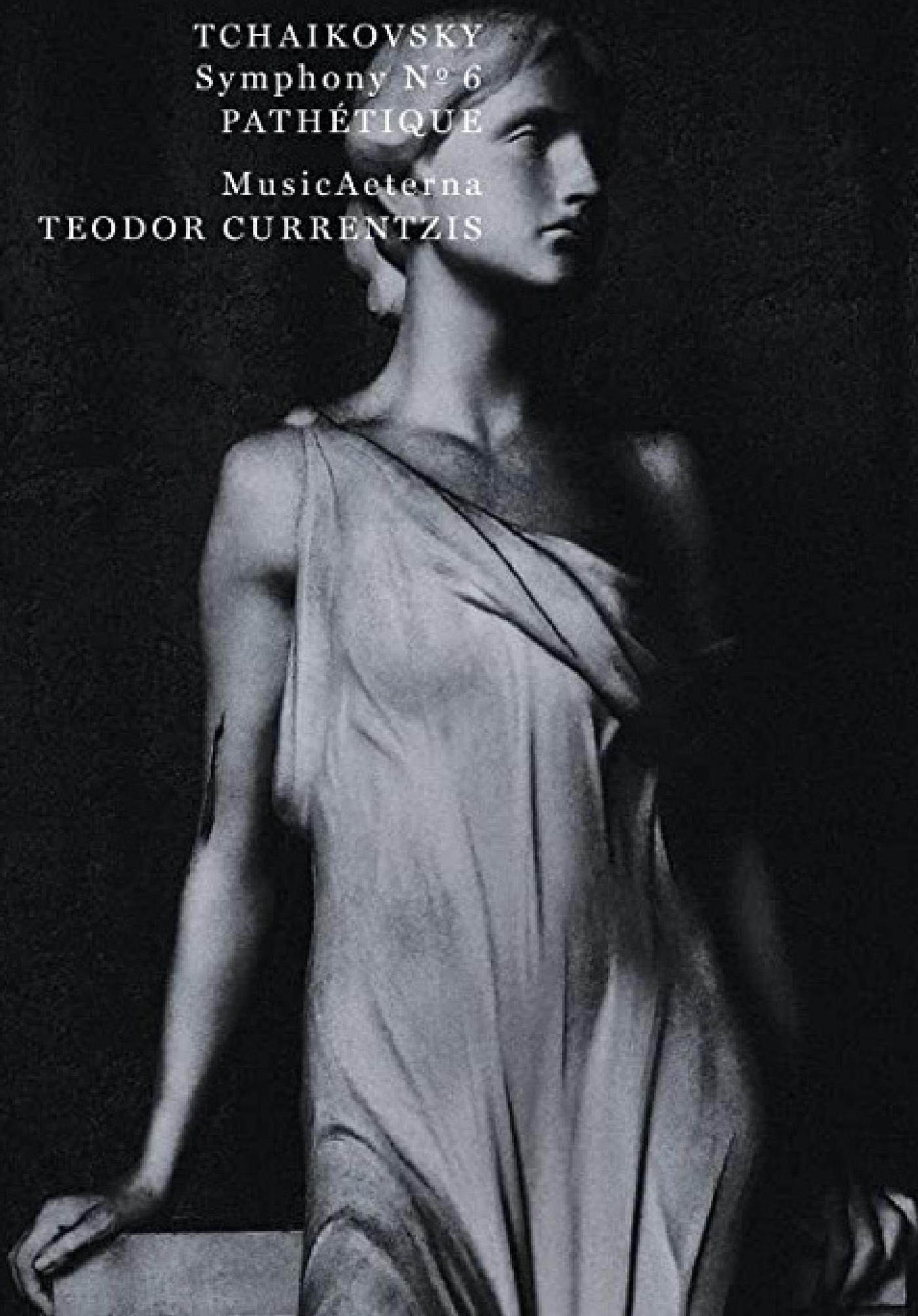
Rua Antares, 241- Alphaville/SP - Centro de Apoio 2
Em frente ao Alphaville Residencial 6
Tel.: 11 2117.7512 / 2117.7200 / 11 99341.5851 



WWW.AUDIOCLASSIC.COM.BR
AUDIOCLASSIC@AUDIOCLASSIC.COM.BR

TCHAIKOVSKY
Symphony N° 6
PATHÉTIQUE

MusicAeterna
TEODOR CURRENTZIS



CLÁSSICO, MINIMALISTA & CLÁSSICO

XX Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

Acompanho a feitura da coluna Playlist do intrépido Fernando Andrette - vulgo, nosso editor -, e às vezes até dou sugestões, se bem que na maior parte do tempo, adiciono alguma coisa ou outra à minha discoteca - um termo que é tão velho que já chegou a ser usado erroneamente em mundos muito distantes, como o final da década de 70...rs... Apesar de eu não consigo pensar em outro nome para o meu conjunto de discos de apreciação musical, algum nome que não pareça que eu tenha meio século de idade...

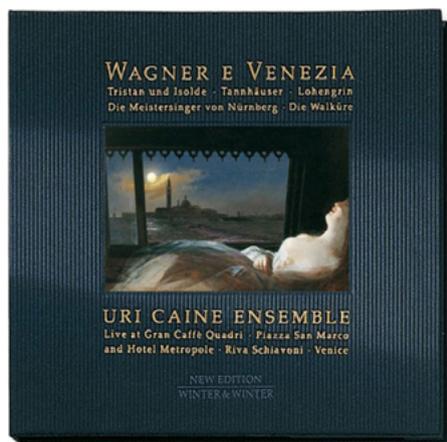
Enfim, apesar de trocarmos figurinhas sobre áudio, mercado e, principalmente, música quase que diariamente, e termos um gosto musical parecido, me peguei notando que nossas seleções são basicamente diferentes (ou seriam "superficialmente diferentes"?). Mesmo no gosto por jazz há uma diferença entre coisas mais tradicionais e coisas mais moderninhas e misturadas. Ou mesmo, no clássico, um tem uma predileção por pianos solo e música de câmara, e outro curte mais o repertório sinfônico. Maneiras diferentes de ver o mundo: um não denigre o outro, e o outro não denigre o um. Tem pra todo mundo!

Ouço, eu diria, bastante música de câmara, um tanto de jazz tradicional, variados discos de música pop e rock de várias décadas, muito rock progressivo. Porém, quando me propus a fazer esta coluna (quando nosso amado e destemido líder me pediu que a fizesse) eu sempre tive em mente a ideia de sugerir música extraordinária - tanto no superlativo de qualidade quanto na definição de dicionário, de não ser banal. Por isso sempre falo que "peneirar" os discos para publicar aqui não tem sido nada fácil - não tem essa abundância toda, não.

O cardápio deste mês de agosto inclui: uma visão diferente, com toques contemporâneos, da música de um grande mestre do clássico da era do Romantismo. Um disco de música minimalista que é pouco conhecido e ainda menos ouvido. E, para finalizar, mais um grande clássico do repertório sinfônico russo. Quem não gostar, e quiser jogar pedras, avise antes que eu fecho a veneziana.

Vamos à eles: 

DISCOS DO MÊS



Uri Caine Ensemble - Wagner e Venezia (Winter & Winter, 1997)

O amigo - e grande papo - Márcio Alemão, em uma das várias vezes em que tive o prazer de partilhar audições musicais com ele, me sugeriu o trabalho do pianista americano Uri Caine. A gente tinha acabado de ouvir a pouco ortodoxa "versão" - ou "recomposição" - das *Quatro Estações* de Vivaldi pelo alemão Max Richter (gravação já sugerida aqui nesta coluna). O Alemão, que sabe que eu gosto de boa música não-tradicional, puxou da prateleira o Uri Caine Ensemble: "você vai curtir isso". Pura verdade!

O trabalho do Uri Caine nesse CD não é tão complicado de ouvir - muito pelo contrário! É muito bonito e acessível. Mas é controverso, principalmente para os puristas quanto à obra do compositor alemão Richard Wagner, com suas óperas longas, complexas, grandiosas, grandiloquentes. *Wagner e Venezia*, do Uri Caine Ensemble, na verdade é, para mim, um tremendo tributo à qualidade, beleza e imortalidade da obra de Wagner.

O Fernando Andrette vive falando de arranjos minimalistas, do "menos é mais" (em alguns casos, claro), que eu lembrei do *Wagner e Venezia*, uma redução de arranjo de vários trechos e aberturas de suas grandes óperas para um piano (o próprio Uri Caine), um acordeon (Dominic Cortese), um baixo acústico (Drew Gress), um cello (Erik Friedlander) e dois violinos (Mark Feldman e Joyce Hammann), todos músicos da cena novaiorquina. Quando falo "redução", estou me referindo ao termo de redução da partitura de uma obra de muitos instrumentos para um grupo menor, não de qualquer redução na beleza e genialidade da obra em si - e esse é o maior mérito do pianista e líder Uri Caine, que também assina os arranjos. Richard Wagner pode recostar-se no caixão e sorrir sem problema algum.

A gravação de *Wagner e Venezia* é feita ao vivo, parte no Gran Caffè Quadri (na Piazza San Marco), e parte no Hotel Metropol (que havia sido a residência do grande compositor italiano Antonio

Vivaldi) - ambos locais na bela e antiga cidade de Veneza ("Venezia", em italiano). O registro aqui inclui, propositalmente, ruído da cidade e do próprio público e, maravilhosamente, sua reação às belas interpretações, trazendo enorme conexão emocional. Não consegui encontrar absolutamente nenhuma informação técnica sobre a gravação, a não ser o fato de ter sido totalmente feita em digital. Sugiro que aqueles que são detratores ou inimigos do digital, ouçam esse disco e vejam que pode ser bem feito e bem musical, com muita ambiência e atmosfera.

Se eu fosse músico, e alguém me perguntasse qual o gênero da minha música, eu responderia: "boa" (claro, se eu, nesse cenário hipotético, for talentoso, rs...). Claro que precisamos fazer alguma diferenciação entre obras musicais, catalogando-as por gêneros, mas desde que faço esta coluna, e tenho que ler críticas, informações de catálogo, anotações de encartes, etc, venho descobrindo uma abundância de sub-gêneros. *Wagner e Venezia* é, para mim, claramente música clássica, erudita, como Wagner a compôs, apesar do arranjo com um grupo pequeno de instrumentistas - do qual, aliás, apenas o acordeon é verdadeiramente "fora da norma". Porém, alguns o catalogam como "Jazz" ou "Jazz Contemporâneo" - que eu refuto, pois não foi tomada licença poética o suficiente no arranjo e na interpretação, a não ser uma certa irreverência.

Aí virão os puristas e reclamarão dessa licença poética, que inclui a inserção do acordeon - às vezes acho que os puristas de hoje são mais "puros" que os das épocas passadas. Acontece que Richard Wagner era um grande frequentador de Veneza, sendo que finalizou lá a composição de sua ópera *Tristão & Isolde*. Wagner inclusive costumava sentar-se nos cafés e praças da cidade, onde já na época dele haviam pequenos grupos musicais tocando suas versões de obras famosas de vários compositores, inclusive do próprio Wagner. O que irritava Wagner nesses pequenos grupos eram os erros, principalmente de andamento, sendo que ele mesmo passou a ajudar os grupos a preparar suas apresentações - o que para mim indica que ele aceitava-as de bom grado.

Me ocorreu mais uma das críticas proferidas pelos puristas, sobre o disco em questão: certas passagens careceriam de paixão e, principalmente, de potência. Bom, considero esse um disco belíssimo, e muito emocional - então descarto da crítica da "paixão". Mas, claro, Wagner sempre trouxe às suas obras uma grandiosidade de tamanho de orquestra e coro, e de sonoridade - o que fica claro vendo como é feito o fosso da orquestra em seu teatro de ópera de Bayreuth, na região da Baviera, na Alemanha, onde aliás é feito o Festival que toca o ciclo completo da óperas do mestre todos os anos, como regentes de primeiro time convidados. O fosso do teatro foi projetado não só para caber uma orquestra bem maior do que a comumente usada para a encenação ao vivo de uma ópera, como



Uri Caine

também tem um formato pensado para a projeção da potência sonora dessa orquestra. Tudo para trazer à vida a obra de Wagner como ele queria. Portanto, concordo que não há parâmetro nenhum pelo qual se possa comparar um cenário desses com a versão do Uri Caine Ensemble, em matéria de potência sonora - mas isso é “chover no molhado”.

O compositor do período do Romantismo, Richard Wagner, nasceu em 1813 em Leipzig, no leste da Alemanha, vindo a falecer em 1883, coincidentemente, na cidade de Veneza, na Itália.

O trabalho de Wagner é conhecido, especialmente, pela dimensão gigante de suas óperas, por sua complexidade instrumental e sinfônica, pela riqueza de suas texturas e harmonias. No final de sua vida, em 1882, já cardíaco, Wagner mudou-se para Veneza - por não suportar mais o frio do inverno de Bayreuth. Lá ele, e sua esposa Cosima, eram visitados frequentemente por amigos como pianista Joseph Rubinstein, o regente Hermann Levi, o compositor Engelbert Humperdinck, o pintor Paul Jukovsky, e o célebre compositor e pianista virtuoso húngaro Franz Liszt. Em 13 de janeiro de 1883, exatamente um mês antes de Wagner falecer vítima de um ataque cardíaco, o amigo Liszt trouxe-lhe a obra *La Gondole Lugubre*, composta de improviso e tocada com o compositor alemão na ocasião - e que chegou a ser vista como uma espécie de pressentimento por parte do amigo Liszt.

Filho de um professor e uma poetisa, Uri Caine nasceu na Filadélfia em 1956, começando a estudar piano aos 7 anos de idade, e tornando-se pupilo do pianista de jazz francês Bernard Peiffer aos 12 anos de idade. Depois foi estudar música na Universidade da Pensilvânia, sob a tutela do compositor moderno americano George Crumb. Nos anos 80, já músico profissional, mudou-se para Nova York, onde vive até hoje. Apesar de ser listado tanto como pianista e compositor clássico como também de jazz, Caine não tem o disco *Wagner e Veneza* como o único trabalho diferenciado feito com base em obras de compositores famosos da música clássica erudita: seus discos incluem arranjos de obras de Mahler, Bach, Schumann, Verdi, Beethoven e Mozart, entre outros. Sua discografia, começando na década de 90, inclui mais de 30 discos como líder de grupos, e mais de 15 participações em discos de nomes como John Zorn, o multi-instrumentista Donald Byron e o trompetista Dave Douglas.

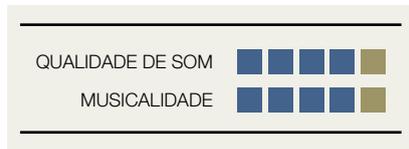
Atenção especial deve ser dada à *Tannhäuser: Overture*, e a *Tristan und Isolde: Liebestod*, entre outras.

Pode ser encontrado em: CD / Serviços de Streaming selecionados. Infelizmente este disco só saiu em CD, e agora tem em uma variedade de serviços de streaming - ambos com excelente qualidade! Escrevendo este texto, estou ouvindo a versão que está no streaming, com muito prazer. Merecia uma versão bem feitinha em vinil, já que é uma gravação cheia e atmosférica. ►

DISCOS DO MÊS



OUÇA UM TRECHO DE “TANNHÄUSER: OVERTURE” NO YOUTUBE: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OYMNKM5WD8S](https://www.youtube.com/watch?v=OYMNKM5WD8S)



Bang on a Can - Music For Airports (Point Music, 1998)

Nunca tive, na vida, grande apreciação pelo gênero do minimalismo musical. Sempre gostei mais de obras e arranjos com instrumentação, ritmos e harmonias complexas. Gosto de algumas coisas do início da carreira do músico e compositor inglês Brian Eno, mas nem tanto de seu período como criador do gênero de música eletrônica Ambient.

Deixe-me explicar um pouco melhor: Brian Eno havia sido tecladista do grupo de rock inglês Roxy Music, e pouco tempo depois de entrar em carreira solo, nos anos 70, passou a gravar uma série de discos de música eletrônica atmosférica bastante minimalista, começando pelo *Discreet Music*, em 1975, e seguido pelo mais famoso *Ambient 1: Music For Airports* (de 1978), depois *Ambient 2: The Plateaux of Mirror* (com a participação do tecladista Harold Budd), *Ambient 3: Day of Radiance* (com Laraaji tocando cítara) e, finalmente, *Ambient 4: On Land*. Sua visão única do minimalismo através do uso de sintetizadores, e os nomes de seus álbuns, garantiram que os fãs e críticos cunhassem um nome de um novo sub-gênero da música eletrônica: a Ambient Music - em atividade até hoje, diga-se de passagem.

O mais famoso da série Ambient de Eno é, certamente, *Music For Airports*, feito todo com sintetizadores e loops de fita, composto para ser música reproduzida continuamente em uma instalação de arte, para “diminuir a atmosfera tensa e ansiosa de um aeroporto”.

E é aí que entra o grupo, ou “coletivo musical”, de Nova York, de música clássica contemporânea Bang on a Can, que resolveu fazer um tributo ao disco seminal da Ambient Music em seu aniversário de 20 anos de lançamento, em 1998. A grande sacada é que a versão do Bang on a Can é totalmente acústica! (ou quase, porque tem o uso de uma guitarra elétrica). E não é um rearranjo ou uma “versão”, mas sim é precisamente tocada para não mudar uma única nota da original, e manter o mesmo comprimento de cada uma das 4 faixas - aptamente nomeadas, por Eno, como 1/1, 1/2, 2/1, 2/2.

Nem é preciso dizer o quão mais rica de harmônicos e texturas, e mais orgânica, é a versão feita com instrumentos acústicos e vozes - especialmente estas últimas, na faixa 1/2, demonstram o cuidado e o trabalho que o grupo teve. Para a gravação do disco, o Bang on a Can arregimentou 24 músicos, compreendendo: cello, contrabaixo, trompete, vozes, flauta, trombone, pipa, piano, violino, percussão, bandolim, guitarra elétrica e clarone. Um trabalho hercúleo no tratamento do arranjo, no detalhamento e composição dos sons, nas texturas e harmônicos. O resultado? Fascinante e uma delícia de ouvir! Com uma gravação muito bem feita, o *Music For Airports* é um disco muito interessante sobre o qual, de novo, não achei nenhuma informação técnica sobre sua gravação.

O criador, o autor dessa música, que originou um gênero que sobrevive até hoje, é o músico e produtor inglês Brian Peter George Eno, nascido na região de Suffolk, na Inglaterra, em 1948, e ainda na ativa, com uma carreira de mais 50 anos. Como músico, além de seu trabalho como tecladista do Roxy Music, e de sua extensa carreira solo, Eno também gravou com Robert Fripp (do King Crimson), David Bowie, o trompetista Jon Hassell (o qual também produziu), David Byrne (líder do Talking Heads), entre vários outros. Na produção, mixagem e contribuições técnicas, Brian Eno trabalhou com U2, Genesis, Penguin Cafe Orchestra, Ultravox, Laurie Anderson, Coldplay, Paul Simon, entre muitos outros.

Encontra-se referências de Eno como músico, compositor, músico experimental, produtor musical, autor da musiquinha que toca quando entra no sistema operacional Windows 95 da Microsoft, pintor de quadros (formado na Winchester School of Art), é auto-descrito como “não-músico”, faz parte do Rock And Roll Hall of Fame desde 2019, é considerado um teórico musical, e ainda encontra tempo para dormir, fazer digestão e tomar banho.

Como teórico musical, Eno criou, em 1975, o Oblique Strategies, uma espécie de jogo de cartas para a promoção da criatividade, com o intuito do músico (ou artista) sair de uma situação onde está

travado em seu processo criativo. O jogo oferece, aleatoriamente, sugestões como “Use uma Ideia Antiga”, ou “Exponha o Problema em Palavras com a Maior Clareza Possível”, ou “Use Apenas um Elemento de Cada Tipo”, entre várias outras.

Uma curiosidade é que, por ter sido educado no St Joseph’s College - uma entidade de ensino católica pertencente ao Instituto dos Irmãos da Escolas Cristãs, também conhecido como “Irmãos de la Salle” ou “Lassaristas” - Eno adotou, em sua crisma, o nome Brian Peter George St John le Baptiste de la Salle Eno.

Agora, sobre os intérpretes, o Bang on a Can é um grupo, um coletivo, uma organização musical que foi criada em 1987, em Nova York, pelos músicos Julia Wolfe (hoje também professora da New York University), David Lang (ganhador do Prêmio Pulitzer de Música), e Michael Gordon (de longa carreira como compositor, professor de música, e marido de Julia Wolfe). O Bang on a Can é auto-descrito como sendo um multi-facetado grupo de música clássica contemporânea, com o intuito de apresentar nova música de concerto - que é exatamente isso que este disco é. Além de se apresentar ao vivo numerosas vezes todos os anos, o Bang on a Can possui uma discografia com mais de 20 discos lançados em quase 30 anos de carreira.

Destaque para a faixa 1/1 - uma das mais interessantes em um disco muito pouco usual.

Pode ser encontrado em: CD / Serviços de Streaming selecionados. Outro disco que merecia um vinil, para melhor explorar sua natureza principalmente acústica, cheia de harmônicos. Mas o que foi disponibilizado em streaming está muito bom!

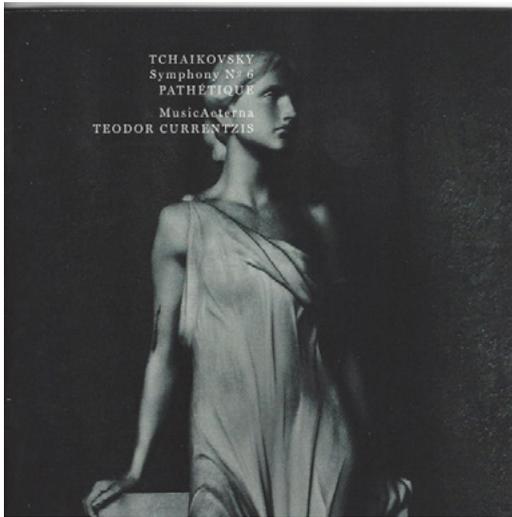


OUÇA UM TRECHO DA OBRA NO YOUTUBE:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=TWXAP_L3PZG](https://www.youtube.com/watch?v=TWXAP_L3PZG)

QUALIDADE DE SOM 
MUSICALIDADE 



Bang on a Can ▶



Tchaikovsky - Symphony Nº 6 Pathétique - Teodor Currentzis (Sony Classical, 2017)

Quando eu estava na tenra idade, meu pai - um aficionado profundo de música clássica - vendo que eu estava demonstrando um interesse além do usual em música, principalmente a clássica, permitiu-me escolher dois discos da coleção dele, e ainda me deu meu primeiro aparelho de som. Esse era o valor da música dentro da minha casa. Gastei de tanto ouvir os discos, sendo que um deles era a *Quarta Sinfonia* de Tchaikovsky, com o regente austríaco Herbert von Karajan regendo a Filarmônica de Berlim (selo Deutsche Grammophon). Depois de um tempo, o interesse por Tchaikovsky - ainda hoje um dos meus compositores clássicos preferidos - somente cresceu, e passou a abranger suas três mais famosas sinfonias: a *Quarta*, a *Quinta*, e a *Sexta*, que leva o subtítulo de "*Pathétique*".

Minha referência para *Sexta Sinfonia* é a gravação com Karajan e Filarmônica de Berlim. Muito pode ser falado, tanto de bom quanto de mau, sobre o Karajan, mas eu considero que ele tem uma das melhores fluências que eu já ouvi, e acho que faz uma interpretação perfeita da obra, com o equilíbrio certo entre o emocional "pesado" e o peso sinfônico da evocativa música de concerto russa - e Tchaikovsky é altamente emocional, e é o rei da melodia. Tendo antepassados que nasceram e viveram na Rússia nessa época, a época Czarista, compreendo bem o russo como um povo muito mais sentimental do que lhes dão crédito.

Tendo ouvido várias dezenas de gravações dessa obra, com dezenas de regentes, descobri não ser tão fácil quanto parece encontrar boas combinações interpretativas - que coubessem nos meus critérios. Até que, um dia, estava fuçando na Internet e descobri o polêmico regente grego Teodor Currentzis. E como o melhor

cartão de visita de um regente são suas gravações, lá fui eu ouvi-lo. A primeira gravação (e o primeiro impacto) já foram esta gravação da *Sexta Sinfonia*: vi tudo que me agradou, com fluência, com emoção, alta qualidade interpretativa, com uma leitura detalhada e complexa, com peso, com densidade - apesar de ligeiramente pouco usual, dando ênfase à fraseados e detalhes que outras gravações não davam. E, sob a batuta, um excelente grupo de músicos russos. Gostei muito do resultado, e compartilho-o aqui com vocês. Claro que a qualidade de gravação me chamou também muito a atenção, com excelente variação dinâmica e resposta em ambos extremos, além da boa ambiência e texturas.

Piotr Ilyich Tchaikovsky nasceu em 1840 na cidade de Votkinsk, na atual Udmúrtia, que fazia parte do Império Russo, de uma família com longas tradições no lado do pai, e origens franco-germânicas pelo lado da mãe. Piotr começou a aprender piano aos cinco anos de idade, e como era um estudante precoce (aos 6 já era fluente também em francês e alemão), aos 8 anos já lia partituras. Apesar do apoio da família nos estudos de música, a educação formal dele também foi levada à sério, com ele se tornando um funcionário público aos 19 anos de idade. No mesmo ano, a Grã-Duquesa Elena Pavlovna e o pianista Anton Rubinstein fundaram a Russian Musical Society, com o objetivo de fomentar talentos locais, em vez de promover talentos do resto da Europa. Ele pôde, então, estudar música com Nicolai Zarembo e composição com Anton Rubinstein, ingressando no recém criado Conservatório de São Petersburgo, possibilitando a ele passar a ganhar a vida como compositor. Com uma carreira que se estendeu até sua morte em 1896, Tchaikovsky compôs três balés, seis sinfonias, concertos para piano e para violino e numerosas obras orquestrais, como *Manfred*, *Francesca da Rimini*, *Capriccio Italien* e *Romeo & Juliet* - entre muitos outros - obras que fazem parte até hoje do repertório mundial da música de concerto.

Teodor Currentzis (Theodoros Kourentzis) é um músico e regente grego, nascido em Atenas em 1972, que frequentou o Conservatório Nacional de sua cidade a partir dos 12 anos, no estudo do violino. Depois, aos 15, estudou composição e, aos 22, começou os estudos de regência, já no Conservatório de São Petersburgo. Desde então, adotou a Rússia como país. Em 2004 passou a ser um dos regentes convidados da SWR Symphony Orchestra Stuttgart - conjunto do qual é hoje o regente titular - além de ser diretor artístico do grupo MusicAeterna, sediado no Teatro de Ópera e Balé de Perm, na Rússia, desde 2011 - grupo com o qual faz turnês pela Europa e gravações pelo selo Sony Classical, além de reger como convidado orquestras como a Sinfônica de Viena, a Filarmônica de Berlim, Filarmônica de Paris, Baden-Baden Festspielhaus e La Scala de Milão, é uma presença em vários festivais e numerosas casas de ópera da Europa.



Murasakino
Musique Analogue

Cápsula MC Sumile
“Um conforto exuberante”

www.wcfdesign.com



TD 203



3XL

ESTADO DA ARTE



VA-ONE

THORENS®

**DeVORE
FIDELITY**

QUAD
the closest approach to the original sound

STRENGTH OF CABLE CATALAN
ACROLINK

**FLUX
HIFI**

JELCO
MADE IN TOKYO



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

www.kwhifi.com.br

DISCOS DO MÊS



Teodor Currentzis

Currentzis, para começar, tem mais cara, roupa e corte de cabelo de líder de banda cover de algum grupo de rock gótico dos anos 80 ou 90, do que de regente de música clássica propriamente dito. Ele têm causado um certo impacto no meio mundial da música clássica, chegando ao ponto de ser chamado por uns de punk ou de anarquista, e por outros de guru. Currentzis faz concertos em galpões na Rússia, de música moderna, e rege a *Nona de Mahler* ou *Idomeneo* de Mozart com a mesma desenvoltura pessoal. Seu carisma e energia têm trazido resultados como grande aclamação pela sua execução de óperas de Verdi e de Mozart (eu mesmo posso atestar que gostei imensamente da sua leitura da *Le Nozze di Figaro* do compositor austríaco). Seguindo caminhos pouco ortodoxos no meio, Currentzis formou sua própria orquestra, a MusicAeterna, composta de bons músicos russos, e solta frases insólitas como “Eu vou salvar a música clássica!” e “Você pode chorar sozinho em frente ao seu toca-discos com essa música” - esta última sobre um disco que gravou com a música do compositor francês Rameau.

Salvador ou Charlatão? Você decide... Eu mesmo gostei muito da música!

Destaque especial para a faixa *III Allegro Molto Vivace* dessa obra - faz sempre o público aplaudir de pé, com entusiasmo!

Pode ser encontrado em: CD / Vinil / Serviços de Streaming selecionados. Só tive a satisfação de ouvir este disco no streaming, e já gostei bastante! Fiquei curioso quanto à edição em vinil. ■



OUÇA UM TRECHO DO “III ALLEGRO MOLTO VIVACE”, NO YOUTUBE: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=UPWMSTOUEGE](https://www.youtube.com/watch?v=UPWMSTOUEGE)

QUALIDADE DE SOM



MUSICALIDADE



SEU GUIA DE FONES DEFINITIVO



O REI DOS FONES BLUETOOTH

FONE DE OUVIDO BLUETOOTH
SONY WH-1000 XM3

E MAIS

NOVIDADES DE MERCADO

GRANDES NOVIDADES DAS
PRINCIPAIS MARCAS DO
MERCADO

GUIA DE REFERÊNCIA

CONFIRA TODOS OS FONES
JÁ TESTADOS PELA AVMAG

UM PACOTE COM EXCELENTE
CUSTO E PERFORMANCE

AMPLIFICADOR DE FONES DE
OUVIDO SENNHEISER HDV 820



APRECIE COM MODERAÇÃO

www.wcjrdesign.com

Segundo os dados da Organização Mundial da Saúde, 1 bilhão de jovens entre 13 e 32 anos já sofrem de alguma perda auditiva! A *Áudio e Vídeo Magazine* sempre alertou aos seus leitores, que fones de ouvido devam ser usados com enorme cuidado.

A OMS estabelece que o ideal seja de 40 horas semanais, com pico máximo de volume de 80 db. E para as crianças (de 7 a 15 anos), 35 horas semanais, com 75 db de volume máximo.

A perda de audição é totalmente silenciosa.

Siga essas recomendações e desfrute do prazer de ouvir música em seu fone de ouvido.

UMA CAMPANHA INSTITUCIONAL AUDIOFONE / AVMAG.

AUDIOFONE

SEU GUIA DE FONES DE OUVIDO

WWW.CLUBEDOAUDIO.COM.BR

EDITORA
AVMAG

ÍNDICE



**FONE DE OUVIDO BLUETOOTH
SONY WH-1000 XM3**

48

E EDITORIAL 42

Gravações para a compra de um fone hi-end

● NOVIDADES 44

Grandes novidades das principais marcas do mercado

^ TESTES DE ÁUDIO

48

Fone de ouvido bluetooth Sony WH-1000 XM3

56

Amplificador de fones de ouvido Sennheiser HDV 820



56



44

☰ RELAÇÃO DE FONES/DACS 62

Relacionamos todos os fones e amplificadores/DACs de fones que já foram publicados na *Áudio e Vídeo Magazine*



XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

GRAVAÇÕES PARA A COMPRA DE UM FONE HI-END

O leitor Carlos Zacuri solicitou uma gravação que o ajudasse a escolher seu fone hi-end definitivo. De preferência uma gravação de big band, pois ele é apaixonado pelas big bands dos anos sessenta (gosto que ele herdou de seu pai). Para ajudá-lo, fui ouvir uma dezena de CDs antes de buscar no Tidal para passar a ele. E, claro, ouvi todas as gravações nos meus dois fones de referência: Sennheiser HD 800 e o Grado SR325, e achei pelo menos meia dúzia que poderiam servir para o pretexto. Porém, sentia que faltava “aquela gravação”, que não deixasse dúvidas na avaliação dos quesitos mais importantes: equilíbrio tonal, transientes, textura, dinâmica e musicalidade! Teria que ser uma gravação em que o equilíbrio tonal não se alterasse em volume baixo ou mais alto. Que todas as frequências e a inteligibilidade fossem as mesmas em qualquer volume. Assim como as texturas e o tempo, precisão e ritmo (tão essenciais neste estilo musical). A dinâmica fosse, no volume seguro para fones, totalmente audível desde a micro até a macro da orquestra tocando no fortíssimo! E o conforto auditivo da gravação fosse exemplar! Com uma gravação dessas, com certeza sua escolha será muito mais segura e ele poderá perceber com muita facilidade as diferentes assinaturas sônicas de cada fone. Antes que você me pergunte, amigo leitor, se esta gravação existe, respondo com um sonoro: sim! Mais uma vez fui salvo por uma gravação da big band do trompetista Wynton Marsalis, a Jazz at Lincoln Center Orchestra com o cantor porto-riquenho Rubén Blades, em uma gravação ao vivo de 2018. O disco chama-se: *Una Noche Con Rubén Blades!* Já escrevi na seção Playlist à respeito da Lincoln Center Orchestra, e indiquei o disco em que a orquestra se apresentou em Cuba. São gravações com um nível técnico e artístico impressionantes, e podem ajudar não só na escolha de fones hi-end, como também no ajuste fino de qualquer sistema. As exigências para se extrair o máximo dessas gravações são grandes, e não dá para sair pela “tangente”, culpando a gravação se não soar bem no seu fone ou sistema. Espero que o leitor Carlos Zacuri goste da dica, e este disco o ajude a comprar seu fone hi-end definitivo. Uma última dica à ele e à qualquer um dos nossos leitores que deseje usar essa gravação: comece

ouvindo em volumes moderados. Se for possível ouvir perfeitamente a cozinha (baixo, bateria e percussão) como “cama” da orquestra, sem nenhuma dificuldade, pode aumentar o volume um pouco mais. Não há nenhum instrumento que espirre ou endureça em nenhum momento. Se você perceber que a flauta, o trompete ou a última oitava da mão direita do pianista endureceu, esqueça este fone, pois o equilíbrio tonal não é bom. E a região média precisa ter total transparência, apresentando todo o naipe de metais e a voz de Rubén Blades sem nenhuma agressividade. Se o fone ou seu sistema passar no quesito equilíbrio tonal (tão crítico neste disco), você está no caminho certo. Boa sorte e depois nos conte qual foi o fone que você escolheu, OK?

Espero que vocês apreciem esta nova edição, e se cuidem por favor! ■



◆◆◆ OUÇA UNA NOCHE CON RUBÉN BLADES - JAZZ AT LINCOLN CENTER ORCHESTRA, NO TIDAL.

🎧 OUÇA UNA NOCHE CON RUBÉN BLADES - JAZZ AT LINCOLN CENTER ORCHESTRA, NO TIDAL.

USE E ABUSE



NAGRA

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

CD DE TESTE Nº 4
FONES DE OUVIDO

CAVI
RECORDS

EDITORIA
MAG

FAÇA O DOWNLOAD GRATUITO DESTE CD EM NOSSO WEBSITE,
E UTILIZE-O PARA AVALIAR SEU FONE E EM FUTUROS UPGRADES.



AUDIOFONE

WWW.CLUBEDOAUDIO.COM.BR/CDDETESTE4

EDITORIA
MAG



SAMSUNG GALAXY BUDS LIVE: SINTONIZE CADA MOMENTO



Os Galaxy Buds Live desafiam o design convencional - com uma estética única, eles não se parecem com nada que você já viu ou usou antes. A Samsung reconfigurou o design tradicional do fone de ouvido, distribuindo os componentes internos horizontalmente em vez de verticalmente. Dessa forma, os fones de ouvido não se projetam dos seus ouvidos, proporcionando uma aparência mais natural. Esse design ergonômico está em conformidade com seu formato, tornando-o confortável o suficiente para ser usado o dia todo. Você pode personalizar ainda mais o seu ajuste com dois tamanhos de pontas.

O Galaxy Buds Live foi projetado para dar vida ao seu som. Combinando a experiência sonora da AKG com o legado de inovação de hardware da Samsung, o Galaxy Buds Live oferece uma experiência de áudio verdadeiramente imersiva. Com um alto-falante de 12 mm e duto de graves, o áudio soa profundo e rico, permitindo que você curta a música da maneira que o artista pretendia. Com três microfones e uma unidade de captação de voz, seus fones de ouvido reproduzem claramente sua voz e garantem que você sempre fale alto e claro no smartphone. Esses fones de ouvido possuem cancelamento de ruído ativo (ANC) para o tipo aberto, permitindo que você afaste distrações, como carros que passam e máquinas de lavar roupa barulhentas, enquanto ainda pode sintonizar anúncios e conversas importantes.

O Galaxy Buds Live oferece uma experiência auditiva conveniente e conectada, compatível com uma variedade de dispositivos.

Altere perfeitamente entre dispositivos compatíveis - não é necessário desconectar e reconectar. E quando combinado com os mais recentes dispositivos Galaxy, você pode abrir seu mundo para novas possibilidades. Grave áudio cristalino para o seu vídeo no Galaxy Note20 usando o Galaxy Buds Live como um microfone sem fio. Use o Modo de Jogo para reduzir a latência do áudio - com a tela Dynamic AMOLED 2X do Galaxy Note20, você pode desfrutar de uma experiência de jogo mais imersiva. Você também pode compartilhar músicas facilmente com os amigos - sem comprometer a qualidade do som - usando o novo recurso Buds Together.

Para uma navegação mais conveniente, o Galaxy Buds Live apresenta um toque baseado em PUI (interface física do usuário) intuitiva para controle de toque, bem como ativação por voz Bixby, que permite navegar pela música, abrir aplicativos e enviar mensagens sem usar as mãos. Além disso, o Galaxy Buds Live vem com bateria de longa duração. Quando totalmente carregados, os fones de ouvido podem alcançar até 6 horas de reprodução, e o estojo de carregamento permite que você aproveite mais 15 horas com várias cargas. E quando você precisar recarregar rapidamente, poderá ganhar 1 hora de reprodução de músicas com apenas 5 minutos de carregamento. ■

Para mais informações:
Samsung
www.samsung.com/br

Para os que desejam ir além



W13



W11



W8



W5



Clique aqui e saiba mais sobre a Boenicke Audio.

german
Audio

www.germanaudio.com.br
comercial@germanaudio.com.br
contato@germanaudio.com.br

INSPIRADA EM MÚSICOS PROFISSIONAIS, JBL CLUB AMPLIA LINHA DE FONES PREMIUM NO BRASIL



Lançamentos apresentam design Premium, graves envolventes e sonoridade profissional da JBL.

Projetada para consumidores exigentes, a linha de fones de ouvido premium JBL Club está com novidades no mercado brasileiro com a chegada do JBL Club 950NC e do JBL Club One. Com certificação HI-RES de alta definição sonora e revestimento em couro, os produtos foram desenvolvidos com o som lendário profissional da JBL e inspirados em músicos ao redor do mundo.

Com um visual elegante, o conceito premium também é evidenciado no design: os fones são fabricados com materiais de alta qualidade. Dobradiças e anel retentor metálicos, além do arco em couro, levam conforto e durabilidade para os consumidores. Enquanto isso, drivers dinâmicos de 40mm garantem a potência sonora aos audiófilos mais exigentes - além da possibilidade de aumentar os graves com o botão Boost, acionado de forma fácil e sem interrupções na concha direita.

O JBL Club 950NC é um fone over-ear sem fios com cancelamento adaptativo de ruído. Com alta potência e um som envolvente, é ideal para acompanhar o consumidor mesmo em viagens ou dias mais longos, com design voltado ao conforto e a bateria de até 55 horas de autonomia no modo Bluetooth, ou ainda 22 horas com o



JBL CLUB ONE



JBL CLUB 950 NC

cancelamento de ruído ativado. Possui 2.000mW de potência de entrada e um driver projetado especialmente para ser resistente a esta variação de tensão - que ocorre, por exemplo, quando é aumentada a potência ao utilizar um amplificador de som.

O JBL Club One leva o padrão dos músicos profissionais para a rotina dos consumidores. O fone over-ear com cancelamento adaptativo de ruído ainda conta com drivers especiais de 40mm de grafeno laranja, que oferecem um som preciso e com riqueza de detalhes. Apresenta duas resistentes entradas auxiliares, uma de cada lado, que aceitam até 3.500mW de potência. Em perfeita conexão com o Bluetooth 5.0, oferece até 45 horas ininterruptas de reprodução, ou até 23 horas livre de fios com o cancelamento de ruído ativos.

Deixe-se envolver com o ritmo dos seus músicos favoritos, pois a JBL desenvolveu a linha Club com alguns dos melhores DJs do mundo. Ao capturar o som dos estúdios de gravação, gravou exatamente como os artistas costumam ajustar o áudio em suas músicas. Até o momento, estão disponíveis as equalizações de Armin Van Bouren, Sunnery James, Nicky Romero, Tigerlily e Ryan Marciano.

Essas configurações de equalização podem ser selecionadas na seção STAGE+, por meio do aplicativo My JBL Headphones - no qual também é possível criar uma nova equalização própria, conforme a sua preferência.

Ao pressionar a concha esquerda, é possível ativar os recursos Ambient Aware ou Talkthru. O recurso Ambient Aware possibilita continuar a escutar suas músicas, equilibrando-as ao som ambiente para não deixar o usuário alheio ao que está acontecendo ao redor.

Com a tecnologia TalkThru, facilite a sua comunicação, reduzindo o volume da música e ativando o microfone externo, bastando tocar novamente no botão para voltar ao normal.

As chamadas telefônicas ficarão perfeitas com a tecnologia Dual-Mic, que cancela os ruídos ambientes durante a ligação. Além disso, ao apertar a concha esquerda do fone são ativados os assistentes de voz Amazon Alexa ou Google Assistente, devido à compatibilidade com os sistemas IOS e Android.

JBL Club 700BT é o fone on-ear da linha

Lançado em março deste ano, o JBL Club 700BT foi o primeiro fone da linha a chegar no Brasil. Com bateria de até 50 horas, também dispõe do botão Boost para aumentar os graves e ter emoção ao escutar músicas, uma sensação sem igual - além dos diversos recursos que permeiam a linha, como alta definição sonora, Ambient Aware e TalkThru, equalização personalizável, assistentes de voz, dentre outros.

As conchas acolchoadas foram desenvolvidas em um conceito de design voltado ao conforto. Dobrável e portátil, pode ser transportado para qualquer lugar, acompanhando um case exclusivo e cabo de entrada de áudio de 1.000 mW. Único fone de ouvido on-ear da linha, o Club 700BT está na loja oficial da marca por R\$ 929,00. ■



JBL CLUB 700BT

Para mais informações:
JBL

www.jbl.com.br/fores-de-ouvido-bluetooth/

TESTE
1
FONE



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=VWV9IBLFJIU](https://www.youtube.com/watch?v=VWV9IBLFJIU)

FONE DE OUVIDO BLUETOOTH SONY WH-1000 XM3

XX Juan Lourenço
revista@clubedoaudio.com.br

O Sony WH-1000XM3 é o rei dos fones Bluetooth com cancelamento de ruído. Ao longo dos dois últimos anos ele vem sofrendo ataques de todos os seus concorrentes, que querem destroná-lo a todo custo, mas sem muito sucesso.

É sem sombra de dúvida o fone mais completo da categoria, com muita tecnologia embarcada e uma lista enorme de assistentes eletrônicos, que faz qualquer canivete suíço se sentir constrangido.

Para começar ele pesa apenas 255 gramas, 20 g a menos que o seu antecessor, o XM2 - muito disto se deve ao material de acabamento do arco agora ser em plástico, o restante continua utilizando os mesmos metais: alumínio e aço nos copos e no arco.

Os drivers de 1,57 polegada tipo domo (com voice coil CCAW) utilizam ímãs de Neodímio e diafragmas LCP revestidos com alumínio, que respondem de 4 Hz a 40 kHz, com sensibilidade de 104 dB via Bluetooth e 101 dB por cabo. A amplificação agora é analógica,

o que confere ao fone uma assinatura sônica mais orgânica e envolvente. Por falar em Bluetooth, o 1000XM3 está equipado com a versão 4.2, e conexão por NFC.

A autonomia da bateria é de 30 horas com o cancelamento de ruído ativo, e 38 horas com o mesmo desligado.

As conchas multi-articuladas possuem boa isolamento natural, não tão eficiente quanto o PX7 da B&W, mas ainda assim muito boa. Assim que é ligado, o fone entra no modo mais alto do controle de ruído, e é preciso desativá-lo se quiser testar a opção natural. As almofadas são confortáveis e a espuma possui ótima memória, porém ela não deixa passar muito ar para dentro, o que em dias quentes pode incomodar um pouco.

As ligações atendidas no WH-1000XM3 são das melhores que já escutei. Graças ao sistema de multi-microfones que filtra o ruído de fundo enquanto capta sua voz durante as chamadas, não ouvimos ►

retorno da nossa própria voz ou os barulhos externos que tanto incomodam. O conforto auditivo também é de ótimo nível. Os comandos continuam na concha e são do tipo sensível ao toque, um pouco desajeitados no início, mas logo nos acostumamos. Pressionando o copo direito ativa o modo “atenção rápida”: com ele a música passa para um modo “som ambiente” e o barulho externo torna-se audível. Com o mesmo gesto podemos iniciar o assistente de voz do celular: Siri, Google Assistant ou Alexa da Amazon.

O fone vem em dois acabamentos: preto com detalhes em cobre, e platinum silver com detalhes em bronze.

O aplicativo Headphone Connect é bastante completo e intuitivo, e com ele é possível configurar o nível de cancelamento de ruído. A novidade é que agora é possível deixar o cancelamento ativado por tempo indeterminado, assim podemos desfrutar do silêncio em uma viagem longa, por exemplo. E para quem viaja bastante de avião ou desce com frequência as estradas da serra de Santos, o fone conta com um otimizador de pressão atmosférica que dá uma bela ajuda naquele probleminha de surdez temporária.

Na parte de configuração da curva de equalização, é preciso tomar cuidado e observar bem como estava a curva de equalização antes de alterá-la, pois não há a opção de retornar à curva anterior. Eu faria um printscreen da tela para ajudar na comparação.

COMO TOCA

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Fontes: Astell&Kern modelo Kann, Sony Walkman NW-A45, smartphone Samsung A7 (2018) e Samsung S10+, iPhone 8 Plus.

O fone utilizado estava amaciado - e isso nos poupou bastante tempo - graças ao nosso amigo e leitor Alicia Reginatto.

Comecei com as mesmas músicas que utilizei no fone PX7 da B&W: Dominique Fils-Aimé - The Red faixa 1 e Birds. É impossível não comparar o PX7, concorrente direto com ele. São dois produtos com assinaturas sônicas diferentes, mas com um enorme respeito pela música, pelas intenções e interpretações que músicos e engenheiros quiseram nos passar. A fluidez e o relaxamento do WH-1000XM3 é impressionante! Com ele você tem velocidade na medida certa sem deixar escapar nada da intencionalidade do artista, dos falsetes de vozes ou de instrumentos, ao mesmo tempo em que ele produz transientes maravilhosos e uma ambiência muito bonita. A região média dele é bastante clara, não nos permitindo perder nada da dicção do cantor ou, como disse acima, nenhum falsete.

A transição do médio para o médio-alto e alto é muito boa, não há buracos nem excesso de brilho que nos chame a atenção mais para um prato de bateria que para o conjunto dos músicos como um todo. O que pega mesmo é dos médios para baixo. Existe uma





Razão e Sensibilidade

GRADO



 DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

www.kwhifi.com.br

“assinatura Sony” que acompanha praticamente todos os fones modernos da marca, uma espécie de sub-graves que permeiam a transição entre médios-graves e graves, que não abandona a audição por nada. É gostoso quando ouvimos hip-hop ou bandas pop e até rock mais comprimido, mas não é legal quando queremos sentar e ouvir jazz, blues ou gêneros musicais mais complexos que exige uma passagem musical mais limpa, sem ajudas ou reforços, para que possamos entender melhor a música e suas intenções. Neste quesito o PX7 soa mais fiel à música.

A amplificação analógica do WH-1000XM3 ajuda e muito na dinâmica musical. O fone tem fôlego, está sempre pronto a responder com enorme folga nas passagens complexas de orquestras, big bands e em solos mais vigorosos, como os do trompetista Wynton Marsalis nas faixas 1, 2 e 6 do disco *The Magic Hour* - o

Sony deixa claro porque ele é o rei dos fones de ouvido com cancelamento de ruído: os instrumentos ficam mais afastados uns dos outros e com uma ótima proporção em termos de tamanho de corpo. A altura das vozes e dos instrumentos também surpreende bastante, em alguns momentos parecendo até ser um fone aberto.

Por conta deste sub-grave que mencionei acima, os extremos - graves e agudos - não possuem tanta precisão em termos de corpo e de extensão como eu gostaria. Não chega a ser uma questão de gosto, mas sim um pequeno desequilíbrio nas proporções de todo o espectro sonoro audível do fone. Em muitas músicas passa despercebido, em outras sentimos falta principalmente de tamanhos de pratos de bateria e no posicionamento mais focado e vincado de contrabaixos acústicos em algumas músicas.



Ainda na faixa 2 do disco *The Magic Hour*, a voz da Dianne Reeves, que trava um verdadeiro duelo de floretes com Wynton Marsalis, percebemos a folga com que o WH-1000XM3 lida com várias dinâmicas diferentes ao mesmo tempo, com velocidades próprias e com tamanhos de corpo próprios, sem que para conseguir tamanho realismo tenha que sacrificar o posicionamento de ambos no palco, não tem esta de um deles achatar, ou do foco da Dianne ou do Wynton dar uma leve borradinha, uma apagadinha para que o outro se saia melhor - fica cada um no seu quadrado, cada um com o seu espaço imaculado na música. As peles de bateria parecem estar esticadas ao máximo e a baqueta bate com gosto e mesmo assim, diante de todas essas dinâmicas únicas, o Sony WH-1000XM3 parece não se abalar com nada disto.

CONCLUSÃO

O Sony WH-1000XM3 continua com seu reinado intocado, líder em seu segmento sem jamais conhecer a derrota. Os adversários chegaram, mas como se diz na gíria da F1 ou da MotoGP: “uma coisa é chegar próximo, outra é ultrapassar”. E, nenhum que ousou tocar em seu manto, o ultrapassou. Se você quer o melhor da tecnologia com mimos dignos de lord inglês e um som poderoso, siga o rei, vá de WH-1000XM3. ■





PONTOS POSITIVOS

Muita tecnologia embarcada. Ótima construção, sem detalhes. Novas almofadas. Bateria para 30 horas de uso.

PONTOS NEGATIVOS

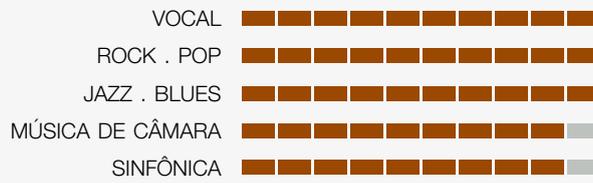
Em dias quentes, as conchas podem incomodar.

ESPECIFICAÇÕES

Tamanho do driver	40 mm, tipo dome (bobina de voz CCAW)
DSEE HX	Sim
Entrada(s)	Minitomada estéreo
Resposta de frequência	4 Hz-40.000 Hz
Resposta de frequência (comunicação bluetooth®)	20 Hz - 20.000 Hz (amostragem de 44,1 kHz) / 20 Hz - 40.000 Hz (amostragem LDAC 96 kHz, 990 kbps)
Resposta de frequência (operação ativa)	4 Hz-40.000 Hz
Operação passiva	Sim
NFC	Sim
Comprimento do cabo	Cabo de headphone (aprox. 1,2 m, fios OFC, miniplug estéreo banhado a ouro)

FONE DE OUVIDO BLUETOOTH SONY WH-1000 XM3

Conforto Auditivo	9,0
Ergonomia / Construção	9,0
Equilíbrio Tonal	10,0
Textura	9,5
Transientes	9,5
Dinâmica	10,0
Organicidade	9,5
Musicalidade	9,5
Total	76,0



Sony
www.sony.com.br
A partir de R\$ 1.799

DIAMANTE
RECOMENDADO



Conecte-se à
essência da MÚSICA

SASHA™ DAW



Yvette



Sabrina

www.wjrdesign.com

WILSON
AUDIO

www.ferraritechnologies.com.br
Telefone: (11) 5102.2902 • info@ferraritechnologies.com.br



FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

TESTE
2
FONE



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=IZCUNFE7YCE](https://www.youtube.com/watch?v=IZCUNFE7YCE)



AMPLIFICADOR DE FONES DE OUVIDO SENNHEISER HDV 820

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Testamos nos últimos cinco anos alguns bons amplificadores de fones de ouvido. Alguns realmente nos agradaram, não só pela sua qualidade de áudio, como também pela sua versatilidade e preço. É um mercado extremamente competitivo e com uma centena de excelentes produtos para todo tipo de bolso e gosto.

Dos modelos mais top, testados por nós, certamente os leitores irão lembrar do Luxman P-1u, que ganhou o prêmio de melhor amplificador de fone hi-end já avaliado por nós. Agora recebemos um outro peso-pesado, o HDV 820 que, além de um amplificador de fones de ouvidos também inclui um excelente DAC e também pode ser utilizado como pré de linha.

A Sennheiser, ao desenvolver este novo modelo pensou naquele usuário que possui uma coleção de fones de ouvidos e por isso disponibilizou entradas XLR3, XLR4, 6,3 mm e um soquete Pentacom de 4,4 mm. O gabinete é em alumínio anodizado preto com um botão de liga/desliga com luzes LED brancas, além de um

seletor de fontes e o botão de volume. Nas suas costas temos: entradas e saídas balanceadas analógicas, além de entradas digitais coaxiais, óticas e USB. Além de um knob de ganho rotativo para quem desejar fazer algum ajuste fino.

O produto cabe em qualquer prateleira e pesa apenas 2,25 kg. O DAC tem resolução DSD256 e 32-bit/384 kHz para arquivos PCM. Para o teste utilizamos dois fones da própria Sennheiser: o HD 600 na entrada XLR3 e o HD 800S na entrada XLR4. O próprio fabricante indica que a melhor performance será usar a entrada XLR4, de quatro pinos. Então seguimos à risca a indicação, deixando a entrada XLR3 para ouvirmos o HD 600.

Para o teste do DAC utilizamos a entrada coaxial e apenas o nosso transporte dCS Scarlatti. Os cabos de força foram o original enviado pelo fabricante e o Transparent PowerLink MM2. Como pré de linha ligamos o HDV 820 nos powers Hegel H30 e Audio Research Ref 75 SE (leia teste 1 nesta edição), pela saída XLR do Sennheiser. ▶

Como conheço muito bem o fone HD 800S, já que é a minha referência em fones de ouvido, e a primeira impressão foi altamente positiva, pois se tem algo que imediatamente se sobressai no fone de ouvido HD 800S, que é a qualidade de resposta, peso e corpo dos graves.

As pessoas que nunca tiveram acesso a um fone deste gabarito, não acreditam que um fone de ouvido que não seja intra-auricular possa ter uma resposta tão correta e precisa nas baixas frequências. E o HDV 820, pela entrada XLR4 evidencia ainda mais esta virtude. Mas, as surpresas não param por aí, pois o silêncio de fundo deste amplificador de fone é admirável, permite o acompanhamento do mais sutil detalhe, ainda que ele esteja quase que encoberto pelo hiss da fita master analógica, em gravações dos anos sessenta e setenta. Esse silêncio também possibilita a reprodução de forma muito convincente e satisfatória das ambiências, com seus rebatimentos e decaimentos suaves em grandes salas de concerto.

Os médios são bem transparentes, mas bastante equilibrados tonalmente, e mesmo gravações mais agressivas que sofreram o uso de muita compressão ou equalização, em volumes cuidadosos são prazerosas de ouvir.

Os agudos são excelentes, tanto em termo de extensão quanto de velocidade. Porém achei o corpo um pouco menor que no Luxman P-1u, nossa referência até o momento. Mas nada que incomode ou nos faça perder o interesse nas audições. É uma questão de assinatura sônica, não um defeito.

Digo isso pelo fato de que, no outro extremo, a qualidade, peso e corpo nos graves, são muito superiores ao Luxman P-1u. Então é tudo uma questão de gosto, estilo musical e setup.

Fiquei embasbacado com a apresentação de texturas, tanto de vozes quanto de instrumentos acústicos, pois o calor e a naturalidade proporcionam um conforto auditivo viciante. Escutei dezenas de cantoras e pequenos grupos orquestrais, por muito mais horas do que estou acostumado a ouvir com fones de ouvido. Há uma proposta de imersão total e um convite para você “dissecar” suas obras preferidas como você nunca fez antes.

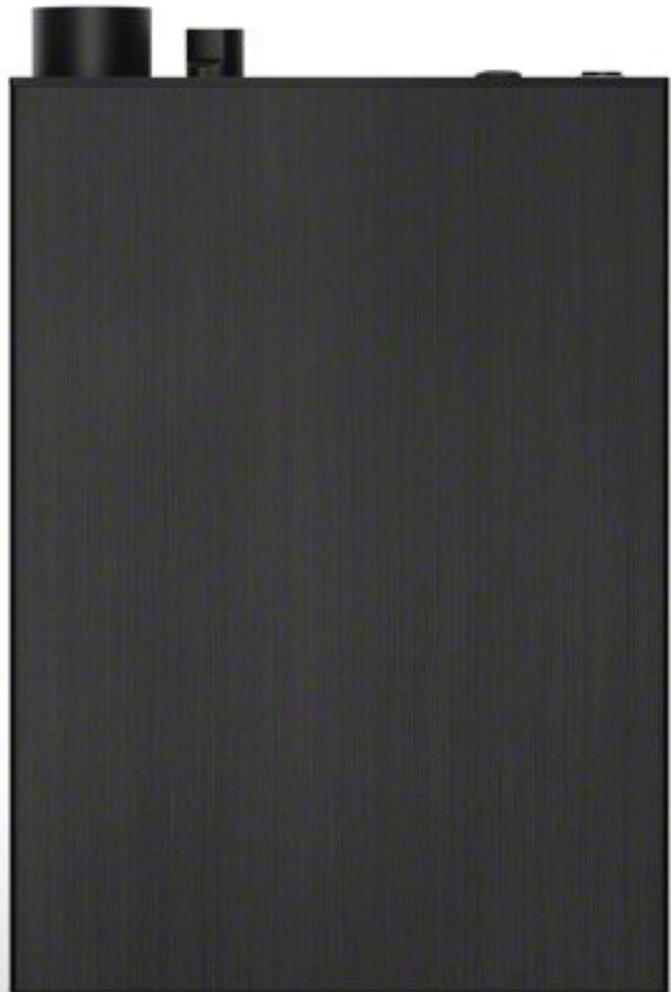
Os transientes são maravilhosos, principalmente em obras com grandes variações de andamento, dando-nos a nítida impressão que os músicos estavam absolutamente concentrados e imersos no acontecimento musical.

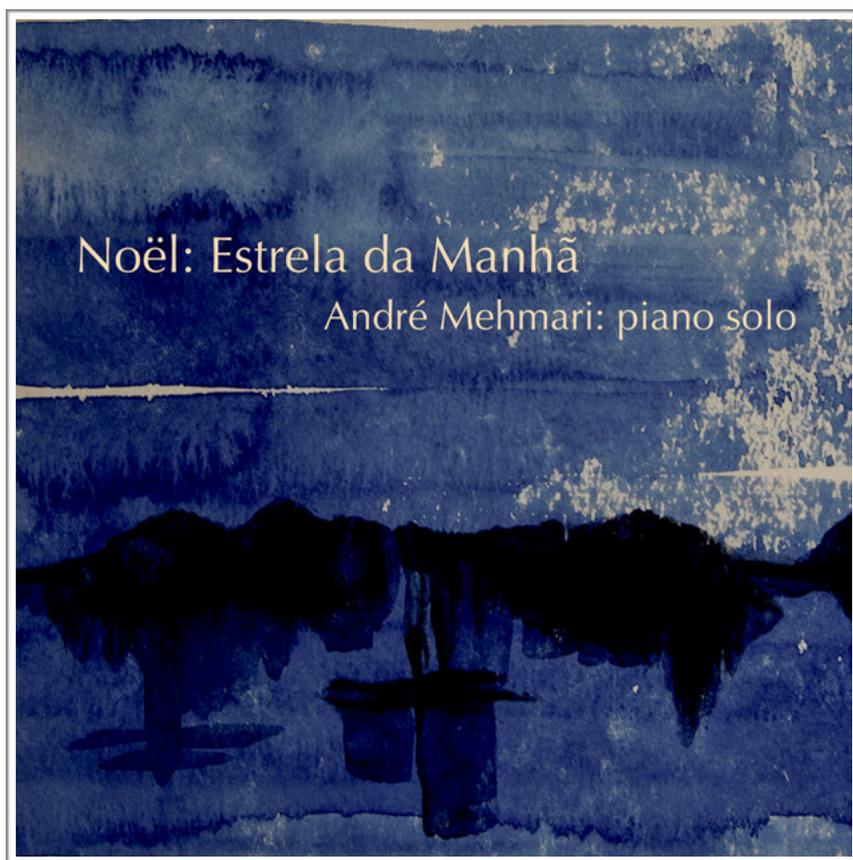
É preciso ser cuidadoso com este HDV 820, pois se você se empolgar, você se pegará ouvindo em volumes superiores ao que você geralmente escuta. Eu tive que me penitenciar, pois cometi este delito inúmeras vezes, empolgado com a folga e o conforto auditivo proporcionado pelo conjunto HDV 820 e HD 800S na entrada XLR4.

A macro-dinâmica também se mostrou impressionante, provando que o HDV 820 possui uma folga muito incomum na maioria dos amplificadores de fone (mesmo os mais top).

Como DAC, outra grande surpresa: me lembrou muito do DAC Hegel HD12. Musical, ótimo silêncio de fundo e extremos, ainda que mais “contidos”, muito corretos. Pode perfeitamente ser superior a muitos DACs de entrada ou CD-Players mais antigos.

E para aqueles que só escutam música de seus computadores, o DAC existente no HDV 820 é um “plus a mais” que pode sim ser o conversor definitivo para quem tem um sistema Diamante intermediário.





Novo album piano solo
Dedicado à obra de
Noel Rosa

Já disponível nas
plataformas digitais.

Arquivos originais em
24/96 disponíveis
para venda exclusiva
através do site.

Lançamento
Janeiro 2020

“Foi na noite do dia 19 de outubro de 2019 que este álbum foi integralmente gravado, num só fôlego. Minha vontade foi mesmo criar um som intimista, noturno, aconchegante e lento. Abri o songbook Noel Rosa e comecei a gravar algumas canções, na ordem (alfabética) em que se apresentam. O repertório parecia já saber o que me pedir como pianista. Assim, neste álbum, apresento as músicas na ordem em que as gravei. O que ouvimos aqui é o lume daquela irrepetível noite que me antecipava uma aurora de sonhos e galáxias que dançam ao som de Noel Rosa.”

André Mehmarí

Música Brasileira de excelência produzida hoje.

Conheça os lançamentos do selo Estúdio Monteverdi

<http://www.andremehmari.com.br/loja-shop>



ESTÚDIO Monteverdi



Como pré de linha, ainda que modesto, suas qualidades são evidentes, já que fica explícito que o objetivo dos engenheiros da Sennheiser foi o de oferecer uma solução barata e honesta, visando atender ao usuário que possui um power e um par de caixas e deseja um pré de linha para ouvir música fora do fone de ouvido. Sua qualidade sonora se equipara facilmente a um pré de linha Ouro com um pé na categoria Diamante de entrada.

Voltando ao HDV 820 como amplificador de fone, ao mudar do fone HD 800S para o HD 600, na entrada XLR3, pudemos ouvir esse fone como nunca o escutamos antes (nem mesmo quando o testamos há alguns anos). Fiquei muito surpreso com o quanto o HD 600 se beneficia de estar ligado ao HDV 820. Graves mais bem estendidos e com maior resolução em termos de peso, foco e recorte. E um agudo mais suave e correto. Foi como se o HD 600 tivesse recebido um upgrade!



TESTE ORIGINALMENTE PUBLICADO NA EDIÇÃO 244

RELAÇÃO DE FONES/DACS PUBLICADOS



FONE DE OUVIDO BEYERDYNAMIC DT880 PRO

Edição: 167

Nota: Primeiras Impressões

Importador/Distribuidor: Playtech



OURO REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO SENNHEISER HD800

Edição: 175

Nota: 85

Importador/Distribuidor: Sennheiser



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO YAMAHA PRO500

Edição: 190

Nota: Primeiras Impressões

Importador/Distribuidor: Yamaha



OURO REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO JVC FX200

Edição: 192

Nota: Espaço Aberto

Importador/Distribuidor: JVC



FONE DE OUVIDO AKG QUINCY JONES Q701S

Edição: 193

Nota: 82

Importador/Distribuidor: Harman Kardon



DIAMANTE REFERÊNCIA



AMPLIFICADOR DE FONES DE OUVIDO LUXMAN P-200

Edição: 194

Nota: Primeiras Impressões

Importador/Distribuidor: Alpha Áudio e Vídeo



ESTADO DA ARTE



DAC USB E PRÉ DE FONES DE OUVIDO LUXMAN DA-100

Edição: 200

Nota: 82

Importador/Distribuidor: Alpha Áudio e Vídeo



DIAMANTE REFERÊNCIA



DAC USB E PRÉ DE FONES DE OUVIDO DACMAGIC XS

Edição: 201

Nota: 70,5

Importador/Distribuidor: Mediagear



OURO REFERÊNCIA



MICROMEGA MYUSIC AUDIOPHILE HEADPHONE AMPLIFIER

Edição: 202

Nota: 78

Importador/Distribuidor: Logiplan



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO AUDEZE LCD3

Edição: 204

Nota: 83

Importador/Distribuidor: Ferrari Technologies



ESTADO DA ARTE



DAC E PRÉ DE FONES DE OUVIDO KORG DS-DAC-100 - REPRODUZINDO DSD

Edição: 205

Nota: 80

Importador/Distribuidor: Pride Music



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO PHONON SMB-02 DS-DAC EDITION

Edição: 206

Nota: 80

Importador/Distribuidor: Pride Music



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO GRADO PS500E

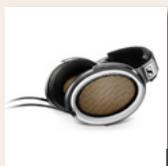
Edição: 210

Nota: 81,25

Importador/Distribuidor: Audiomagia



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO SENNHEISER HE 1

Edição: 240

Nota: 95

Importador/Distribuidor: Sennheiser



ESTADO DA ARTE



AMPLIFICADOR DE FONES DE OUVIDO SENNHEISER HDV 820

Edição: 244

Nota: 86

Importador/Distribuidor: Sennheiser



ESTADO DA ARTE



PS AUDIO STELLAR GAIN CELL DAC - COMO AMPLIFICADOR FONE DE OUVIDO

Edição: 247

Nota: 85

Importador/Distribuidor: German Audio



ESTADO DA ARTE

RELAÇÃO DE FONES/DACS PUBLICADOS



FONE DE OUVIDO GRADO SR325E

Edição: 258

Nota: 72

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



DIAMANTE RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO SONY WH-XB900N

Edição: 258

Nota: 62 / 63

Importador/Distribuidor: Sony



OURO RECOMENDADO



HEADPHONE JBL EVEREST ELITE 150NC

Edição: 260

Nota: 58

Importador/Distribuidor: JBL



PRATA REFERÊNCIA



AMPLIFICADOR DE FONE DE OUVIDO QUAD PA-ONE+

Edição: 260

Nota: 83

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO WIRELESS TCL ELIT400NC (VIA CABO P2)

Edição: 260

Nota: 61

Importador/Distribuidor: TCL



PRATA REFERÊNCIA



HEADPHONE SONY WH-CH510

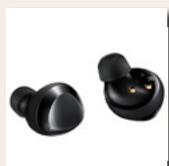
Edição: 261

Nota: 58,5

Importador/Distribuidor: Sony



PRATA REFERÊNCIA



SAMSUNG GALAXY BUDS+

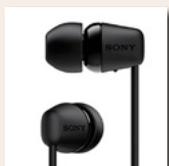
Edição: 261

Nota: 44

Importador/Distribuidor: Samsung



BRONZE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO SONY WI-C200

Edição: 262

Nota: 57

Importador/Distribuidor: Sony



PRATA REFERÊNCIA



SONY WALKMAN NW-A45

Edição: 262

Nota: 62,5

Importador/Distribuidor: Sony



OURO RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO PHILIPS FIDELIO X2HR

Edição: 263

Nota: 78

Importador/Distribuidor: Philips



DIAMANTE REFERÊNCIA



HEADPHONE BLUETOOTH COM CANCELAMENTO DE RUÍDO B&W PX7

Edição: 264

Nota: 75,5

Importador/Distribuidor: Som Maior



DIAMANTE RECOMENDADO



AUDIO CONSULTING

Para quem deseja extrair o melhor do seu sistema analógico.

A AAM presta consultorias em áudio e é especializada em instalação e ajustes de equipamentos analógicos - toca-discos e gravadores open reel.

andremaltese@yahoo.com.br - (11) 99611.2257



RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Nagra Classic INT - 99 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.260
Hegel H590 - 97,5 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.256
Sunrise Lab V8 SS - 96 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.259
Hegel H360 - 95 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.235
Aavik U-300 - 94 pontos (Estado da Arte) - Som Maior - Ed.220

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

Nagra HD Preamp - 110 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.257
Nagra Classic Preamp (com a fonte PSU) - 105 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.261
CH Precision L1 - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.239
Nagra Classic Preamp - 100 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.261
D'Agostino Momentum - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198

TOP 5 - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

CH Precision M1 - 106 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.238
Nagra Classic Amp Mono - 104 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.258
Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.200
CH Precision A1.5 - 102 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.263
Audio Research 160M - 102 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.251

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

Boulder 508 - 102 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.253
Tom Evans The Groove+ - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.204
Pass Labs XP-25 - 95 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.170
Gold Note PH-10 - 93 pontos (Estado da Arte) - Living Stereo - Ed.249
Esoteric E-03 - 92 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

Nagra DAC X - 111 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.264
MSB Select DAC - 106 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.252
Nagra Tube DAC - 105 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.262
dCS Rossini - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.250
dCS Scarlatti - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.183

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.196
Acoustic Signature Storm MkII - 103,5 pontos (Estado da Arte) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.257
Transrotor Rondino - 103 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.186
Thorens TD 550 - 99 pontos (Estado da Arte) - KW Hi-Fi - Ed.260
Dr Feickert Blackbird (braço: Reed 3Q) - 95 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.199

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

Soundsmith Hyperion MKII ES - 106 pontos (Estado da Arte) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.256
MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.202
Air Tight PC-1 Supreme - 105 pontos (Estado da Arte) - Alpha Audio & Video - Ed.196
MC Murasakino Sumile - 103 pontos (Estado da Arte) - KW Hi-Fi - Ed. 245
vdH The Crimson SE - 99 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.212

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.200
Wilson Audio Sasha DAW - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.256
Rockport Avior II - 101 pontos (Estado da Arte) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.258
Evolution Acoustics MMThree - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.176
Kharma Exquisite Midi - 99 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.198

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Transparent Audio Reference XL G5 - 103,5 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.231
Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.205
Sunrise Lab Reference Quintessence Magic Scope - 101 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.240
Feel Different FDIII - Série 3 - 100 pontos (Estado da Arte) - Feel Different - Ed.265
Dynamique Audio Halo 2 - 100 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.257

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Dynamique Audio Apex - 106 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.258
Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.214
Sax Soul Ágata II - 103 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul - Ed.251
Dynamique Audio Zenith 2 XLR - 102 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.263
Sunrise Lab Quintessence - 102 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.244



GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a *Áudio Vídeo Magazine* utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambiência, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer “pequeno” quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de “estar lá”. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não ampliada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.





PRÉ AMPLIFICADOR SHINDO AURIEGES L

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

O falecido revisor da revista *Stereophile*, Art Dudley, foi sem dúvida alguma o porta voz da Shindo ao mundo, já que até o início do século 21 este fabricante era praticamente desconhecido no ocidente.

O próprio Art Dudley ficou surpreso ao saber que a Shindo existia desde 1977, e que seu fundador, o engenheiro Ken Shindo, antes de abrir o laboratório Shindo em Tóquio, foi por muitos anos um colecionador de válvulas antigas e componentes, hoje considerados vintage.

Dudley, ao conhecer os produtos Shindo no início deste novo século, se tornou um fã incondicional da marca, e criou laços de amizade com a família Shindo (Ken, sua esposa e seus dois filhos). Ele foi capaz de entender como ninguém a arte de Ken Shindo e seus conceitos teóricos e, porque não dizer, filosóficos. E em cada novo produto testado, ele fazia uma longa introdução explicando a seus velhos e novos leitores, os conceitos e ideias do Sr. Shindo e, depois de sua morte (em 2014), o rumo que a empresa tomou nas mãos da viúva e de seu filho mais velho.

Aqui no Brasil também arrisco dizer que a Shindo tem seu “porta voz”: o querido amigo César Miranda, violinista da OSESP, que adquiriu seu pré Shindo Aurieges L, se não me engano, em 2012 (que ele me corrija se estiver errado). E sempre, em nossos encontros, ele me disse enfaticamente: “Você precisa escutar um produto da Shindo”.

O tempo passou, e finalmente o Fernando Kawabe pegou a representação da marca para o Brasil, e cá estou eu com o pré de entrada deste fabricante, por cerca de 90 dias! Mas antes que o César pule no meu pescoço, recorrerei novamente ao falecido Art Dudley para explicar a maneira que o sr Ken Shindo via o áudio de qualidade.

Ele nunca disse que algum produto por ele criado seria de “entrada”, “intermediário” ou o “top de linha”. Para ele, cada produto seu era como um filho, com todas as suas qualidades e limitações. No teste do pré amplificador Vosne-Romanee, de outubro de 2010, Dudley em sua longa introdução nos lembra que o primeiro



“mandamento” de Ken Shindo era: que seus produtos não eram desenvolvidos para produzir apenas sons que podem ser ouvidos de um único assento da sala, e nem eram feitos para destacar efeitos espaciais para o entretenimento daqueles que sabem muito sobre equipamentos, mas pouco ou nada sobre música ao vivo não amplificada. E que seus produtos tinham a mera função essencial de ajudar a recuperar a arte de ouvir música, e nada mais que isso.

E, no parágrafo seguinte, Dudley ressalta novamente que o Ken Shindo não considerou jamais um produto seu melhor que o outro, e sim um diferente do outro, para ouvintes diferentes, mas que aspiram ouvir seus discos da melhor maneira possível dentro de seu orçamento e exigência sonora.

Muitos devem estar se perguntando de onde vieram as inspirações para o nome de cada produto? Mais uma vez serei salvo pelo Art Dudley: alguns de sua paixão por nomes de vinhos raros, e outros são termos musicais, e um dos seus produtos recebeu o nome de uma mulher.

O modelo enviado para teste já faz parte da geração produzida agora pelo seu filho mais velho, Takashi Shindo, e suas diferenças em relação ao modelo que o amigo César possui vão além de mudanças no gabinete, como por exemplo os dois grandes botões de volume e seletor de entrada - que, no mais antigo, eram um ao lado do outro - agora ficam um em cima do outro. As válvulas também foram colocadas na frente, no meio do painel, no modelo já produzido pelo filho Takashi.

Alguns componentes também são diferentes, mas neste caso não dá para saber se foi proposital ou se foi pelo componente original não existir mais. Ken Shindo, muitas vezes dentro de um mesmo

lote de um mesmo produto, fazia pequenas alterações no circuito para adequar o que havia disponível no estoque, sem jamais perder a assinatura sônica dos seus produtos. Então é comum nos fóruns de discussão de shindomaniacos (termo que eu inventei depois de ler a verdadeira adoração que muitos audiófilos têm pela marca), ver o mesmo modelo, com um número de série bem próximo, com componentes distintos na mesma placa. Isso ocorre com válvulas, capacitores e resistores.

Para a maioria dos audiófilos, que cresceram ouvindo e comprando produtos hi-end de fabricantes que produzem em larga escala, deve parecer estranho que uma empresa ainda desenvolva produtos “personalizados”, ainda que em série. Este foi o grande legado de Ken Shindo: produzir produtos de forma artesanal e utilizando componentes de sua própria coleção pessoal, que ele montou durante quatro décadas, e que seu filho mais velho continua a fazer com maestria. Nos fóruns, os elogios aos novos produtos Shindo pós 2014, são contundentes - até mesmo do falecido Art Dudley, que chegou a temer pela continuidade da Shindo, mas se rendeu ao escutar os produtos desta nova geração.

O Aurieges L chegou em um excelente momento, pois tínhamos dois excelentes powers de estado sólido para serem seu par (Nagra Classic e o CH Precision A1.5). O Kawabe nos confirmou que em breve estarão chegando dois modelos dos powers estéreo, e nos disponibilizará novamente o pré para podermos compartilhar com os leitores a assinatura sônica do pré e power Shindo.

No entanto, adianto que a sinergia alcançada com ambos os powers deu para nos mostrar a impressionante qualidade deste pré. Como veio praticamente com menos de 20 horas de amaciamento, ►



como de praxe fizemos a audição de primeiras impressões, e o colocamos em queima por 80 horas.

Para o teste utilizamos nosso Sistema de Referência, alternando com os dois powers, caixas Wilson Audio Sasha DAW, cabos de caixa Sunrise Lab Quintessence e Feel Different FDIII (leia Teste 5 de áudio nesta edição), e cabos de interconexão RCA Sunrise Lab Quintessence e Feel Different FDIII. Os cabos de força foram três: FDIII, Quintessence, e Transparent Reference G5. Fontes digitais: transporte dCS Scarlatti com os DACs Nagra TUBE DAC e HD. Fonte analógica: toca-discos Mark Levinson (teste na edição de setembro) com braço VPI de 12 polegadas e cápsula Ortofon Cadenza Bronze, além do toca-disco Acoustic Signature Storm com braço SME Series V e cápsula SoundSmith Hyperion 2. Prés de phono: Boulder 508 e CH Precision P1 (teste na edição de setembro).

Se você é daqueles leitores que acha inadmissível um produto hi-end sem controle remoto, pode parar de ler este teste aqui! Agora, se você é “flexível” e aceita que um produto hi-end, se tiver uma performance exuberante, pode cometer esse pecado, me siga!

Se meu pai estivesse vivo, e eu apresentasse este pré a ele, sei com certeza qual seria seu comentário ao final da audição: “Este pré separa os meninos dos homens”. Consigo escutar em minha mente ele falando esta frase, levantando e indo até o pré fazer seu contato físico e visual - que ele só dedicava ao que realmente o havia seduzido e encantado!

Terei que falar de encanto, e não de topologia, amigo leitor. Pois é um pré tão minimalista e feito com tamanha objetividade que só

um artista que domina sua arte em todos os estágios será capaz de cumprir tão grande desafio! Tentar explicar as diferenças entre este e tantos outros excelentes prés valvulados será uma perda de tempo, pois a única maneira de ser justo com este produto é ouvindo. Não existe outra maneira (pelo visto), de ser apresentado a um produto Shindo. Você terá que vencer todos os seus preconceitos e desconfianças e ir de mente vazia e coração aberto para essa audição.

Aos que se propuserem a este desafio, garanto uma coisa: sua percepção de ouvir sistemas hi-end mudará para sempre, pois como tão bem escreveu Art Dudley, não se trata de um palco cirúrgico, em uma posição de escuta única - estamos falando de como a música chega até nós na Sala São Paulo, por exemplo, estejamos em uma posição privilegiada nas primeiras filas e ao centro do palco, ou no mezanino lateral. Quem frequenta a Sala São Paulo entenderá muito bem o que estou tentando descrever. A acústica da Sala foi feita para levar o que está acontecendo no palco a toda a plateia, ainda que a inteligibilidade possa ser maior em determinadas posições.

Mas o ouvinte na Sala São Paulo não terá dificuldade de ouvir os instrumentos, suas alturas, variações dinâmicas e muito menos distinguir os instrumentos que estão tocando. É disso que Ken Shindo sempre nos falou e mostrou com seus produtos. A música transcende esses pequenos obstáculos de posições de audições privilegiadas.

Querem uma prova do que acabei de escrever?

Meu querido amigo, e ex colaborador da revista, o Roberto Diniz, me fez uma visita recente e estávamos ouvindo o sistema com o ►

Não é mágica, é Ciência!



Peça uma demonstração dos produtos da Magis Audio, e descubra o salto que o seu sistema de áudio e vídeo pode dar.



MAGIS AUDIO

Magis Audio, just listen

Telefone: (11) 98105.8930
 duvidas@magisaudio.com
 www.magisaudio.com

Shindo de pré amplificador, ele se levantou e sentou na lateral da sala no chão para escolher alguns LPs. Estávamos tocando uma obra com a violinista Hilary Hahn, se não me engano o concerto para violino e orquestra do Bernstein, quando ele parou de escolher os LPs e, sentado de costas para as caixas, comentou como era sedutor o timbre do violino da Hilary!

São essas descobertas que o pré Aurieges L nos proporciona. Mas não serão esporádicas, com uma ou outra gravação, e sim com toda a sua coleção de discos. Em tudo haverá uma nuance, uma passagem, um solo que nos fará suspirar e nos perguntar o motivo daquele arrebatamento não ter ocorrido antes com prés muito mais caros, com topologias de última geração...

A vida do audiófilo felizmente tem essas caixinhas de surpresas. Basta que você esteja aberto a viver e conhecer esses produtos que fogem do lugar comum, e muitas vezes de todos os conceitos que você aprendeu sobre o que é certo e errado na audiofilia.

Sempre cito aos leitores mais novos, de um acontecimento que me marcou muito alguns anos atrás. Testamos e publicamos na mesma edição dois integrados na mesma faixa de preço, com topologias distintas, sendo um totalmente minimalista (Etalon) e outro com uma topologia repleta de recursos e circuitos (Plinius). E mostramos ambos abertos, o que escancarou a diferença entre os dois e colocou em discussão calorosa entre os leitores como o Etalon podia custar o mesmo que o Plinius com um décimo de componentes do integrado! Tentei não me intrometer e deixar as discussões rolaem para ver aonde iriam, mas chegou em um ponto em que achei que deveria, como editor, me pronunciar. Pois afinal sempre achei que, se o audiófilo busca é a fidelidade máxima e o melhor conforto auditivo, independente da topologia, se o produto o atender e estiver dentro do seu orçamento, nada mais importa (ou deveria importar, no meu modo de ver o hi-end).

O mesmo ocorrerá certamente com este pré da Shindo. Muitos de vocês acharão vultoso um pré minimalista custar 6 mil dólares sem controle remoto e com apenas 4 entradas de linha, e uma única saída - o que impede a bi-amplificação. Mas se derem a chance a este Shindo de mostrar suas inúmeras virtudes sonoras, garanto que suas convicções podem se diluir como gelo ao sol. Mas sei que isso só será possível aos que, em sua busca, estão atrás da música e não artefatos sonoros!

Este pré não sabe nada de artefatos sonoros - como maior foco, recorte ou transparência cirúrgica. Seu objetivo é o mesmo de um instrumento musical de qualidade, em mãos hábeis: fazer a plateia congelar e se concentrar em ouvir apenas a música e mais nada.

Se você já teve algum momento de sua jornada essa experiência de se sentir completamente envolvido pela música a ponto de esquecer quantos minutos ou horas já se passaram, este pré tem muito a lhe mostrar. Caso contrário, esqueça-o, pois ele não terá nada a lhe dizer.

Sua assinatura sônica é tão intensa que foi difícil até mesmo definir as diferenças, tão óbvias em outros prés, de ouvir digital ou analógico. Pois ambos soaram tão orgânicos e divinos que a única dificuldade era terminar as audições e voltar ao cotidiano diário.

Veja que escrevi linhas e mais linhas e não entrei em nenhum momento nos quesitos da Metodologia. Sabe o motivo amigo leitor? É que os quesitos neste caso estão intrínsecos ao todo. Não há como separar: ou você leva o pacote todo, ou esqueça!

Claro que ele não tem a extensão nas duas pontas que o nosso pré de referência apresenta. Seu silêncio de fundo não está entre os melhores da categoria Estado da Arte. Seu soundstage não possui a profundidade dos melhores prés que já testamos.

TESTE
2
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ATXHB14LKQA](https://www.youtube.com/watch?v=ATXHB14LKQA)



CONDICIONADOR DE ENERGIA GIGAWATT PC-4 EVO+

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Meu último componente para proteção e filtragem de rede foi Shunyata, e o AC Organizer, e isso lá se vão muitos anos!

Talvez, se ainda morasse em São Paulo, faria uso de um dispositivo desta natureza, mas aqui no meio do mato em uma zona rural, em que o parque industrial mais próximo está a mais de 50 km de distância, e não tenho grandes variações de pico de energia, abandonei por completo a ideia de proteção para o sistema. O que fiz foi apenas assegurar que, em caso de queda de energia, o sistema se mantenha desligado até que eu pessoalmente volte a ligá-lo.

Para isso, contei com a maestria do Ulisses da Sunrise Lab, que me montou uma régua dedicada que desarma todo o sistema quando a energia é cortada (mesmo que seja por uma fração de segundo). E como tinha um antigo gabinete de um velho regenerador da PS Audio no depósito, pedi que ele mantivesse o voltímetro existente neste gabinete, apenas para eu monitorar a voltagem. Sendo que todas as tomadas foram substituídas por Oyaide de melhor qualidade, assim como a tomada IEC, e estou satisfeito com essa escolha.

Outra decisão mais recente foi trocar o cabeamento da instalação elétrica dedicada, substituindo o Furutech original pelo novo cabo de elétrica da Sunrise Lab, assim como os fusíveis originais da chave seccionadora Siemens pelos fusíveis também da Sunrise Lab, com excelentes resultados (em breve escreverei um artigo).

Então, nem sei dizer com exatidão quantos anos fazem que não testo um condicionador de energia, me sentindo completamente desatualizado em relação ao que o mercado hi-end oferece atualmente.

Em uma rápida troca de mensagens, o Fábio Storelli perguntou se haveria interesse em testar um condicionador produzido na Polônia, e que ele estava garantindo a representação para o Brasil! Claro que aceitei, afinal nutro um enorme interesse em ver o que está sendo produzido “fora” dos principais centros hi-end do mundo - pois nos 24 anos de vida, tivemos o prazer de ouvir alguns produtos fora do “eixo”, e tivemos boas surpresas (lembrem da Etalon?).

O PC-4, condicionador de energia EVO+ da GigaWatt, é o seu modelo top de linha. E o produto com mais testes internacionais feitos até o momento.

Ao receber o produto, surpreendeu-me o tamanho do gabinete que, além de grande e pesado, possui um acabamento impressionante. Os cuidados são visíveis, como: gabinete de baixa ressonância, pés de isolamento anti-vibratório, e um painel enorme que permite ao usuário monitorar a rede elétrica à distância de até 5 metros do aparelho.

O PC-4 EVO+ possui doze soquetes de energia proprietários de alta qualidade, com enormes contatos de superfície, que foram submetidos ao tratamento criogênico e desmagnetizados. O chapeamento dessas tomadas são de prata, sem o uso de metais intermediários como cobre ou níquel.

O produto está equipado com um bloqueador de deslocamento de corrente contínua, proteção contra sobrecarga, e proteção contra surtos.

Não existem elementos de proteção tradicionais, como fusíveis térmicos ou de sopro, que (segundo o fabricante) estrangulam o fluxo de energia. A proteção contra surtos é fornecida por centelhador de plasma e varistores da nova geração UltraMOV. A proteção contra sobrecarga é fornecida por um interruptor magnético-hidráulico de dois pólos da Carling Technologies, fabricado sob especificações dos engenheiros da GigaWatt.

A interferência eletromagnética é atenuada por blocos de filtragem do tipo RLC, construídos em torno de capacitores proprietários para áudio e filtros de núcleo HF (High Flux).

Segundo o fabricante, existem três ramos de filtragem independentes, que fornecem três seções, compostas por quatro soquetes de saída cada. Essa filtragem interna também não é normal em

condicionadores (segundo o fabricante), sendo que as principais novidades são os capacitores anti-interferência e as baterias de compensação para os circuitos de buffer, fabricados pela empresa Miflex de acordo com especificações da GigaWatt.

A distribuição interna entre as seções é feita de maneira configurada em estrela, por meio de trilhos de distribuição maciços, feitos de lâminas polidas de cobre OFC (OFHCC 10100 com 99,97% de pureza), banhado à prata. O voltímetro utilizado no painel é resistente à erros de distorção e medição. Seu display pode ser em vermelho, verde, azul ou branco (o cliente escolhe).

Nas costas do condicionador, há um LED que acende quando existe falha no terra, ou se a polaridade é conectada invertida.

Segundo o fabricante, internamente o PC-4 EVO+ suporta transição de carga de 25 Amperes e picos de 90 Amperes - esta reserva é necessária para cargas de picos e impulsos. Para essa resposta máxima de impulsos, o PC4 EVO+ vem equipado com um circuito buffer duplo com baterias de compensação. Este circuito aumenta a saída de corrente com cargas não lineares, como amplificadores de potência, e elimina a diferença de potência entre a entrada e saída do condicionador. Isso possibilita recursos de impulsos quase que ilimitados, em relação a outros condicionadores existente no mercado, sejam ativos ou passivos (segundo o fabricante).

O condicionador para teste foi fornecido com o cabo de alimentação GigaWatt, o modelo LC-3 EVO, topo de linha - mas existem mais duas opções mais baratas, possíveis de serem utilizadas neste condicionador. O cabo também possui uma apresentação e uma construção impecáveis!

Não sou o primeiro revisor de áudio que, ao longo do tempo, abandonou o uso deste componente na cadeia de áudio. O fiz, conforme descrevi, por não ver mais nenhum benefício onde moro.



Outros contam suas experiências com condicionadores ativos e passivos, e justificam suas escolhas por considerarem que se tratam de dispositivos que parecem um “cobertor de pobre” (solucionando alguns problemas, porém criando outros). A lista é longa, desde a compressão macrodinâmica, diminuição na precisão dos transientes, timbres com menor naturalidade, etc, etc....

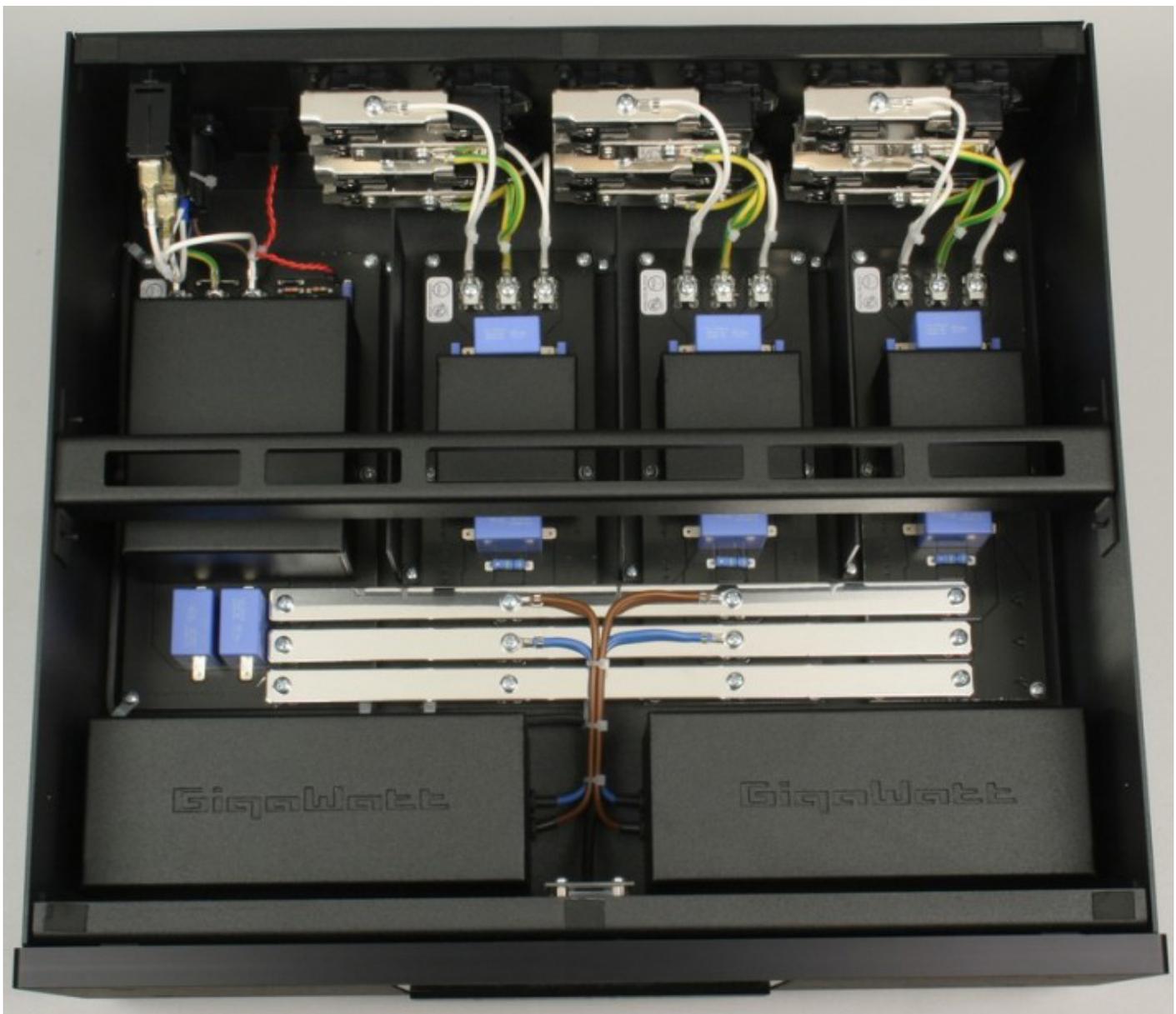
O que chama a atenção neste condicionador é que o fabricante sugere o seu uso por justamente deixar mais precisos todos os problemas que os outros condicionadores criam. O que leva qualquer revisor crítico de áudio a querer ouvir para crer (a princípio achei que era pura jogada de marketing, para tornar o produto conhecido no mundo hi-end).

Não gosto de ler, antes de fazer minha avaliação, review nenhum. Apenas depois de todas as minhas anotações feitas e conclusões tiradas é que começo a ler, para então ver se as minhas avaliações tiveram “eco” nas impressões de outros revisores críticos de áudio.

Como as minhas observações foram muito consistentes, não foi surpresa alguma ver que para outros três articulistas as conclusões foram muito semelhantes.

Vamos a elas....

O PC-4 EVO+ precisa de pelo menos uns dez dias para mostrar o máximo de suas qualidades. E não adianta apenas deixá-lo ligado à tomada - é preciso que os equipamentos estejam todos sendo alimentados por ele.



Eu não achei tão “cinzento” como um dos revisores descreveu, o primeiro contato com o produto. Achei o som “diferente”, com maior silêncio de fundo, maior arejamento e uma certa tendência a se mostrar nervoso em passagens que não necessitava estar tão vigilante. Mas não houve nenhum tipo de desequilíbrio tonal, perda de corpo, ou de materialização física do acontecimento musical.

E, para a minha surpresa, a compressão dinâmica (tão comum a qualquer condicionador), não existiu. E olha que de cara coloquei o concerto para piano e orquestra do Bartok!

Como estava em fechamento da edição de junho pude, enquanto escrevia os testes, ir ouvindo com calma o condicionador, alimentando todos os equipamentos em processo de queima.

Muito importante o GigaWatt disponibilizar 12 tomadas, ainda que elas sejam dedicadas de 4 em 4 para: alta corrente (amplificadores), média corrente (prês de linha e phono), e baixa corrente (fontes digitais). Então tive tomada de sobra, para alimentar todos os produtos sem atropelo algum.

Para o teste utilizamos: os monoblocos da Nagra, o power CH Precision A1.5, e os integrados Pass Labs Int25 e Sunrise Lab V8 SS. Prês: Shindo (leia Teste 1 nesta edição), Prê Classic Nagra. Prês de phono: Boulder 508 e CH Precision P1 (teste na edição de setembro). Fontes digitais: streamer Cambridge Audio Azur 851N (leia Teste 3 nesta edição), e o TUBE DAC e HD da Nagra, e suas respectivas fontes. O cabo de força é proprietário da GigaWatt, não podendo ser substituído por um cabo comum.

Para perceber muitas de suas qualidades (acredite amigo leitor, são inúmeras e todas audíveis), diria que cinco dias de amaciamento serão suficientes. À medida que o amaciamento se ajusta, a ampliação do palco ganha uma outra dimensão em termos de profundidade e largura.

É nítido o quanto isso contribui para audições de música clássica e de grandes grupos. Os planos se tornam muito mais focados, possibilitando-se perceber o espaço físico de cada naipe e o respiro entre a orquestra e os solistas. Essa ampliação do espaço físico do palco traz imediatamente um conforto auditivo interessante, pois o esforço para acompanhar todo o acontecimento musical, desaparece!

A inteligibilidade simplesmente emerge de forma tão clara, que vários instrumentos tocando em uníssono parecem que foram distanciados (fisicamente) para que se tenha uma real dimensão do todo sem se perder as partes.

Aquela sensação do primeiro momento parecer tudo mais nervoso, some a partir do quinto dia, deixando o som muito mais relaxado sem alterar os transientes ou a variação dinâmica.

A microdinâmica é muito favorecida pelo impressionante silêncio de fundo, que faz com que os sons brotem do silêncio, e ganhem corpo e entrelaçamento com o acontecimento musical. Ficou muito nítido como instrumentos como o triângulo, pequenos sinos e chocalhos, continuam soando e seu decaimento é audível mesmo com inúmeros instrumentos soando a volta. Essa virtude, aumenta exponencialmente a capacidade de acompanharmos as intencionalidades do compositor e as virtudes dos músicos e seus instrumentos.

Outro ponto que pode levar muitos à conclusões equivocadas, é que os graves à princípio parecem ter menos peso. Mas se o ouvinte tiver familiaridade com música ao vivo não amplificada, irá perceber rapidamente que o que ocorreu foi uma limpeza entre as fundamentais e os harmônicos (principalmente nos contrabaixos e cellos). A nota fundamental além de mais nítida e precisa, permite que tenhamos a ideia exata da digitação e técnica do músico.

E sem o GigaWatt, a fundamental e harmônicos soam mais bordadas, impedindo muitas vezes de termos o entendimento exato da complexidade em execução de solos com as passagens complexas. Para se ter a confirmação do que escrevi, basta notar que o deslocamento de ar existente nas baixas frequência se torna ainda maior, e não o contrário (que seria a resultante de um peso menor na região dos graves).

Na outra ponta o efeito é o mesmo: em solos de violino ou flautim, em que as fundamentais são tão precisas que conseguimos literalmente ver o que o instrumentista está fazendo (desde que você tenha o mínimo de familiaridade com esses instrumentos).

Isso nos leva diretamente à observação de texturas, que com o GigaWatt são simplesmente magníficas! Nunca antes me deleitei tanto ao ouvir minhas gravações de quarteto de cordas preferidas. É inebriante perceber todos os detalhes de uma gravação bem feita executada por grandes músicos, e entender o grau de dificuldade de cada composição e como foi entendida e gravada. Aos apaixonados por este quesito como eu, terão no GigaWatt a possibilidade de ampliar sua percepção das “intencionalidades” como nunca antes foi possível.

Mas seus atributos não se encerram aí. Os amantes da materialização física do acontecimento musical (organicidade), terão a oportunidade de constatar o nível de uma gravação excelente de uma boa. O disco do José Cura - Anhelos, pelo selo Erato é uma das melhores gravações para avaliação deste quesito de nossa Metodologia: ele é utilizado para o fechamento de nota de todo produto categoria Diamante para cima. Se pegarmos o número de produtos que foram classificados na categoria Diamante e Estado da Arte nos últimos cinco anos, o leitor terá a exata ideia de quantas vezes ouvimos este disco para fechar a nota do quesito Organicidade. ►

Ao ouvi-lo no nosso Sistema de Referência, ligado ao GigaWatt, o grau de materialização física do José Cura foi muito maior que em qualquer outro setup. Tanto que para ter certeza do grau de “holografia sonora”, repeti o teste duas vezes (colocando todo o setup de Referência em nossa régua e depois voltando para o GigaWatt). A materialização física do cantor é tão realista que não há o menor esforço para se ver o que está se ouvindo.

O mesmo “fenômeno auditivo” ocorreu com o *Será Una Noche* volume 1, com a excepcional gravação do selo MA Recordings - elevando o grau de materialização física à um patamar nunca antes experimentado em nossa sala, com nenhum outro setup ou tratamento elétrico!

CONCLUSÃO

Claro que um condicionador de energia deste nível não se destina a sistemas mais modestos (pois o seu valor pode tranquilamente ser o dobro do sistema modesto). No entanto, em sistema hi-end Estado da Arte Superlativo, sua colocação pode elevar todo o sistema à um outro patamar.

Pois o que ele faz em termos de limpeza da rede, proteção, resulta em um melhor desempenho de todo o sistema.

O que mais me chamou a atenção é que, intermitentemente (às vezes por alguns segundos, outras vezes por horas) em vários produtos em teste se escuta seus transformadores vibrarem e causarem um ruído em consequência desta vibração. No período de quase 70 dias em que tivemos o GigaWatt, este problema não ocorreu nenhuma vez. Zero de ruído de transformador em todos os produtos ligados à ele. O fabricante cita este como um dos grandes benefícios de seu condicionador, e pude realmente verificar que ele cumpre o que promete.

Quanto à questão da compressão da macrodinâmica, este foi o primeiro condicionador que conseguiu, mesmo em situações de enorme variação dinâmica, não causar nenhuma compressão no sinal.

Para os que moram em locais com enorme variação e picos de energia, e com todas as consequências de uma rede muito suja, valerá a pena escutar o que o GigaWatt pode fazer pelo seu sistema Estado da Arte. ►



Summa High-End Loudspeaker

Montadas no Brasil, com insumos europeus exclusivos e de altíssima qualidade, as caixas acústicas Summa foram desenvolvidas para atender às mais sofisticadas e exigentes demandas do mercado high-end mundial!

Viva essa emoção, sem custos com importação e nenhum risco de decepção!

www.diasound.com.br

DIASOUND



DYNAUDIO



EVOKE

Evoke é para ser ouvida na sala de estar. Nas salas de cinema em sua casa. Nas salas de audição. É o Hi-Fi de qualidade para todos os ambientes.

Esta nova gama de falantes utiliza tecnologia avançada diretamente dos nossos produtos topo de linha, incluindo acabamentos, tecnologia de condução e design. Isso significa que cada um dos cinco modelos Evoke pode vibrar com você, crescer com você e ficar com você de qualquer forma que você escute.



(11) 3582-3994
contato@impel.com.br

impel.
com.br

DISTRIBUIDORA OFICIAL DYNAUDIO NO BRASIL

TESTE
3
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OS656N_H2E8](https://www.youtube.com/watch?v=OS656N_H2E8)



NETWORK PLAYER STREAMER CAMBRIDGE AUDIO AZUR 851N

 **Fernando Andrette**
fernando@clubedoaudio.com.br

Foi uma surpresa receber, na sequência do streamer CXN V2 da Cambridge, o Azur 851N. É muito bom quando o importador consegue disponibilizar todas as séries, da de entrada à mais sofisticada (a Mediagear disse que assim que tiver o Edge, também será enviado).

Vencedor do prêmio What Hi-Fi Awards 2018, como o melhor streamer premium do Reino Unido, o Azur 851N vem colecionando prêmios e excelentes críticas mundo afora desde o seu lançamento.

O Azur 851N faz parte da série 851 que, até o lançamento da linha Edge, era a série top de linha deste fabricante. Assim como o CXN, ele funciona como um pré amplificador e pode ser conectado diretamente à um power, pois possui uma saída de volume controlada por um processador de sinal digital Blackfin de 32 bits.

O sinal digital passa por dois DACs da Analog Devices de 24 bits, em modo diferencial duplo, o que permite que cada canal processe os sinais separadamente, o que segundo os engenheiros da Cambridge se define em melhor precisão.

O design do 851N é mais “conservador” nas linhas que o CXN, mas sua estrutura feita de alumínio em um acabamento polido, tanto em prata como em preto, imediatamente demonstra ser um streamer de outro “campeonato”.

A tela de 11 cm parece ser muito semelhante à do CXN, mas é ligeiramente maior na apresentação da capa dos discos e tem melhor definição à maiores distâncias. Todos os comandos do painel estão colocados enfileirados da esquerda para a direita, o que facilita a identificação dos comandos e evita que acionemos o comando errado (como muitas vezes eu fiz no CXN).

Seu controle remoto é bem intuitivo, mas continuei preferindo o uso do aplicativo Cambridge Connect, que funciona tanto para iOS quanto Android, e continua sendo a melhor maneira de acessar sua música - tudo à mão, seja no tablet ou no smartphone (para ser sincero, eu só fiz uso durante o teste do controle remoto quando estava usando meu celular e precisava pausar a música). Achei também ►



mais fácil o acesso às estações de rádio, quando ligado na mesma rede do streamer.

Eu só não indico conectar o Azur (e nem qualquer outro streamer) via Wi-Fi - sempre opte por conectá-lo à rede física, pois a diferença na qualidade do áudio é enorme!

Os arquivos de música em rede até 24-bit/192 kHz podem ser transmitidos e ampliados para 24-bit/384 kHz no seu PC, laptop ou unidades NAS. E em relação à compatibilidade de arquivos, ele pode lidar com tudo desde DSD64 à FLAC e WAV.

O 851N está munido de saídas analógicas RCA e XLR e, caso você utilize um DAC externo (meu caso) ele tem duas saídas digitais: coaxial e óptica (dê sempre preferência à coaxial, pois se mostrou muito melhor).

Em relação a entradas digitais, o 851N possui duas entradas ópticas e coaxiais, uma entrada USB assíncrona para o uso de laptop, e três USB (soquete padrão), sendo uma no painel da frente e duas no painel traseiro, para a conexão de discos rígidos externos e pendrives de memória. Todas as entradas digitais são capazes de reproduzir arquivos de alta resolução 24-bit/192 kHz.

Pessoalmente, gostaria de uma saída AES/EBU, já que a qualidade do 851N poderia ser ainda melhor aproveitada quando ligada à um DAC externo que tenha maior qualidade que o DAC interno do 851N.

Quem leu meu teste do CXN V2 irá se lembrar que separei a nota daquele streamer em três. Uma com ele funcionando como pré de linha digital, outra com seu DAC interno, e outra como streamer com a parceria com um DAC externo.

Pois bem, fiz o mesmo com este Azur. Então começo pelas minhas observações usando o 851N ligado diretamente aos powers Classic da Nagra, com a saída RCA. Esqueça! Se não for por uma emergência daquelas inadiáveis (tipo: seu pré está no estaleiro), fuja

deste setup. O som é totalmente engessado, falta corpo, extensão nos dois extremos, e aquela sensação de letargia em andamentos e ritmos mais intensos. Não entendo a razão do fabricante insistir em oferecer este recurso, justamente quando ele depõe contra a qualidade do produto. Pois o Azur 851N é um excelente streamer!

Seria mil vezes mais interessante ele vir com um bom amplificador de fone de ouvido do que este pré de linha digital. Mas, como todo ser humano carrega suas idiossincrasias pela vida afora, não acredito que os engenheiros da Cambridge escutarão um editor de um país do terceiro mundo.

OUVINDO SEUS DACS INTERNOS

Ele, fazendo o trabalho de converter o sinal digital em analógico, se mostrou bem mais competente que o seu irmão mais humilde. Achei bem decente, com equilíbrio tonal correto, boa imagem (ainda que com pouca profundidade), mas um foco e recorte preciso e ótimas largura e altura. Andamento, tempo e precisão nos transientes, muito boa a micro e macrodinâmica, bom corpo harmônico e uma ausência de fadiga auditiva em gravações de qualidade. É um DAC superior em todos os aspectos ao que o CXN V2 utiliza. O que justifica integralmente seus prêmios e críticas positivas mundo afora.

Mas, se queres extrair todo o potencial do 851N, utilize um DAC externo. Ligado ao TUBE DAC da Nagra pela entrada coaxial, ele se mostrou um excelente streamer. Ouvi toda a minha playlist no Tidal, e pude comparar diretamente com o CXN V2, e é outro nível.

Melhor silêncio de fundo, maior arejamento, inteligibilidade, micro e macrodinâmica, nos fazendo, nas melhores gravações, ouvir com prazer e até aceitar que, na falta da mídia física, consiga apreciar aquela apresentação.

E no caso específico meu, que só ouço no Tidal discos que não possuo em mídia física, tornou-se um deleite conhecer tantas obras e artistas que eu desconhecia!



O Azur 851N também se mostrou muito mais exigente com os cabos de força, assim como os cabos de interconexão utilizados. Como no CXN V2, os dois cabos de força com melhor resultado foram Feel Different e o Sunrise Lab Quintessence. E também vale um teste com alguns cabos digitais coaxiais, caso você opte por um conversor externo. Enquanto ele esteve em teste (por quase 75 dias) ligado à rede, não teve nenhum problema de travar ou não atender aos comandos diretos do meu smartphone.

CONCLUSÃO

Este é o grande filé do mercado de áudio, e só irá crescer com crise ou sem crise. Escolher o streamer definitivo será, daqui para frente, cada vez mais complicado.

Então buscar produtos de empresas que tenham uma sólida reputação no mercado, e produtos já testados e consagrados, pode ser um ponto de partida interessante.

Os pergaminhos do Azur 851N são mais do que confiáveis. Se estiver dentro do seu orçamento, e é praticidade e qualidade que você procura, coloque-o na sua linha de produtos a serem escutados.

Pode perfeitamente bem ser o streamer definitivo para o seu sistema (seja usando-o com seu DAC interno, ou com um conversor de mais alto nível externo).

PONTOS POSITIVOS

Excelente construção, funcionalidade e versatilidade.

PONTOS NEGATIVOS

A insistência em manter o pré digital.

ESPECIFICAÇÕES

DACS	Duplo AD1955 de 24-bits da Analog Devices
Filtro digital	2ª geração ATF2 up-sampling para 24-bit/384kHz. Modos: Linear Phase, Minimum Phase, ou Steep.
Filtro analógico	Bessel diferencial de 2 pólos com servo DC (para saídas XLR e RCA)
Entradas de áudio digital	1 x AES / EBU, 2 x S / PDIF coaxial e 2 x TOSLINK óptico
Saídas de áudio analógico	XLR balanceadas e RCA não balanceadas
Formatos de áudio	ALAC, WAV, FLAC, AIFF, DSD (x64), WMA, MP3, AAC, AAC+, OGG Vorbis
Dimensões (L x A x P)	430 x 115 x 360 mm
Peso	8,1 kg

**CAMBRIDGE AUDIO AZUR 851N
COM SEU DAC INTERNO**

Equilíbrio Tonal	9,5
Soundstage	9,5
Textura	9,5
Transientes	10,0
Dinâmica	9,5
Corpo Harmônico	9,5
Organicidade	10,0
Musicalidade	10,0
Total	77,5

DIAMANTE
RECOMENDADO



**CAMBRIDGE AUDIO AZUR 851N
USADO COM SEU PRÉ DE LINHA DIGITAL**

Equilíbrio Tonal	8,0
Soundstage	7,0
Textura	7,0
Transientes	8,0
Dinâmica	7,0
Corpo Harmônico	7,0
Organicidade	7,0
Musicalidade	7,0
Total	58,0

**CAMBRIDGE AUDIO AZUR 851N
COM DAC EXTERNO**

Equilíbrio Tonal	10,5
Soundstage	10,0
Textura	10,5
Transientes	11,0
Dinâmica	10,0
Corpo Harmônico	10,0
Organicidade	10,0
Musicalidade	12,5
Total	84,5

PRATA
REFERÊNCIA



Media Gear
contato@mediagear.com.br
16 3621.7699
R\$ 16.251

**ESTADO
DA ARTE**



SUA CASA CONECTADA

UP GRADE

AUTOMAÇÃO
REDE
SEGURANÇA
ACÚSTICA

HOME THEATER
ÁUDIO HI-END
VIDEOCONFERÊNCIA
ENERGIA FOTOVOLTAICA

FAÇA UPGRADE NO
SEU SISTEMA COM A
HIFICLUB



ARQUITETURA: PAULO ROBERTO NASCIMENTO

  hificlubautomacao

(31) 2555 1223 

comercial@hificlub.com.br 

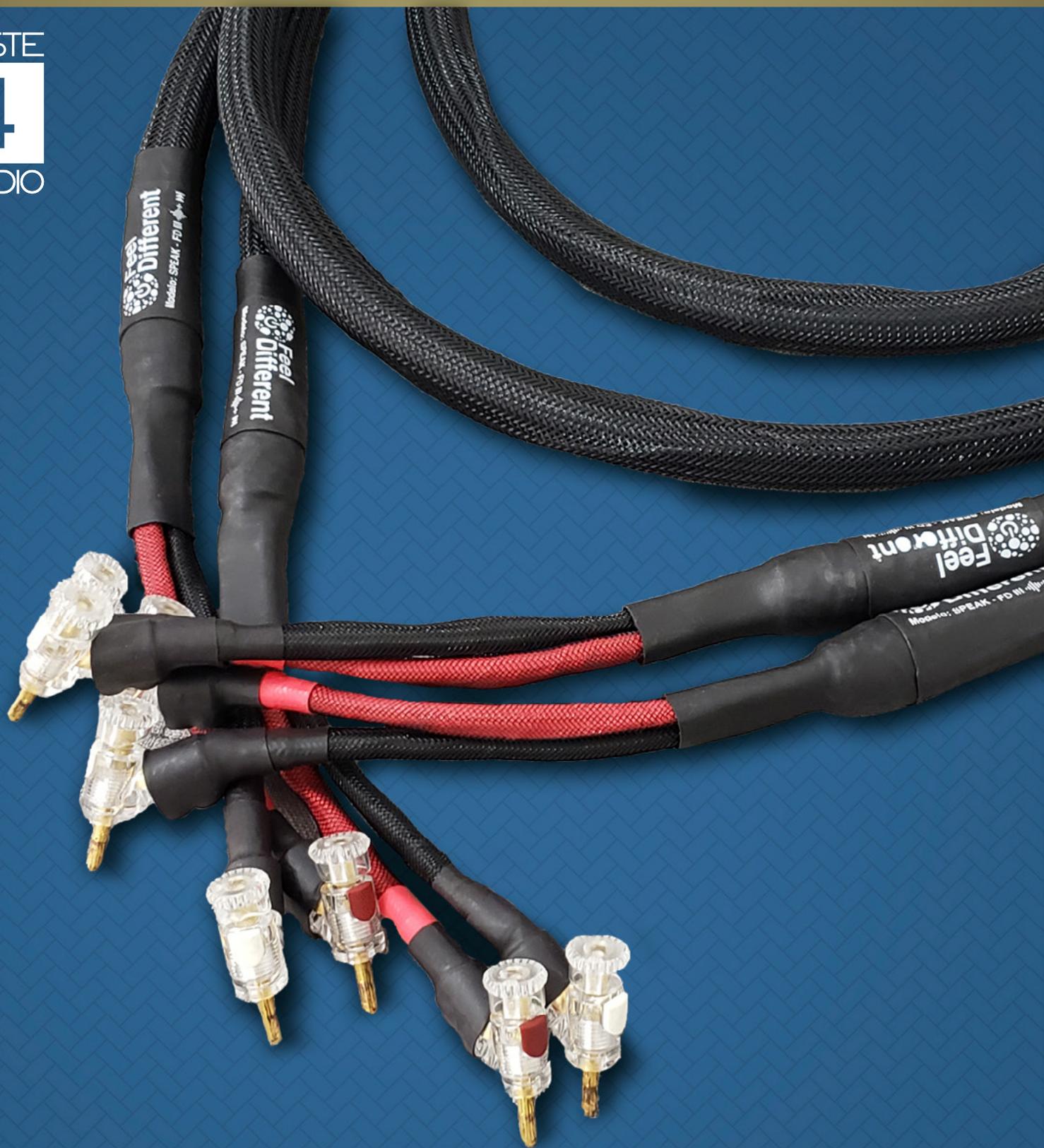
www.hificlub.com.br 

R. Padre José de Menezes 11 
Luxemburgo - Belo Horizonte - MG

Empresa do
Grupo Foco BH



TESTE
4
AUDIO





CABO DE CAIXA FEEL DIFFERENT FDIII - SÉRIE 3



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

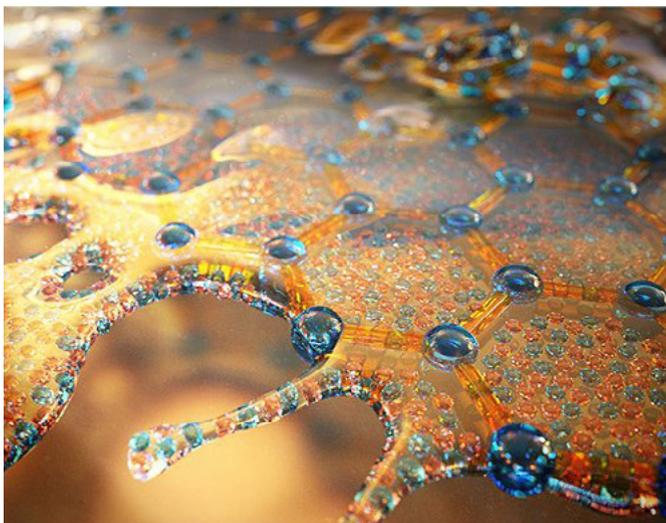
Dando sequência aos testes da série FDIII, este mês compartilhamos nossas impressões do cabo de caixa. Como escrevi no mês passado, ao avaliarmos o cabo de força desta mesma série, o que chama a atenção é a qualidade de construção deste fabricante e os cuidados com todos os detalhes. Ao ponto de não parecer, à olhos nus, que o cabo seja feito de forma artesanal e sim de maneira industrial.

Toda a linha FDIII utiliza cobre OFC 99%, cobre OFC 89%, prata 98%, banho de ródio e grafeno (americano) e bitola de 5,5mm. Geometria: Helicoidal e trançada com blindagem dupla. As conexões são WBT NextGen Gold.

O enviado para teste tinha 2 metros de comprimento, e conexões forquilha do lado do amplificador e banana do lado da caixa. Ele nos foi entregue com um pré amaciamento de 25 horas, o que nos permitiu, assim que o set completo chegou, fazer uma audição de 4 horas para as primeiras impressões e, depois, todos os cabos seguiram para a queima de mais 50 horas.

Gosto deste procedimento do fabricante, de já enviar seus cabos com um pré amaciamento de 25 horas, pois isso permite que o consumidor já tenha uma ideia razoável do que está testando. Sabemos que inúmeros audiófilos não acreditam em amaciamento, e outro dia descobri um revisor crítico de áudio australiano que também não acredita - o que deve ser alentador para os que acham isso uma bobagem, saber que um revisor não escuta diferença alguma entre um produto quando zero e depois de 250 horas de queima. Certamente esse revisor não deve ter se deparado com os novos capacitores HD, em que o próprio fabricante indica de 250 a 400 horas de burn-in para o capacitor se estabilizar. Pois ao menos neste caso, ele certamente ouviria as diferenças.

Quanto a cabos, testei alguns que, com uma hora de uso, não mudaram uma vírgula sua assinatura sonora. Outros com apenas 24 horas estabilizaram completamente, para jamais sofrer nenhum tipo de alteração, e muitos que necessitam realmente de pelo menos 100 horas ou mais.



Grafeno

O que percebi, ao longo de todos esses anos, é que não existe uma lógica para tentar determinar se o que influencia a necessidade de queima ou não, esteja na bitola do cabo ou geometria. O que posso afirmar é que cabos com maior bitola sofrem maior estresse mecânico no transporte e na manipulação do cabo (principalmente os de força e caixa), e o ideal é que depois de instalados, fiquem tempo suficiente para eliminar este stress. Feito este procedimento, tenham certeza que muitos ouvirão melhorias consistentes.

A mais contundente é no equilíbrio tonal. Seguida da melhora do arejamento e, conseqüentemente, dos planos, foco e recorte. Agora, não creiam em milagres, pois se o cabo chegou torto em termos de equilíbrio tonal, não haverá salvação.

Este não foi o caso do cabo de caixa FDIII Série 3, que chegou tocando muito bem logo de cara (serão as 25 horas de burn-in feitas pelo fabricante?). Um excelente equilíbrio tonal com as duas pontas com enorme extensão, velocidade e corpo. E uma região média “palpável” e com excelente detalhamento, microdinâmica, velocidade e corpo.

Estava com o Genuinamente Brasileiro Volume 2 no Scarlatti, quando coloquei o FDIII entre os powers da Nagra e as caixas Wilson Audio Sasha DAW, e a presença das seis vozes no Água de Beber foi notável. A sensação correta de espacialidade entre os seis cantores alinhados, mas com espaço entre eles suficiente para não haver vazamento dos microfones, foi fidedignamente apresentado. Assim como o violão atrás dos cantores e o percussionista.

Costumo muitas vezes ouvir, em diversos cabos de caixa, alturas menores para os cantores que estavam em pé e nenhuma diferença para os instrumentistas (ambos sentados). Ou então as alturas estão corretas, mas a distância entre os cantores não existe, como se estivessem quase tocando um ombro no outro cantor ao lado.

Os céticos devem estar pensando quanto detalhismo deste Andrette - o que interessa saber se as distâncias estão corretas?

A esses, respondo: Estamos falando de uma gravação com apenas 8 elementos (três vozes masculinas, três vozes femininas, um violonista e um percussionista). Se a reprodução espacial desta gravação com apenas 8 elementos estiver congestionada, o que ocorrerá com a reprodução de uma big band ou uma orquestra sinfônica? Ouviremos músicos como se a orquestra estivesse toda dentro de um elevador? Como apreciar os detalhes, intencionalidades, texturas e corpos, com todos engalinhados, sem nenhum respiro e arejamento?

Durante muitos anos, relevei essas críticas, pois se fosse responder a todas não faria mais nada na vida. E sempre achei que a ignorância pode realmente ser uma benção para muitos. Hoje penso exatamente ao contrário. É importante se posicionar claramente e mostrar que não se trata de nenhuma vaidade ou perfeccionismo. É totalmente factível, em salas acusticamente eficientes, e com sistemas bem ajustados de bom nível, ouvir todos esses detalhes. E o mais importante: permitir que nosso cérebro seja enganado e esqueça se tratar de reprodução eletrônica.

Para quem almeja este objetivo, toda informação será muito bem-vinda. Afinal são dicas valiosas que podem levar o leitor, no seu próximo upgrade de cabo de caixas, querer observar como os cabos tratam essas questões de arejamento, espacialidade, foco, recorte, planos, etc.

Agora, por favor, não espere milagre de um cabo de caixa - se sua sala acusticamente não ajudar e seu sistema não estiver à altura do cabo. Este é outro assunto que dá muito pano pra manga: Elo Fraco. O que posso dizer a este respeito é: se você não identifica o(s) elo(s) fraco(s) do seu sistema, certamente também não ouvirá diferença entre cabos, sala tratada acusticamente e a importância em uma elétrica dedicada. Então não perca seu valioso tempo lendo essa publicação, pois nada que escrevemos aqui lhe ajudará.

Simples assim: eu não perco tempo com nada que não me interesse, pois a vida é realmente uma dádiva e quero utilizar todo o tempo que me resta investindo somente no que é importante para mim e para os que me rodeiam.

O cabo de caixa FDIII, depois deste primeiro contato, recebeu 50 horas de queima e voltou novamente para teste. A “espacialidade” (uma de suas maiores qualidades) ampliou mais ainda, tornando as audições de música com diversos instrumentos muito prazerosas.

Os médios deram a nítida sensação de terem encaixado, fazendo com que as passagens do médio-alto para os agudos fossem bem mais harmoniosas. Os graves ficaram mais enérgicos, com aquele salutar deslocamento de ar que tanto admiramos em bumbos, tímpanos e órgãos de tubo.

SEU ENTRETENIMENTO GARANTIDO COM A UPSAI



Condicionador



Condicionador Estabilizado



Módulo Isolador



Imagens ilustrativas

criação: msdesigner@hotmail.com

 @upsai.oficial
www.upsai.com.br

vendas@upsai.com.br
11 - 2606.4100


ESTADO DA ARTE


DIAMANTE REFERÊNCIA

UPSAI
sistemas de energia

Achamos que ainda poderíamos extrair um sumo a mais, se ampliássemos o burn-in por mais 50 horas! Quando o cabo voltou ao nosso set de referência, observamos melhoras consistentes nos transientes, corpo e organicidade. Os solistas se materializaram à nossa frente, a diferença de corpo entre os instrumentos tornou-se muito mais próxima do real, e a precisão de tempo e andamento se tornou cirúrgica!

O FDIII estava literalmente para repassar todas as 80 faixas utilizadas em nossa metodologia. Uma prova de fogo, só destinada àqueles que se mostram prontos para ingressar no batalhão que sobe ao Pódio!

Foram três meses de audições feitas com nosso Sistema de Referência, com as caixas da série PerformaBe da Revel, Boenicke W11SE (que chegou há 20 dias), amplificador estéreo CH Precision A1.5, e os integrados Pass Labs Int25, V8 SS da Sunrise Lab, e o pré da Shindo (leia Teste 1 nesta edição). Os cabos foram, na maior parte do tempo, os nossos de referência (Dynamique Apex de interconexão, e Reference Digital da Transparent Audio, e Crystal Cable Absolute Dream, junto com o set completo FDIII de força, digital/coaxial e interconexão/RCA).

Além de casar brilhantemente com seus pares da mesma série, mostrou-se muito compatível com todos os outros cabos, caixas e amplificadores. Sempre ressaltar a questão da compatibilidade, pois

todo cabo de qualidade precisa ter uma grande “sobrevida” de futuros upgrades. Pois ninguém investe em um cabo de caixa deste valor para ter que descartar o mesmo no próximo upgrade de caixa ou eletrônica.

Afirmo que o FDIII Série 3, possui todos os atributos para ser o cabo de caixa para qualquer sistema Estado da Arte de nível superlativo!

Extremamente refinado, com um grau de equilíbrio entre transparência e musicalidade de quem chegou lá em termos de equilíbrio tonal!

CONCLUSÃO

É dignificante para mim, que defendo o fabricante nacional desde o primeiro instante da revista, ver quanto os projetistas de cabos evoluíram.

São fabricantes que podem perfeitamente atender ao audiófilo mais exigente e que tenha tido inúmeros cabos importados de renome.





ESPECIFICAÇÕES

Condutores	Cobre 99% OFC, Cobre 89% OFC, Prata 98%, Ródio (Banho), Grafeno (Americano)
Bitola	5,5 mm
Geometria	Helicoidal e trançada
Blindagem	2
Conexão	WBT Next Gen Gold
Metragem padrão	2 m

O FDIII é um cabo excepcional tanto em sua performance como em seu preço. Arrisco dizer que seja uma barganha em termos de custo pelo que toca.

Altamente recomendado!

PONTOS POSITIVOS

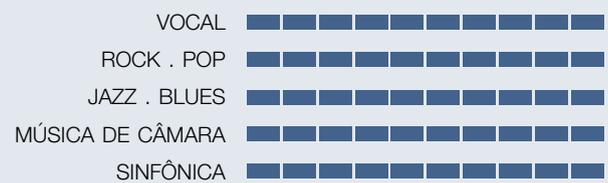
Um cabo de caixa com excepcional relação preço/performance.

PONTOS NEGATIVOS

Absolutamente nada.

CABO DE CAIXA FEEL DIFFERENT FDIII - SÉRIE 3

Equilíbrio Tonal	12,0
Soundstage	13,0
Textura	12,0
Transientes	13,0
Dinâmica	12,0
Corpo Harmônico	12,0
Organicidade	13,0
Musicalidade	13,0
Total	100,0



Feel Different
21 99143.4227
R\$ 11.500 - 2 m padrão

ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO



TESTE
5
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=7CX-PZRHBTI](https://www.youtube.com/watch?v=7CX-PZRHBTI)

PRO-JECT STREAM BOX S2 ULTRA



Juan Lourenço
revista@clubedoaudio.com.br

A Mediagear disponibilizou para testes um exemplar do Stream Box S2 Ultra, última versão do transporte streamer de música da Pro-ject.

O Stream Box faz parte de uma gama de produtos variados, como amplificadores de potência, pré-amplificadores, amplificadores de fones de ouvido, prés de phono, DACs, condicionadores de energia e fontes digitais - tendo como principal diferencial a versatilidade e o tamanho reduzido e, claro, seu preço super competitivo.

O Stream Box S2 Ultra é basicamente um Raspberry Pi com algumas melhorias feitas pela Pro-Ject. Com ele é possível fazer streaming de música pelo Spotify, Qobuz, e Tidal, além de aceitar o Roon como endpoint e rádio Shoutcast.

Sua versatilidade começa pelo Wi-Fi suportando AirPlay UPnP / DLNA, e entrada para cabo de rede. É sempre bom utilizar cabo de rede preferencialmente do tipo CAT6A para cima - com um cabo de rede extrai-se mais informações da música já que não há perdas de

dados como no Wi-Fi. O Stream Box também tem conexão Bluetooth e é compatível com NAS para armazenamento de arquivos via rede. Possui uma entrada USB para conectar um HD externo, uma saída USB PCM 32-bit/352.8 kHz até DSD256, que é quem faz a conexão com o DAC externo. A interface do Stream Box S2 Ultra pode ser exibida em uma tela de TV ou monitor através da porta HDMI, e o controle fica por conta de um tablet ou celular conectado na rede.

Conectá-lo à rede por um cabo é super fácil, não precisa fazer nada nem configurar nada, apenas plugar o cabo na porta Ethernet do Stream Box e pronto. Já via wi-fi é outra história: é preciso ter paciência e buscar o aparelho na sua rede. Abra as configurações de rede do seu dispositivo móvel ou computador, e lá aparecerá o Stream Box como uma rede própria, selecione e será direcionado para as configurações do aparelho. Lá poderá selecionar, idioma entre outras funções.



COMO TOCA

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. DAC Hegel HD30, e integrado Sunrise Lab V8 MkIV SS. Cabos de força: Sunrise Lab Illusion Magic Scope. Cabos de interconexão: cabos de rede Sunrise Lab Quintessence, e Ethernet Media Link Quintessence Magic Scope (ligado na entrada da porta Ethernet do Stream Box antes do cabo de rede), Sunrise Lab Quintessence Magic Scope XLR, e Sax Soul Cables Zafira III XLR. Cabo de caixa: Sunrise Lab Reference. Caixa acústica: Neat Ultimatum XL6.

O Stream Box Ultra chegou lacrado em uma caixa minimalista, e rapidamente o coloquei para amaciar. Após conectá-lo à rede, o único app que realmente funcionou à contento e sem engasgos foi o MConnect - com ele pude usar o serviço de streaming de música com bom resultado, sendo assim me foquei especialmente neste app.

Os primeiros acordes são animadores. A sonoridade é amistosa e logo começa a mudar, mas de forma sutil sem mudanças bruscas. Após 200 horas o aparelho está amaciado e então comecei a separar as faixas para audição. Comecei por Dominique Fils-Aimé, faixa *Sleepy* e a faixa *Birds* do mesmo disco. O Box S2 Ultra apresenta

uma ótima linha de contrabaixo, as texturas e o roncar da caixa do instrumento aparecem sem grande esforço com velocidade e uma boa ambiência nas altas também, mostrando que o pequenino Stream Box tem refinamento suficiente para que estes detalhes apareçam sem comprometer muito da largura de palco. A voz da cantora se mantém a uma boa altura e não se move pelo palco sonoro, mantendo um bom foco.

Em seguida utilizei o disco da ARY, *The Sea*, que conheço bem, este com mais componentes musicais. Novamente a pequena caixinha da Pro-Ject dá conta do recado satisfatoriamente, e nos entrega uma boa dose de velocidade nos transientes e microdinâmica. O que foge um pouco das mãos do Stream Box S2 é a largura de palco - não decepciona, mas à medida que vamos aumentando a quantidade de músicos no palco apresentado pelo aparelho, percebemos que o palco sonoro se alarga de forma mais tímida, principalmente em gravações ao vivo em teatros como no caso da faixa *Car Désespéré* da Cécile Verny Quartet, e no disco do Harry Belafonte *At Carnegie Hall*. Já os timbres são muito bons e com ótimas texturas.

Estilos musicais como Jazz blues e folk vão muito bem no Stream Box S2 Ultra. Já com rock, especificamente as prensagens muito



Calibração de TVs e Projetores

Quer ver aquela imagem de Cinema em sua casa?

Comprou a TV dos seus sonhos e está decepcionado com a imagem de fábrica? Foi ao cinema e está se perguntando por que a qualidade da imagem é muito melhor?

Faça uma calibração profissional de vídeo e deixe sua TV ou projetor nos mesmos padrões dos estúdios de cinema! Assista seus filmes preferidos com cores mais vibrantes e naturais, menor fadiga visual, muito mais contraste e percepção de detalhes. Afinal, sua imagem também merece ser hi-end.

NAO CALIBRADO



CALIBRADO



Mais informações (11) 98311.8811
e agendamentos: jlrot2020@gmail.com

comprimidas, pode soar cansativo. Tem gravações que não se salvam, mesmo, e para estas até os sistemas Estado da Arte passam apuros.

Fora essas gravações muito comprimidas que não se salvam mesmo, o Stream Box é bastante eclético, mostrando a música com enorme entusiasmo!

CONCLUSÃO

O Pro-ject Stream Box S2 Ultra aparece como uma ótima opção para quem quer um produto minimalista, competente e que custe pouco. É um aparelho que pode superar as expectativas dos donos de sistemas Ouro e Ouro Recomendado, com uma boa folga tanto na sonoridade e opções de conexão como também por seu preço mais que convidativo. Se você tem sistemas com DAC externo ou amplificador integrado com DAC de mil e quinhentos à oito mil reais, que não possuem streaming de música embutido, vale a pena ouvir este pequeno valente - você irá se surpreender. ■

PONTOS POSITIVOS

Gabinete pequeno, fonte externa com vários tipos de 2P+T (pinos elétricos).

PONTOS NEGATIVOS

O App proprietário da marca não funciona muito bem.

ESPECIFICAÇÕES	Formatos de Áudio	PCM 32 bit/352.8 kHz, DSD256
	Internet Radio	TuneIn
	Serviços de Streaming	TIDAL, Spotify, Qobuz
	Protocolos de Dados Suportados	RAAT, Shairport, DLNA
	Multi-room	Até 6 equipamentos
	Entradas	2x USB-A Micro USB-B (PC-Detox) Network (Ethernet, WiFi) Bluetooth
	Padrões de WiFi	802.11 b/g/n/d/e/h/i
	Bluetooth	Bluetooth Classic + EDR v2.1, v3.0, v4.0 e Low Energy
	Saídas	Audio optimized USB-A HDMI (vídeo)
	Controlável através de	App, Web Browser, Roon
	Dimensões (L x A x P)	105 x 37 x 105 mm
	Peso	375 g (sem a fonte)

PRO-JECT STREAM BOX S2 ULTRA	
Equilíbrio Tonal	8,0
Soundstage	7,5
Textura	8,0
Transientes	8,0
Dinâmica	8,0
Corpo Harmônico	8,0
Organicidade	7,5
Musicalidade	8,0
Total	63,0

VOCAL	
ROCK . POP	
JAZZ . BLUES	
MÚSICA DE CÂMARA	
SINFÔNICA	

Mediagear
 contato@mediagear.com.br
 16 3621.7699
 R\$ 11.225

OURO
 RECOMENDADO





Where Swiss Precision Meets Exquisite Refinement

CH Precision C1 Reference Digital to Analog Controller



A Ferrari Technologies orgulhosamente apresenta a mais nova referência mundial em eletrônica Hi-end. A Suíça **CH Precision**, mais uma marca *State of the Art* representada no Brasil.

“O C1 é, de longe, o melhor DAC ou componente que eu já experimentei no meu sistema. Não tem absolutamente “voz”. Um de seus atributos mais impressionantes é o ruído de fundo extremamente baixo. Em excelentes gravações, os instrumentos surgem ao vivo sem silvos ou anomalias. É absolutamente silencioso! O C1 “pega” qualquer coisa que você jogue nele. Eu ouvia música horas e horas e gostava de cada segundo. Isso me permitiu penetrar mais fundo nas nuances. É tão silencioso que a textura instrumental se tornou uma delícia. O C1 também se destaca em todos os outros parâmetros que você pode imaginar: separação de canais, dinâmica, recuperação de detalhes e apresentação geral.”

Ran Perry





O PROBLEMA NÃO É ERRAR E SIM PERSISTIR

Não tem como não errar neste longo caminho de buscar o sistema que tanto desejamos. E os erros, quando assimilados corretamente, podem nos ajudar muito lá na frente, pulando etapas ou nos lembrando que determinados caminhos ou soluções são vias sem saída.

Meu pai sempre me avisou que os erros são as lições mais consistentes, desde que você tenha a coragem de assumir os percalços sem jogar a culpa nas costas de ninguém.

Então, sabendo que os erros existem e certamente nos pegarão em algum momento, o importante é não nos deixarmos “paralisar” pelo risco iminente.

A primeira dica que posso dar à quem queira: teoria sem ser provado na prática, é a pior das teorias. Cresci ouvindo como solucionar

os problemas com caixas “muito vivas nas altas”, falta de grave em caixas seladas, como montar a eletrônica perfeita com pré valvulado e power transistorizado.

Tudo perfeito na teoria, e que na esmagadora das vezes na prática se mostrou decepcionante. Então vamos para a segunda dica: não existe uma receita pronta.

Cansei de ver audiófilos comprarem o mesmo setup do amigo, na esperança de sentar rapidamente na “janelinha” e dar com os burros n’água, pois esqueceu que sua sala não é idêntica a do amigo (nem a decoração, os móveis, ou o piso e o teto).

Claro que, se você gosta da assinatura sônica do sistema do seu amigo, este pode ser um excelente começo, porém lembre-se que se o seu gosto musical não for idêntico, muitas questões virão à tona. ►

Lembro-me em um dos Cursos de Percepção Auditiva, que dois amigos relataram sua experiência e cometeram este equívoco. Pois um dos amigos era amante da música clássica e montou seu sistema para ouvir este estilo. O amigo, porém, tinha um gosto muito mais eclético, e “teorizou” que se o sistema tocava bem música clássica, seria excelente para qualquer outro estilo musical. Só tinha um pequeno detalhe: o amigo ouvia basicamente pequenos grupos em música de câmara, barroco e período clássico. Nada de grandes exigências em macrodinâmica, como o rock progressivo do amigo, e o rock pesado.

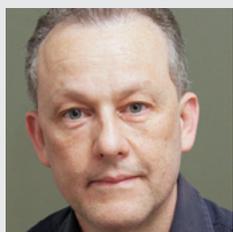
Muitos leitores ficavam indignados com minhas respostas nas seções de cartas, quando eu pedia detalhes do tamanho da sala, gosto, musical e altura que eles escutavam música. Esses leitores achavam que eu estava querendo fugir da pergunta, com outras perguntas. Demorou para entenderem que, sem essas respostas, eu jamais poderia indicar absolutamente nada.

Pois um sistema hi-end só faz sentido se for para tocar muito bem os estilos musicais do gosto de quem investe tempo e dinheiro em um hobby tão caro. Do contrário, será uma busca sem fim e fatalmente muito decepcionante, depois de várias tentativas sem nenhum acerto. Todos conhecemos histórias de audiófilos que gastaram anos e anos de suas vidas montando e desmontando sistemas, até chegar à conclusão que este hobby não vale a pena. O triste é ver o sujeito iniciar essa jornada, buscando melhorar a forma de ouvir música, e à medida que os resultados não são gratificantes, ele abandona a busca e, pior até, o prazer de ouvir música.

Então vamos à minha última e mais importante dica: nunca perca de vista e foco, que você só está querendo um sistema que permita ouvir seus discos com a melhor inteligibilidade e o conforto auditivo possível, dentro do seu orçamento.

E a boa notícia é: nunca o hi-end teve tantas opções como hoje! Se meu pai estivesse vivo, certamente soltaria um sonoro “UAU!” É realmente um fato a ser comemorado, por todos que amam a música e desejam ouvir seus discos no conforto de seu lar.

E se você ainda se sente inseguro para “andar” com as próprias pernas, estamos aqui à sua disposição para orientar e ajudar a avaliar por si mesmo o que lhe agrada, e o que lhe parece mais correto para a reprodução de seus discos. Fazemos este trabalho mensalmente há 24 anos, e nos orgulhamos da quantidade de leitores que ajudamos a encontrar sua própria estrada. ■



XX **Fernando Andrette**
fernando@clubedoaudio.com.br

Fundador e atual editor / diretor das revistas Áudio Ví-deo Magazine e Musician Magazine. É organizador do Hi-End Show (anteriormente Hi-Fi Show) e idealizador da metodologia de testes da revista. Ministra cursos de Percepção Auditiva, produz gravações audiófilas e presta consultoria para o mercado.

DIRETOR / EDITOR

Fernando Andrette

COLABORADORES

André Maltese

Antônio Condurú

Clement Zular

Guilherme Petrochi

Henrique Bozzo Neto

Jean Rothman

Julio Takara

Marcel Rabinovich

Omar Castellan

Tarso Calixto

RCEA * REVISOR CRÍTICO

DE EQUIPAMENTO DE ÁUDIO

Christian Pruks

Fernando Andrette

Juan Lourenço

Rodrigo Moraes

Victor Mirol

CONSULTOR TÉCNICO

Victor Mirol

TRADUÇÃO

Eronides Ferreira

AGÊNCIA E PROJETO GRÁFICO

WCJr Design

www.instagram.com/wcjrdesign/

Áudio Ví-deo Magazine é uma publicação mensal, produzida pela EDITORA AVMAG ME. Redação, Administração e Publicidade, EDITORA AVMAG ME. Cx. Postal: 76.301 - CEP: 02330-970 - (11) 5041.1415 www.clubedoaudioevideo.com.br

Todos os direitos reservados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

EDITORA
AVMAG



VENDAS E TROCAS

VENDO / TROCO

- Braço Kuzma Stogi de 9 polegadas.
Em estado de novo. Na caixa com todos os manuais e acessórios. Com cabeamento original CARDAS terminado em ponteiros XLR (facilmente trocável para RCA caso queira). Posso aceitar troca conforme material.
R\$ 9.800.

- DAC Gryphon Kalliope.

Em estado de novo, na caixa. Um dos mais aclamados DACs da Atualidade. Conversão 32bit/384 KHz assíncrono baseado no conversor ESS SABRE ES9018. Conversão DSD e PCM até 32bit/384 KHz. Controle de fase, mute, seleção de entradas e seleção de filtro digital via controle remoto. R\$ 52.000.

André A. Maltese - AAM

(11) 99611.2257



DAC Gryphon Kalliope



VENDO

- Cabo Ágata 2 XLR - 1,2 m.

IMPECÁVEL! R\$ 10.000.

- Par de monoblocos Pass Labs 100.5.

(seminovo). R\$ 50.000 (o par).

Fernando Andrette

fernando@clubedoaudio.com.br



VENDO

AMPLIFICADOR INTEGRADO MCINTOSH MODELO MA7000

Adquiri este equipamento diretamente com o distribuidor oficial no Brasil e sou o único dono, inclusive tenho as embalagens originais, manuais e controle remoto. Estado de conservação 9/10, em perfeito estado visual e operacional.

- Potência 250 watts por canal
- Impedância saída caixas: 2, 4 ou 8 Ohms (Autoformer)
- Resposta de Frequência: de 20 Hz até 20.000 Hz
- Distorção Harmônica Total: 0,005%
- Pré de Phono
- Duas (2) Entradas Balanceadas
- Sete (7) Entradas RCA
- Uma (1) Entrada para Phono Vinil
- Sistema de proteção patentado: Power Guard
- Saída para Pré Amplificador Externo
- Opções Stereo ou Mono
- Alimentação: 220 Volts / 60 Hz (pode ser modificado)
- Peso: 44 kg

R\$ 38.000.

Equipamento maravilhoso que proporciona uma audição muito agradável.

Paulo Guilherme

(11) 98326.0290
 paulo.gcorrea@yahoo.com.br
 fernando@coneaudio.com.br
 Manual:
http://www.berniers.ch/McIntosh/Downloads/MA7000_own.pdf



VENDO

Sistema de som Grimm Audio LS1 - sem a primeira via, (sub-woofer).

R\$70.000

Fernando Alvim Richard

Tel.: (21) 9.9898.0566
 coneaudio.far@gmail.com
 fernando@coneaudio.com.br



VENDO

- Nakamichi Power amplifier PA5E II - Stasis by Nelson Pass.

- 220 V 50 - 60 Hz
- 450 W de consumo
- 150 W por canal (8 Ohms)
- Frequencia de resposta: 20 - 20.000 Hz
- Input sensitivity / impedance: 1.4 V / 75 kOhms (rated powew)
- 10 transistors por canal
- Output current capability 12 A contínuos, 35 A peak (por canal)

Peso: 16 Kg

Equipamento em ótimo estado de conservação, 220 V

R\$ 3.500

- Yaqin MC-100B Tube amplifier.

Output power:

- 30 Wx2 (8 Ohms) triodo (TR)
- 60 Wx2 (8 Ohms) ultralinear (UL)
- Frequencia de resposta: 5 hz - 80 Khz (-2 db)
- Distorção: 1,5%
- Signal noise ratio: 90 db(A)
- Packed mode: 0,25 V

Input sensitivity:

- Pro mode: 0,6 V
- Valvulas: KT88 Svetlana + 4 originais chinesas 6sn7 12ax7

Caixa e manuais originais

OBS: up grade de trafos de saída e componentes

R\$ 5.200

Reginaldo Schiavini

(21) 97199 9898
 ergos@terra.com.br

VENDAS E TROCAS

VENDO

MSB Analog DAC + Power Supply para vendê-lo.

Estado de novo, pouquíssimo uso, completo, com todas as entradas analógica e digitais (coaxial, toslink, XLR, USB) e Network Renderer.

R\$ 50.000.

Sérgio Kwitko

sergio@oftalmocentro.com.br



Nossa nova série de cabos não recebeu esse nome por acaso.
Ele realmente é uma referência e sua sonoridade é mágica!



**Cabo de Interconexão
Reference Magic Scope**



**Cabo de caixa acústica
Reference Magic Scope**



**Cabo Digital
Reference Magic Scope**

A Sunrise Lab ao desenvolver sua nova linha Reference Magic Scope, tinha como objetivo primordial possibilitar a todos um cabo Estado da Arte de alta compatibilidade e com um custo justo e acessível a todos.
Se você deseja um upgrade seguro e definitivo para o seu sistema, ouça-os.

Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica

CAIXA ESPECIAL VILLA-LOBOS



Confira o mais novo lançamento da OSESF, em parceria com a Naxos e Movieplay, em comemoração ao encerramento das gravações da integral *Sinfonias de Villa-Lobos*. Foram sete anos de trabalho, que incluiu resgate e revisão das partituras, ensaios e gravação para o lançamento em CD.

Heitor VILLA-LOBOS - Sinfonia nº1 e 2



Um método característico de construção sinfônica já está aqui em operação: o ornamentado acorde inicial dá a largada para motivos principais e um ostinato, que provavelmente veio da imaginação do compositor; mas que "registra" em nossos ouvidos como ritmo folclórico, serve de pano de fundo a uma sucessão de novas ideias, reunidas em grupos temáticos bem delineados, que alternam contemplação, lirismo e atividade frenética.

OUÇA TRINTA SEGUNDOS DE CADA FAIXA, DO NOVO CD HEITOR VILLA-LOBOS, SINFONIAS Nº 1 E 2:

- ▶ Faixa 01
- ▶ Faixa 02
- ▶ Faixa 03
- ▶ Faixa 04
- ▶ Faixa 05
- ▶ Faixa 06
- ▶ Faixa 07
- ▶ Faixa 08

www.movieplay.com.br
movieplay@movieplay.com.br

[f /movieplaydigital](https://www.facebook.com/movieplaydigital)
[@movieplaybrasil](https://www.tumblr.com/movieplaybrasil)
[i "movieplaydigital"](https://www.instagram.com/movieplaydigital)

(11) 3115-6833

movieplay
DIGITAL MUSIC

Já disponível nas melhores lojas do Brasil.

UPSAI, um bom motivo para ficar em casa com proteção, qualidade e diversão



Condicionador de energia ACF 2500S

Melhore a performance de sistemas de áudio e vídeo com a Linha de Condicionadores UPSAI.

Design moderno, tomada USB, circuitos com alta tecnologia de proteção controlados por processadores de última geração, garantem energia na medida certa para o perfeito funcionamento dos aparelhos a ele conectados.

Imagens Ilustrativas

criação: msymarketing.com@gmail.com

 @upsai.oficial
www.upsai.com.br

vendas@upsai.com.br | 11 - 2606.4100



UPSAI
sistemas de energia